

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

BRENDA PEREIRA MENINE

**VENEZUELANAS NO BRASIL: INTERFACES DA COMUNICAÇÃO
EM EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS**

PORTO ALEGRE
2022

BRENDA PEREIRA MENINE

**VENEZUELANAS NO BRASIL: INTERFACES DA COMUNICAÇÃO
EM EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, linha de pesquisa Culturas, Política e Significação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisa Reinhardt Piedras

PORTO ALEGRE
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Menine, Brenda Pereira
VENEZUELANAS NO BRASIL: INTERFACES DA COMUNICAÇÃO
EM EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS / Brenda Pereira Menine.
-- 2022.
178 f.
Orientadora: Elisa Reinhardt Piedras.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Comunicação. 2. Cultura. 3. Migração. 4.
Refúgio. 5. Gênero. I. Piedras, Elisa Reinhardt,
orient. II. Título.

BRENDA PEREIRA MENINE

**VENEZUELANAS NO BRASIL: INTERFACES DA COMUNICAÇÃO
EM EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, linha de pesquisa Culturas, Política e Significação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Comunicação.

Aprovada em: 7 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Elisa Reinhardt Piedras – UFRGS
Orientadora

Prof^a. Dr^a Denise Cogo – ESPM
Examinadora

Prof^a. Dr^a Laura Wottrich – UFRGS
Examinadora

Prof^a. Dr^a Nilda Jacks – UFRGS
Examinadora

Prof^a. Dr^a Ana Carolina Escosteguy – UFRGS
Suplente

PORTO ALEGRE
2022

DEDICATÓRIA

À minha melhor história, mais rara e que mais dói. Desde a fronteira mais (in)tensa do país, cada palavra a seguir é dedicada à jovem migrante que encontrou meu caminho em janeiro de 2019. Da flor selvagem, arrancada da terra numa manhã de céu azul, floresceu a inspiração para um projeto de pesquisa em comunicação. Eu poderia dedicar este texto a todas as mulheres migrantes e refugiadas que conheci, mas o mundo inteiro habitava aquele olhar. Porque cabe o universo no espírito de uma jovem corajosa. Ela tem um nome, mas não quero dividi-lo com mais ninguém. É algo importante demais para mim, para nós.

AGRADECIMENTOS

Às **mulheres pesquisadoras da Fabico** [e do mundo acadêmico] pela acolhida às minhas constantes inquietações. Em ordem cronológica, compartilho com vocês os principais nomes que me acompanharam nesta trajetória de mestranda, das quais, sou completamente grata:

À **Nilda**, pelo amor à pesquisa qualitativa, ao trabalho de campo e à pesquisa carregada de sentidos.

À **MHelena**, pelo exemplo, pelo testemunho de coragem, pela potência questionadora e pela luta político-poética.

À **Laura**, pela generosidade, pela leveza e pelo envolvimento genuíno na qualificação.

À **Denise**, pela inspiração para os estudos sobre migração no Brasil e pela disponibilidade em compartilhar seu conhecimento conosco.

Em especial, à **Elisa**, mãe da Lorena e do Inácio, por acreditar comigo [até o final], por me “acompanhar” no campo e respeitar amavelmente meus tempos. Pela acolhida generosa, jovem, maternal, amiga e afetuosa. Por me apresentar o campo dos Estudos em Comunicação e Cultura, no qual sinto o coração pulsar, e pelo modelo inspirador de professora competente, dedicada e exigente que sonho [um dia] me tornar.

Com carinho, recordo a mentoria do Desafio de Crítica na Mídia, a representação discente na Comissão de Autoavaliação e as partilhas no Grupo de Pesquisa Comunicação e Práticas Culturais ao lado da Ana, do Rômulo, do Enéias e da Sabrina.

Mestrage: nome dado ao quarteto de amigas/os que compreendem as entrelinhas da minha dissertação [e da minha vida]. Amo vocês e o nosso espaço seguro. **Gaba**, eu amo a tua humildade vestida de modéstia, a tua sensibilidade e a tua necessidade de ser amada. Eu te amo, entendeu?! **Enéias**, eu ainda acredito que viveremos shows e noites de drinks juntos. Eu torço pela tua docência como se fosse a minha. Você é incrível e eu conto com a tua criticidade pra mudar este mundo acadêmico [nem que seja só um pouquinho]. **Sérgio**, eu te sinto a alma jovem e alegre que precisamos em dias difíceis. Eu acolho a tua sinceridade e falta de paciência, como se fosse meu irmão mais novo. Axé! Seja feliz, meu pequeno RP. O mundo precisa de Sérgio. **Bina**, minha loba preferida

e amada. Minha confidente, amiga-irmã, minha dupla mestranda. Ainda lembro do dia que te vi pela primeira vez nos corredores da Fabico. Uma leoa de juba linda e olhar profundo. Obrigada por tanta maturidade compartilhada em áudios do WhatsApp, obrigada por tanto aprendizado vestido de conselho bobo. Eu te amo, guria. E eu adoro quando dizem que somos parecidas. É uma honra, minimamente, parecer com alguém que eu admiro tanto. Voa! O mundo é teu, é nosso. Te vejo na Colômbia?

À minha família, **pai, mãe, Pri, Axel e Vini**, vocês são e sempre serão meu jardim de afeto, pra onde eu corro pra ser amada e encorajada. Eu sofro, todos os dias, com a distância [geográfica]de vocês. Penso em vocês a cada café da manhã que tomo sozinha na varanda, a cada domingo sem almoço em família e toda vez que preciso de um abraço.

À **Martina**, que carrega no nome a motivação para se tornar uma pequena guerreira e conhecer este mundo louco e intenso. Acredite, tua tia-dinda está aqui para contribuir com a construção de um mundo mais justo e bonito para todas/os nós. Te amo, bebê.

Às mulheres inspiradoras que cruzaram meu caminho: Zely, Teresa, Veronica, Jaque, Rosângela, Priscila, Andreina, Zor, Evelin, Luciane, Lis, Neka, Denise, Nina, Osnilda, Salete...

Em memória à **Irmã Telma**, “culpada” pelo meu retorno a Roraima e por plantar a sementinha do amor às populações migrantes em meu coração. Seguirei, de onde for, dando continuidade ao teu legado. Sentimos tua falta.

Aos amores [revolucionários] que nascem em situações improváveis – como contextos de caos fronteiriços – e nos enchem de coragem para enfrentar o mundo. Tal qual este nosso amor. A contradição [quase] perfeita de um par que dança com os pés descalços no meio da sala e chora de saudade segurando uma taça de vinho branco. Que eu possa [sempre] sentir a nossa janela preferida.

Com afeto,
Brenda.

EPÍGRAFE

*Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento
Nunca estamos quietos, somos trashumantes
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño que lo que toco*

*Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
De ningún lado del todo y
De todos lados un poco*

Movimiento, de Jorge Drexler, 2017.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas no Brasil. Os objetivos específicos são: (I) mapear o processo de chegada de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, na fronteira de Pacaraima/RR; (II) identificar a presença da comunicação nas experiências migratórias de venezuelanas, no momento de chegada no Brasil, priorizando as organizações da Operação Acolhida e (III) analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR. Ao longo da pesquisa, o olhar intercultural perpassa a discussão teórica, envolvendo conceitos de comunicação, cultura, migração e gênero em articulação com diferentes autoras/es. Em relação à estratégia teórico-metodológica, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, compreendendo a pesquisa bibliográfica e documental em livros, teses, dissertações e artigos científicos para construção do estado da arte. Em relação aos dados documentais, as principais fontes de pesquisa são sites e documentos digitais de órgãos do governo federal, organizações que atuam na Operação Acolhida em Pacaraima e em notícias. Para análise do produto midiático, é utilizada a técnica análise documental. Em relação aos dados observacionais, a partir de uma inspiração etnográfica, são utilizadas as técnicas: observação participante e entrevista semiestruturada com quatro mulheres migrantes e refugiadas vivendo no novo território, além do diário de campo. Os resultados da pesquisa contemplam o mapeamento dos possíveis papéis da comunicação em contextos migratórios em prol da mulher migrante e refugiada. É nesse contexto inconstante e dinâmico que a comunicação passa a exercer um papel indispensável pela sobrevivência no país de chegada/acolhida. No novo território, a importância da informação correta e clara é fundamental para garantia de direitos, para compreensão dos processos de regularização migratória, para o empoderamento das mulheres no enfrentamento à violência de gênero e para a tentativa de reconstrução de uma nova vida.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Migração. Refúgio. Gênero.

ABSTRACT

This research has as a general objective to comprehend the role of communication in the migratory experiences of Venezuelan women in Brazil. The specific objectives are: (I) to map the process of arrival of Venezuelan women's migrants and refugees in Brazil, at the border of Pacaraima/RR; (II) to identify the presence of communication in the migratory experiences of these women, in the moment of arriving in Brazil, prioritizing the organizations of Operation Welcome (Operação Acolhida) and (III) to analyze the women migrants' production of meanings in relation to the communication present in the process of arrival in Brazil, in Pacaraima/RR. Throughout the research, intercultural look permeates the theoretical discussion, involving concepts of communication, culture, migration, and gender, in articulation with different authors. Regarding the theoretical and methodological strategy, this is a qualitative and exploratory research, including the bibliographic and documentary research in books, theses, dissertations, and scientific articles to build the state of the art. Regarding the documentary data, the main sources of research are websites and digital documents of federal government agencies, organizations that work in Operation Welcome in Pacaraima and in news. For the analysis of the media product, is used the documentary analysis technique. Regarding the observational data collection, from an ethnographic inspiration, the techniques that are used are: participant observation and semi-structured interview with four women migrant and refugee living in the new territory, in addition to the field diary. The results of the research contemplate the mapping of the possible roles of communication in migratory contexts in favor of migrant and refugee women. It is in this inconstant and dynamic context that communication starts to play an indispensable role for survival in the country of arrival/host country. In the new territory, the importance of correct and clear information is fundamental to guarantee rights, to understand the migratory regularization processes, to empower women to confront gender violence, and to the attempt to rebuild a new life.

Keywords: Communication. Culture. Migration. Refuge. Gender.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AVSI	Associação Voluntários para o Serviço internacional
CMDH	Centro de Migrações e Direitos Humanos
CONARE	Comitê Nacional para Refugiados
OIM	Organização Internacional para as Migrações
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instrumento de coleta do estado da arte.....	28
Quadro 2 – Instrumento para canais de comunicação da Operação Acolhida (Forças Armadas).....	30
Quadro 3 – Instrumento para dados comunicacionais das Agências da ONU em Pacaraima	30
Quadro 4 – Instrumento para descrição de materiais impressos.....	30
Quadro 5 – Instrumento de coleta das notícias.....	31
Quadro 6 – Instrumento da observação participante.....	34
Quadro 7 – Etapas das entrevistas	37
Quadro 8 – Instrumento da entrevista 1.....	38
Quadro 9 – Instrumento da entrevista 2.....	39
Quadro 10 - Síntese das interlocutoras	41

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Migração venezuelana em abril de 2022.....	7
Figura 2 – Apresentação das temáticas do corpus do estado da arte.....	18
Figura 3 – Recorte do mapa-múndi com a localização dos países: Bolívia, Haiti, Senegal, Síria e Venezuela	19
Figura 4 – Migração venezuelana no Brasil – janeiro de 2017 a março de 2022.....	63
Figura 5 – Dados da regularização migratória de venezuelanas em 2022.....	64
Figura 6 – Regularização migratória de venezuelanas no Brasil de 2017 a 2022.....	64
Figura 7 – Menino sírio Aylan	66
Figura 8 – Mapa da cidade de Pacaraima/Roraima.....	71
Figura 9 – Logo da operação acolhida	72
Figura 10 – Página do site institucional da Operação Acolhida.....	73
Figura 11 – Página inicial do Flickr da Operação Acolhida	73
Figura 12 – Youtube da Operação Acolhida.....	74
Figura 13 – Comentários na Página no Facebook da Operação Acolhida	74
Figura 14 – Instagram da Operação Acolhida.....	75
Figura 15 – Twitter da Operação Acolhida	76
Figura 16 – Organizações envolvidas na Operação Acolhida em Pacaraima.....	77
Figura 17 – Folder para impressão.....	80
Figura 18 – Card para rede social.....	81
Figura 19 – Perfil da população venezuelana desabrigada em Pacaraima.....	82
Figura 20 – Dados em relação à integração.....	83
Figura 21 – Folheto da Central de atendimento à mulher	86
Figura 22 – Folheto da Lei Maria da Penha.....	86
Figura 23 – Folheto sobre Violência Sexual.....	87
Figura 24 – Folder sobre planejamento reprodutivo	88
Figura 25 – Folder sobre direitos da gestante e assistência de parto	89
Figura 26 – Registro fotográfico da base militar em Pacaraima	95
Figura 27 – Registro fotográfico das bandeiras na fronteira.....	97
Figura 28 – Registro fotográfico de migrantes em situação de rua.....	98
Figura 29 - Fluxo de acolhimento extraordinário de migrantes em situação de rua	101
Figura 30 – Registro fotográfico de espaço de moradia em Pacaraima.....	103

Figura 31 - Registro fotográfico da Ocupação Vila Esperança	105
Figura 32 - Flor orquídea.....	111
Figura 33 - Flor margarida	111
Figura 34 - Flor girassol.....	112
Figura 35 - Flor hortênsia.....	113
Figura 36 - Folder Violentômetro (frente e verso)	128

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ESTRATÉGIA TEÓRICO-METODOLÓGICA	24
2.1	Perspectiva adotada, tipo e abordagem de pesquisa.....	24
2.2	Recursos de pesquisa documental.....	26
2.3	Recursos de pesquisa observacional e inspirações para a experiência de campo.....	32
3	DISCUSSÃO TEÓRICA	43
3.1	Interfaces entre comunicação, cultura e migração.....	43
3.2	Um olhar intercultural na pesquisa em comunicação	50
3.3	Recorte de gênero no contexto migratório.....	54
4	A COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO MIGRATÓRIO DE MULHERES VENEZUELANAS NO BRASIL	58
4.1	Panorama sobre a migração venezuelana no Brasil e em Pacaraima/RR.....	58
4.2	Presença da comunicação no contexto migratório da fronteira	70
4.3	Experiências migratórias de mulheres venezuelanas atravessadas pela comunicação	91
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE COMUNICAÇÃO, MIGRAÇÃO E GÊNERO	133
6	REFERÊNCIAS	141
	APÊNDICE A - PORTARIAS BRASILEIRAS (A PARTIR DE MARÇO DE 2020)	162
	APÊNDICE B - APRESENTAÇÃO DO CORPUS DO ESTADO DA ARTE	164
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	168

1 INTRODUÇÃO

A comunicação que circula em contextos migratórios é o tema desta pesquisa. Com o agravamento da crise política, econômica e social na Venezuela, o fluxo de migrantes e refugiadas¹ cresceu muito nos últimos anos. Esse deslocamento de venezuelanas² é o maior êxodo da história recente da América Latina, e a ONU estima que mais de seis milhões de pessoas já deixaram a Venezuela³. Na plataforma de coordenação para migrantes e refugiados da Venezuela (R4V), as informações de abril de 2022 indicam que as venezuelanas têm se deslocado para os países vizinhos na América do Sul, em especial, para Colômbia, Peru, Equador, Chile e Brasil (325.763 pessoas).

Figura 1 – Migração venezuelana em abril de 2022



Fonte: www.r4v.info (2022).

1 Ressaltamos, nesta pesquisa, que os conceitos de migrante e refugiada aparecem juntos, com frequência, mas atentamos para suas distinções. O conceito de migrante contempla todas as pessoas em deslocamento (OIM, 2020), ou seja, seria suficiente para falar de venezuelanas, no entanto, compreendemos a relevância em destacar o conceito de refúgio, nesta dissertação, por entendermos que o perfil das refugiadas demanda um olhar ainda mais específico (mais sensível) devido às vulnerabilidades que são agravadas (ACNUR, 2021).

2 Escrevemos **utilizando o gênero feminino na linguagem da dissertação**, pois é o gênero em foco na pesquisa. Além disso, estamos acostumadas a ler as palavras no gênero masculino como se fossem universais. Atentar para essa crítica à linguagem faz parte das discussões contemporâneas sobre igualdade de gênero. Vale ressaltar, que compreendemos que a linguagem neutra (que evita o binarismo) deve ser explorada e desenvolvida, no entanto, para esta dissertação ressaltamos a importância de priorização no gênero feminino, revelando os possíveis desconfortos que essa possibilidade de escrita possa nos gerar. Portanto, quando tratamos da migração venezuelana, ao longo de todo o texto, a escrita no feminino contempla todas as pessoas, inclusive os homens. As citações diretas das/os autoras/es não são modificadas.

3 ACNUR. Brasil é o país da América Latina com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-e-pais-da-america-latina-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

Mesmo não sendo o país que mais recebeu venezuelanas, o território brasileiro foi muito impactado pela migração, especialmente o estado de Roraima, no extremo norte do país, pela fronteira da cidade de Pacaraima, que é a principal entrada para migrantes e refugiadas, que emigram da Venezuela. A pandemia do Covid-19 provocou o fechamento da fronteira brasileira com a Venezuela, desde março de 2020.

De acordo com os dados da plataforma R4V⁴, em fevereiro de 2022, o Brasil registrava 93.997 solicitações de refúgio e 184.594 autorizações de residência. A estratégia de interiorização, que promove a realocação de venezuelanas de Roraima para outros Estados do Brasil, em abril de 2022, contabiliza cerca de 70 mil pessoas interiorizadas (desde abril de 2018). As cidades brasileiras que mais acolheram migrantes e refugiadas são Manaus, Curitiba, São Paulo, Dourados e Porto Alegre.

É indispensável, nesse sentido, esclarecermos a diferença conceitual e prática dos conceitos de migração e refúgio no contexto da migração venezuelana. Atualmente, os conceitos mais utilizados são das Agências da ONU – OIM e ACNUR, por serem focadas nesse público. Nesse sentido, o ACNUR encoraja as pessoas a diferenciarem “refugiadas” e “migrantes”, para

manter a clareza sobre as causas e o caráter dos movimentos, bem como destacar as obrigações devidas às pessoas refugiadas. Tratar as duas definições como sinônimos, retira o foco de proteções legais e das necessidades específicas vivenciadas por pessoas refugiadas. (ACNUR, 2022).

O conceito de migração, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2021), é mais abrangente, pois contempla todas as pessoas que saíram dos seus locais de origem, ou seja, a palavra migração representa as populações que realizam deslocamentos, independentemente da motivação. Para especificar a migração venezuelana, muitas vezes, a palavra refúgio é utilizada de forma equivocada e generalizada. São consideradas refugiadas apenas as migrantes que não possuem

4 Em abril de 2018, o Secretário-Geral das Nações Unidas emitiu diretrizes para o ACNUR e a OIM liderarem a resposta à situação dos refugiados e migrantes da Venezuela em 17 países da América Latina e do Caribe. Seguindo essa direção, a Plataforma Regional de Coordenação Interagencial R4V (Response for Venezuelans) foi criada como um fórum para coordenar as ações de agências da ONU e organizações da sociedade civil voltadas a promover o acesso a direitos, serviços básicos, proteção, autossuficiência e integração socioeconômica para esta população, bem como suas comunidades de acolhida. BRASIL. Informe de Interiorização Dezembro 2020. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/brazil>. Acesso em: 20 jan. 2021.

residência no país acolhedor ou documentação necessária para solicitação de residência (OIM, 2021). Também são consideradas pessoas refugiadas aquelas que estão em “situação de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, ou seja, são pessoas que não podem (ou não querem) voltar para seu país de origem” (ACNUR, 2020). A importância de compreendermos essa diferença é fundamental.

Enquanto os termos ‘refugiado’ e ‘migrante’ podem parecer similares, eles têm significados distintos e confundi-los pode ter sérias consequências para a vida e a segurança de pessoas refugiadas. As definições guardam diferenças fundamentais entre si, pois cada uma corresponde a uma série de direitos e deveres próprios. (ACNUR, 2022).

Ou seja, refugiadas são pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política, ou pertencimento a um determinado grupo social, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados. Atualmente, existem cerca de 25,4 milhões de pessoas nessa situação, número esse sem precedentes na história (ACNUR, 2020). O ACNUR disponibiliza um documento para impressão, em formato PDF, no site help.unhcr.org⁵ que explica, de forma didática as diferenças entre a pessoa migrante e refugiada:

Entenda alguma das diferenças legais e práticas entre refugiados e migrantes:

Refugiados:

- Pessoas que foram forçadas a deixar seu país pois suas vidas ou integridade corriam risco, e que não podem voltar a seu país de origem porque não contam com proteção estatal.
- Contam com proteção internacional da Convenção de Pessoas refugiadas de 1951, do Protocolo de 1967 e da Declaração de Cartagena.
- Estão sob o mandato da Agência da ONU para Pessoas refugiadas (ACNUR).
- No Brasil, a implementação da proteção de pessoas refugiadas é definida pela Lei n.º 9.474/97.
- As pessoas refugiadas têm direito à proteção internacional específica definida pelo direito internacional dos refugiados, além de proteção geral dos direitos humanos.

Migrantes:

5 ACNUR. Refugiado x Migrante. Disponível em: <https://help.unhcr.org/brazil/asylum-claim/refugiado-x-migrante/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

- Deslocamento voluntário em busca de melhores condições de vida, podem retornar a seu país de origem sem riscos e contam com proteção estatal.
- Não contam com proteção internacional específica, dependem das leis e processos internos de cada país.
- No Brasil, a Lei n.º 13.445/2017 dispõe sobre os direitos e deveres do migrante em território nacional, entre outras providências.
- Não existe uma definição legal internacionalmente aceita do termo migrante, sendo assim esse grupo tem direito à proteção geral dos direitos humanos, sem importar o status migratório. (ACNUR, 2022).

Para o ACNUR (2022), é preciso atentar para o Pacto Global para Migração⁶ que defende que apenas as refugiadas “têm direito à proteção internacional específica definido pelo direito internacional dos refugiados”.

O acesso ao procedimento de solicitação de refúgio é universal e não depende da demonstração prévia de quaisquer provas. Assim, cabe aos Estados receber solicitações de refúgio, ouvir os(as) solicitantes e garantir que o procedimento de tomada de decisão seja justo e eficiente. Refugiados não devem ser expulsos ou devolvidos a situações em que sua vida e liberdade estejam sob ameaça. Negar refúgio para essas pessoas pode ter consequências graves em suas vidas. (ACNUR, 2022).

O ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) incentiva os governos a reconhecerem a condição de refugiada de pessoas venezuelanas por meio de determinações baseadas em grupos. No Brasil, a decisão aconteceu após o reconhecimento por parte do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) da situação de grave e generalizada violação de direitos humanos na Venezuela, em linha com a Declaração de Cartagena de 1984 sobre as refugiadas. Os dados do CONARE, disponibilizados na Plataforma Interativa de Decisões sobre Refúgio⁷, indicam que 49.045 venezuelanas foram reconhecidas como refugiadas no Brasil (dados de novembro de 2021). Das solicitações de refúgio, cerca de 42% foram de mulheres venezuelanas e 58% de homens venezuelanos.

Cabe ressaltar que, no Brasil, tanto migrantes quanto refugiadas têm acesso aos direitos, tal qual, brasileiras e brasileiros, como direito à educação, saúde e trabalho. O direito ao voto só é permitido às pessoas com nacionalidade brasileira, originária (nata)

6 O Pacto Global para a Migração é o primeiro acordo negociado intergovernamentalmente, preparado sob os olhares das Nações Unidas, para cobrir todas as dimensões da migração internacional de forma holística e abrangente. Disponível em: <https://refugeesmigrants.un.org/migration-compact>. Acesso em 30 abr. 2022.

7 Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/conare-concede-status-de-refugiado-ha-quase-8-mil-venezuelanos>. Acesso em 20 jan. 2021.

ou adquirida (naturalizada). A opção pela solicitação de refúgio ou pela residência temporária, no Brasil, é individual. No entanto, há requisitos mínimos de documentação para ser residente no país que são dispensados para solicitantes de refúgio (devido às vulnerabilidades já mencionadas). Ou seja, a pessoa que migra opta por uma das duas opções, de acordo com as informações que detém e/ou a partir da documentação obrigatória.

De acordo com o documento do subcomitê federal para recepção, identificação e triagem dos imigrantes migração venezuelana, no período de janeiro 2017 a março 2022, foram registradas 717.947 entradas de migrantes venezuelanas no Brasil e 380.699 saídas (pela fronteira com a Venezuela e movimentos de saída para outros países), totalizando um saldo de movimentações de 337.248 migrantes permanecendo no país. As cidades de Pacaraima, Manaus e Guarulhos são os principais postos de entrada no Brasil. Em relação ao perfil dessas/es migrantes, 53% são homens e 47% mulheres, e 78% estão na faixa etária de 18 a 59 anos de idade (OIM BRASIL, 2022).

Durante a pandemia, o Brasil emitiu algumas medidas excepcionais e temporárias (APÊNDICE A) para entrada no País, dentre elas, a portaria nº 120, de 17 de março de 2020 que “dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros oriundos da Venezuela, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa” (PLANALTO.GOV, 2020), ou seja, a decisão de fechamento da fronteira devido à pandemia do Covid. A portaria nº 655, de 23 de junho de 2021, mantinha a fronteira fechada, mas em caráter flexível, visto que no Art. 4º permitia:

- I - a execução de ações humanitárias transfronteiriças previamente autorizadas pelas autoridades sanitárias locais;
- II - o tráfego de residentes fronteiriços em cidades-gêmeas, mediante a apresentação de documento de residente fronteiriço ou de outro documento comprobatório, desde que seja garantida a reciprocidade no tratamento ao brasileiro pelo país vizinho;
- III - o livre tráfego do transporte rodoviário de cargas, ainda que o motorista não se enquadre no rol de que trata o art. 3º, na forma prevista na legislação; e
- IV - **a execução de medidas de assistência emergencial para acolhimento e regularização migratória**, nos termos da legislação migratória vigente, a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária, no território nacional, reconhecida por ato do Presidente da República, nos termos do parágrafo único do artigo 3º da Lei 13.684, de 21 de junho de 2018, de acordo com os meios disponíveis. (PLANALTO.GOV, 2021).

Em 01 de abril de 2022, foi publicada uma decisão do Governo Federal do Brasil, a portaria 670/2022, que permite a entrada de estrangeiros no país, contanto que

tenham a vacinação contra COVID-19⁸. (BRASIL, 2022). No período, a situação na cidade fronteiriça de Pacaraima era instável, apesar da abertura da fronteira. Diariamente, muitas pessoas atravessam a pé, de forma irregular⁹, sem quaisquer condições de saúde, alimentação ou proteção. A Polícia Federal, em muitos casos, deportou migrantes que estavam em situação irregular na fronteira. De acordo com a Agência da ONU para Migração (OIM), em dezembro de 2020, cerca de 1.327 pessoas estavam desabrigadas em Pacaraima, sendo que 1.288 pessoas viviam em assentamentos espontâneos e espaços cedidos, e 50% eram mulheres (POPULAÇÃO..., 2020, documento eletrônico). Em março de 2022, o número de pessoas desabrigadas em Pacaraima aumentou para 2.218 migrantes em 15 ocupações espontâneas: Balança, Anel Viário II, Vila Esperança, Casa da Acolhida São José, Morro do Quiabo II, Morro do Quiabo III, Morro do Quiabo I, Vila Nova II, Vila Nova I, Victoria em Cristo, Igreja Independente Batista, Florestal, Orquídea II, Orquídea III e Anel Viário III. Desse total, 681 eram homens e 586 mulheres, e 951 (43%) eram menores de 18 anos.

Para compreendermos as origens da crise venezuelana, precisaríamos fazer uma retrospectiva histórica, analisando dados políticos, econômicos e culturais, que demandaria uma complexidade que abordamos, nesta dissertação, de forma muito pontual e breve, a partir de uma leitura de acontecimentos recentes que se soma aos acontecimentos históricos para construir a realidade atual do país.

Destacamos as características em relação à riqueza natural do território venezuelano e ao sistema de governo que são bastante pertinentes para começarmos a entender os atravessamentos dessa crise migratória. Há muitas formas de interpretarmos as razões para a Venezuela alcançar índices altos de evasão, sejam sociais, políticas, econômicas, ambientais ou culturais, podemos destacar, por exemplo, a disputa entre Nicolás Maduro (e seu partido — Partido Socialista Unido da Venezuela) e

8 De acordo com o site do ACNUR, conforme prevê a Portaria 670/2022, neste momento não há restrições para a entrada de pessoas provenientes de outros países, tampouco para aqueles da Venezuela que ingressam no Brasil pela fronteira Santa Elena – Pacaraima. No entanto, cabe destacar que há uma forte demanda por regularização migratória na fronteira entre Brasil e Venezuela, o que pode prolongar todos os procedimentos necessários para entrar no Brasil, bem como tirar os documentos aos quais refugiados e migrantes têm direito no país. (ACNUR, 2022).

9 Há rotas irregulares/alternativas na cidade de Pacaraima, nas quais, as migrantes não precisam passar pela Delegacia da Polícia Federal para identificação e regularização migratória. No entanto, essas pessoas em situação irregular (sem o visto de entrada, por exemplo), não conseguem sair da cidade de Pacaraima pelos meios regulares/legais. Essas pessoas ainda podem receber sanções da Polícia Federal, como multas e deportação.

a oposição venezuelana, que denuncia os abusos de poder cometidos pelo presidente. A crise na Venezuela também está diretamente ligada à desvalorização do petróleo no mercado internacional, o que aconteceu a partir de 2014. Para ilustrar a crise, uma notícia de 2018, da editoria de Economia do g1 informava que “a fome fez os venezuelanos perderem, em média, 11 quilos¹⁰”.

A diversidade de informações sobre migração e refúgio nos mostram que a temática pode ser compreendida, estudada, lida e criticada de diversas formas, há muitos atravessamentos e perspectivas possíveis nos estudos migratórios. Como comunicólogas, optamos por pesquisar a migração e as interfaces com a comunicação, a partir de um olhar atento para as questões de gênero. O recorte de mulheres migrantes, ou seja, pensar o feminino, num contexto migratório, é uma maneira de contribuir com os estudos da área da comunicação e, ainda, deslocar o olhar das mídias, dos meios e dos produtos. A centralidade das mulheres migrantes, das interlocutoras venezuelanas, é uma premissa desta pesquisa, na qual buscamos destacar nos objetivos apresentados em seguida.

A partir temática migratória, o problema de pesquisa proposto é: como as mulheres venezuelanas migrantes e refugiadas percebem a comunicação no processo de chegada ao Brasil?

O objetivo geral da pesquisa é compreender o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas no Brasil.

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- I. Mapear o processo de chegada de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, na fronteira de Pacaraima/RR.
- II. Identificar a presença da comunicação nas experiências migratórias de venezuelanas, no momento de chegada no Brasil, priorizando as organizações da Operação Acolhida.
- III. Analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR.

10 G1 economia: o que levou a Venezuela ao colapso econômico e à maior crise da sua história. Disponível em: Acesso em: 30 jun. 2020.

A dimensão social da temática migratória poderia ser suficiente para justificar esta pesquisa, mas há outra motivação importante para trabalhar com migrantes e refugiadas: a afinidade pessoal da pesquisadora com a questão, em virtude de uma experiência de voluntariado vivida durante o mês de fevereiro de 2019. Atuando como voluntária no Centro de Migrações e Direitos Humanos (CMDH), nas cidades de Boa Vista e Pacaraima, no Estado de Roraima, foi possível desenvolver atividades de assistência e orientação para migrantes e refugiadas, bem como práticas de comunicação em projetos de sensibilização e formação. O objetivo dessa experiência voluntária era contribuir e apoiar iniciativas que promovessem a cultura da paz e da solidariedade, a cidadania, os direitos humanos, o desenvolvimento humano, solidário e sustentável, e a justiça social.

Essa experiência foi ampliada através da atuação profissional na OIM (Organização Internacional para as Migrações) como Assistente de Projetos na cidade de Pacaraima, desde dezembro de 2020 até junho de 2022. A atuação contempla a assistência às relações de trabalho com outras agências da ONU em missão local, implementando projetos e atividades integradas. E, também, com a Operação Acolhida, autoridades brasileiras, ONGs (OSCs – Organizações da Sociedade Civil) e outros parceiros que cumprem suas funções no campo. Neste momento, cabe ressaltar que compreendemos que estar institucionalmente em campo implica no processo de toda a pesquisa e, logo, nos resultados, requerendo reflexividade científica e vigilância epistemológica. A pesquisa de campo teve duração de 14 meses, considerada longa para uma dissertação de mestrado.

Estar na cidade de Pacaraima, como pesquisadora e colaboradora humanitária, foi um desafio maior do que previa. Além de ser uma migrante interna do Brasil, é importante registrar que a carga de trabalho e as responsabilidades de liderar uma equipe na linha de frente da Operação Acolhida foi um aprendizado complexo e intenso. Esta pesquisa, portanto, foi desenvolvida em completo diálogo com a vivência de campo, com o dia a dia da fronteira de Pacaraima, incluindo todos os estímulos (tanto positivos quanto negativos) de viver em contato com o objeto pesquisado, numa cidade com pouca estrutura e sem acesso estável à internet.

A partir dessas experiências, foi possível conhecer a história de centenas de migrantes e refugiadas venezuelanas, suas expectativas, motivações para migrar, dificuldades e sonhos. A atuação voluntária coincidiu com o momento mais crítico na

fronteira, em 2019, quando o presidente da Venezuela fechou as fronteiras do país, impedindo a entrada da ajuda humanitária. Os noticiários anunciavam o caos político e social da fronteira, e a pesquisadora deste estudo vivenciou intensamente esse momento. Ao longo dos últimos meses, acompanhamos a fronteira brasileira fechada, flexibilizada e aberta. É praticamente impossível acompanhar todo o dinamismo de Pacaraima, especialmente num período pandêmico.

Em relação à situação do Covid-19 no Brasil, cabe destacar que a pandemia agravou a vulnerabilidade das migrantes e refugiadas que atravessam a fronteira em busca de dignidade e daquelas que já viviam em situação precária no território brasileiro. A pandemia e o isolamento social também impactaram o desenvolvimento desta pesquisa. As aulas à distância, a falta dos diálogos presenciais, as incertezas, as relações familiares e toda dinâmica do cotidiano que se transformou e diminuiu o convívio e o contato, aumentando a saudade, são situações não planejadas que prejudicam a saúde física e emocional de todos nós. Pensar a pesquisa acadêmica no Brasil já era um desafio, mas com a pandemia ficou ainda mais instável e delicado.

Como justificativa social para o desenvolvimento da pesquisa, os dados do Relatório Global Trends 2019 do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) nos indicam que 1% da população do planeta está em situação de deslocamento forçado, ou seja, quase 80 milhões de pessoas no mundo estão fora de seus locais de origem “em função de perseguição, conflito, violência e violações de direitos humanos” (ACNUR, 2019). Esses dados são um alerta para discussões sobre migração, pois são os maiores números já registrados na história até hoje. Os fluxos migratórios estão cada vez mais intensos, e o deslocamento forçado praticamente dobrou na última década.

A justificativa relacionada ao campo da comunicação aponta para os contextos internacionais, em que os processos interculturais estão cada vez mais presentes. Somos provocadas a discutir questões sobre diversidades étnico-culturais, identidades nacionais e, claro, migrações. Compreendendo a importância e a urgência de discutir a temática migratória, a partir de perspectivas comunicacionais e interculturais, entendemos que esta pesquisa pode contribuir para o questionamento dos nossos papéis enquanto pesquisadoras e pesquisadores de comunicação, em contextos sociais e culturais. Questionar e reconhecer as fragilidades do campo, da formação acadêmica e

da produção científica brasileira também são caminhos possíveis para o desenvolvimento de pesquisas em comunicação.

Nesse sentido, o estado da arte da pesquisa acadêmica brasileira em comunicação e migração, no Brasil, indica que há estudos de grupos consolidados que pesquisam questões sobre contextos de deslocamentos forçados, diaspóricos e desterritorializantes no campo da comunicação. Entretanto, entendemos que a temática poderia ser muito mais debatida no campo da comunicação e em eventos da área. Há, também, contribuições importantes para os Estudos Culturais. Nesse sentido, Cogo (2006) acredita que o ponto de partida é entender que o fenômeno migratório pressupõe, cada vez mais, a reflexão da interculturalidade entre pessoas de culturas distintas vivendo em um mesmo país. Assim, migrantes, refugiadas e comunidades locais convivem em certa interdependência que envolve convergências e contradições relacionadas às práticas de comunicação e cultura.

Compreender que a comunicação faz parte dos processos migratórios é uma premissa desta pesquisa. Toda fronteira traz em si uma contradição, tornando-se limite e, ao mesmo tempo, lugar de encontro. É, de fato, lugar de mediação necessária para que haja comunicação, diálogo, conhecimento e reconhecimento entre as diversidades motivadas pelas migrações. A globalização evidencia e impulsiona cada vez mais a diversidade cultural, fazendo com que as sociedades tenham que “aprender a lidar com as diferenças, mais do que em qualquer outro momento histórico” (FERRARI, 2015, p. 49).

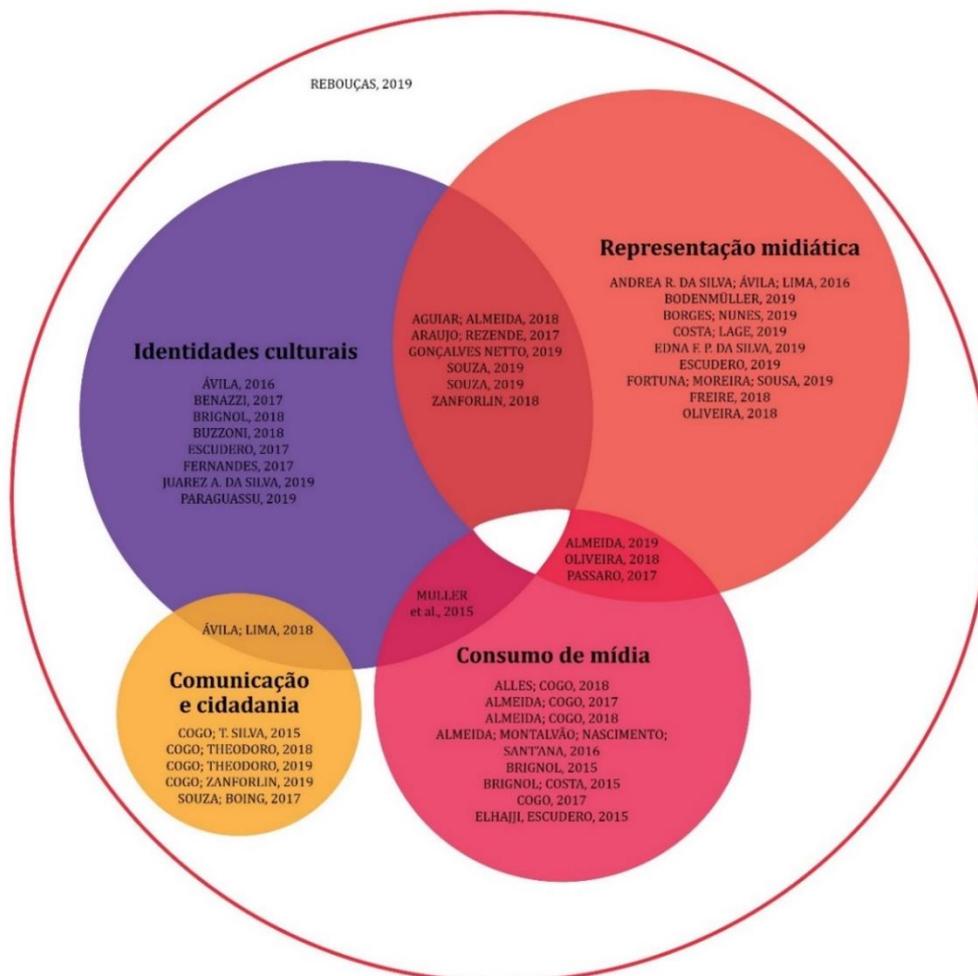
No campo da comunicação, identificamos o estado da arte das pesquisas em comunicação que tratam da temática migratória, no período de 2015 a 2020, no Brasil. Selecionamos dezenas de estudos com as seguintes palavras-chave: comunicação; cultura; migração; refúgio e gênero. Trabalhos que apresentavam contextos globais, ou migrações que não estão no Brasil foram desprezados nessa etapa. O total de materiais coletados foi de 134, sendo 33 teses e dissertações, 47 artigos em periódicos e 54 artigos em anais de eventos. A partir desse conjunto de 134 pesquisas, foram retirados os artigos que derivavam diretamente das teses e dissertações selecionadas, e foram destacados os estudos mais recentes (dentro os artigos de periódicos e eventos), com abordagens parecidas dos mesmos autores. O corpus do estado da arte desta pesquisa

contempla, portanto, 41 trabalhos, apresentados no Apêndice B, sendo nove teses e dissertações¹¹, 12 artigos de periódicos e 20 artigos de anais de eventos.

Após a leitura do corpus do estado da arte, foi possível agrupar algumas pesquisas a partir das seguintes temáticas comuns: identidades culturais; comunicação e cidadania; representação midiática; e consumo de mídia. No entanto, ao longo das aproximações ficou evidente que não é possível restringir e categorizar os estudos a partir de quatro temáticas isoladas. Alguns trabalhos, sinalizados na Figura 2, possuem relação/intersecção com mais de uma categoria. Essa característica aponta para uma interpretação positiva e agregadora desses estudos, que diz respeito à interdisciplinaridade e à diversidade de abordagens, às vezes opostas e complementares, dependendo do olhar do/a pesquisador/a e das perspectivas teóricas.

11 Dentre as nove teses e dissertações, duas foram realizadas na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), duas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma na Universidade Federal do Piauí (UFPI), uma da Universidade Federal Fluminense (UFF), uma na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), uma na Universidade Paulista (UNIP) e, por fim, uma na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Figura 2 – Apresentação das temáticas do corpus do estado da arte



Fonte: Elaborado pela autora.

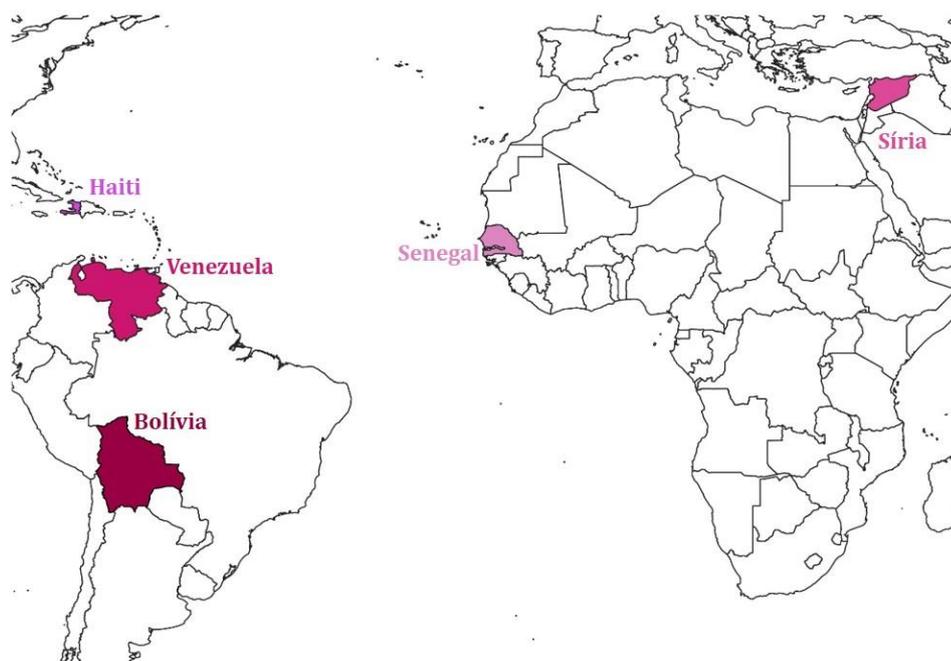
Uma observação integral das pesquisas também nos permite mapear e relacionar subtemas abordados nos estudos, dentre eles: memória, mercado de trabalho, transnacionalismo, gênero (feminismo, LGBT+ e cultura *queer*), fronteira e território. Observar as temáticas abordadas no corpus do estado da arte nos possibilita refletir sobre as principais contribuições e as lacunas pertinentes ao campo da comunicação, para vislumbrar os caminhos possíveis e necessários de uma dissertação sobre a migração venezuelana no Brasil.

A partir dos objetivos das pesquisas, também foi possível identificar as principais nacionalidades estudadas pelas/os pesquisadoras/es brasileiras/os, no que tange à temática migratória. Dentre as 41 pesquisas mapeadas, cerca de 15 tratam de fluxos migratórios, diásporas e refúgio sem, necessariamente, abordar e/ou indicar uma nacionalidade específica. No entanto, em alguns casos, são reveladas as nacionalidades

de entrevistadas/os, por exemplo, sem se deter aos impactos ou à relevância dessa informação. Nesse sentido, apareceram diferentes nacionalidades, como: angolana, finlandesa e americana.

A maioria das pesquisas, contudo, aponta para a importância da nacionalidade no contexto migratório, partindo de um pressuposto que cada país e cada povo possui uma história única que motiva ou obriga esses deslocamentos. Por isso, conforme a Figura 3, cerca de 26 das 41 pesquisas mapeadas, indicam a nacionalidade das/os migrantes/refugiadas/os. A migração haitiana é a mais recorrente, sendo estudada em 14 pesquisas. Apenas cinco pesquisas abordam a migração venezuelana, três tratam da migração síria, duas da boliviana e duas da senegalesa.

Figura 3 – Recorte do mapa-múndi com a localização dos países: Bolívia, Haiti, Senegal, Síria e Venezuela



Fonte: Elaborado pela autora.

Cabe, nesse sentido, destacar os estudos que abordam a migração venezuelana no Brasil, pois é nosso foco de pesquisa. Ainda não há teses ou dissertações sobre a migração venezuelana no país, e dos cinco artigos mapeados, três possuem cunho jornalístico: “Um ano de interiorização dos venezuelanos no Brasil: xenofobia e *fake news* enquanto batalhas invisíveis dos refugiados” (EDNA F. R. da Silva, 2019); “A crise dos migrantes e refugiados venezuelanos na imprensa brasileira” (COSTA; LAGE, 2019) e “Venezuelanos em Roraima: uma análise sobre o perfil da cobertura da questão

migratória em dois jornais locais” (BODENMÜLLER, 2019). Os outros dois artigos são: “Discurso e comunicação de um processo transnacional: a imigração venezuelana para o Brasil” (ESCUDERO, 2019) e “O uso da câmera de vídeo na observação-ação-participativa: por uma ressignificação comunitária de refugiados venezuelanos em situação de abrigo em Boa Vista/Roraima” (AGUIAR; ALMEIDA, 2018).

De acordo com a plataforma Interativa de Decisões sobre Refúgio no Brasil¹², fruto de um projeto entre CONARE e ACNUR, as principais solicitações de refúgio, em junho de 2020, são dos seguintes países (em ordem decrescente): Venezuela, Senegal, Haiti, Síria, Angola, Cuba e República Democrática do Congo. Atentar para esse desequilíbrio entre a realidade do Brasil e as pesquisas acadêmicas nos provoca alguns questionamentos. Por que a migração haitiana é mais estudada? Seria pelo símbolo de migrar em busca do sonho de uma vida melhor, pela motivação das Obras da Copa do Mundo? Ou pelo terremoto de 2010 que devastou o país? Seria porque as/os haitianas/os eram presença significativa em São Paulo? E, talvez, as venezuelanas tenham a presença mais concentrada no norte do país? Ou evitamos estudar venezuelanas pelas motivações políticas (sociais e culturais) que esse contexto migratório específico exige? O contexto brasileiro definido na última eleição presidencial pode impactar, de alguma forma, as nossas pesquisas acadêmicas? São muitas as questões que esses dados nos incitam e, por isso, nos motivam a seguir conhecendo cada vez mais os contextos de deslocamentos forçados no Brasil.

Em relação à visibilidade midiática, o tema das migrações é cada vez mais recorrente nos noticiários do mundo inteiro e o número de pessoas deslocadas aumenta a cada dia. A pauta ganha proporções mundiais quando pessoas começam a viajar pelo mar em busca de sobrevivência no território europeu. As legislações dos países são modificadas e, em raras exceções, defendem a vida e a dignidade da/o migrante. A globalização, as guerras, catástrofes ambientais, a fome e tantas outras motivações permeiam a discussão dos contextos migratórios. Contemplamos nesta dissertação a migração venezuelana no Brasil, com recorte para as questões de gênero, compreendendo toda teia de problemáticas encontradas nesse território: a falta de medicamentos e serviços de saúde, a fome, a violência, o desemprego, a xenofobia, os

12 Disponível em: encurtador.com.br/clmoY. Acesso em 10 out. 2020.

conflitos entre migrantes e brasileiras/os, entre outras situações de violação de direitos das mulheres migrantes e refugiadas.

A partir da leitura do corpus, foi possível identificar algumas lacunas nas pesquisas e muitas contribuições para o campo da comunicação. O conjunto de trabalhos pode ser considerado diverso e plural, abordando algumas relações possíveis entre migração e o campo da comunicação. Uma das principais abordagens diz respeito à introdução da discussão de gênero e da cultura *queer* nas pesquisas acadêmicas. A proposta é que a abordagem do gênero seja compreendida como um princípio de organização social, de produção de desigualdade e de relações de poder e, nesse sentido, possa amplificar também a reflexão sobre experiências de migração e gênero que assumem um forte caráter público e político, como é o caso dos ativismos migratórios transnacionais que, assim como as famílias transnacionais, se desenvolvem fortemente configurados e mediados pelas TICs.

As principais contribuições dos trabalhos atentam para a (in)visibilidade das migrações femininas, a dificuldade de aproximação a sujeitos LGBTQI+ imigrantes, o alerta para a interseccionalidade, para as questões raciais e para contextualização das disputas políticas. As pesquisas também tendem a demonstrar preocupação com o protagonismo das migrantes, em percebê-las seres integrais e de direitos. Um dos trabalhos, inclusive, indica a necessidade de descolarmos da visão adultocêntrica das pesquisas e incluirmos crianças e pessoas idosas. Nesse sentido, cabe destacar que nenhuma das informantes das pesquisas do estado da arte é uma pessoa idosa.

Alguns trabalhos buscam entender o lugar da comunicação e da cultura nesses contextos migratórios, em que há mediações das identidades e tecnicidades. Essa compreensão tende a ser ancorada na perspectiva dos estudos culturais. Há, ainda, uma forte crítica à imprensa brasileira, à mídia tradicional e às/aos jornalistas por enfatizarem migrantes como seres meramente econômicos, colocando essas pessoas, em segundo plano, como seres culturais, sociais, políticos e, claro, diversos.

Apenas dois trabalhos atentam para a dimensão da comunicação intercultural, as discussões sobre decolonialidade são praticamente inexistentes, a inserção no mundo do trabalho também é um eixo que aparece em dois trabalhos. Memória, alteridade, problemas de relacionamento, preconceito, problemas legais, dificuldades na aquisição de documentos e no acesso a direitos também configuram contribuições importantes dos trabalhos.

Outra contribuição relevante está nas questões direcionadas às migrantes: os motivos da vinda ao Brasil, a chegada ao país, a adaptação/integração e os usos e as apropriações de mídias nesse processo, as experiências vividas no país (dificuldades enfrentadas, semelhanças e diferenças com o país de origem, interação com os espaços – simbólicos e físicos – da cidade etc.). As redes e organizações de apoio a migrantes são frequentemente ouvidas pelas/os pesquisadoras/es, mas sem destacar o aprofundamento da atuação, das perspectivas e, às vezes, desconsiderando as normas e ideologias sociais e políticas. De forma geral, os trabalhos do estado da arte apontam que o capitalismo global opera em prol do controle e da criminalização das migrações, ancorado na centralidade das mídias e na representação midiática que reforça estereótipos. É nesse sentido que alguns trabalhos definem como horizonte uma cidadania possível para a dignidade das migrantes.

Visando contribuir com esse campo de pesquisa, além da introdução, esta dissertação é organizada em mais cinco capítulos: estratégia teórico-metodológica, discussão teórica, estudo empírico, considerações finais e referências. Em relação à estratégia teórico-metodológica, no segundo capítulo, apresentamos a perspectiva adotada, tipo e abordagem de pesquisa, os recursos de pesquisa documental e observacional, além de inspirações para a experiência de campo e recursos de análise de produto midiático.

No terceiro capítulo, abordamos a discussão teórica sobre os principais conceitos da pesquisa: interfaces entre comunicação, cultura e migração, bem como, apresentamos um olhar intercultural na pesquisa em comunicação e, por fim, dialogamos sobre um recorte de gênero no contexto migratório. No quarto capítulo, desenvolvemos o estudo empírico da pesquisa, a partir de dados documentais e dados observacionais, e apresentamos: migrantes e refugiadas venezuelanas na fronteira de Pacaraima/RR (Brasil), a presença da comunicação nas experiências migratórias de venezuelanas no Brasil e as experiências migratórias de mulheres venezuelanas atravessadas pela comunicação.

No quinto capítulo, considerações finais, delineamos o fechamento da pesquisa com os principais resultados encontrados, de acordo com os objetivos estabelecidos e descritos nesta introdução. Destacamos, em seguida, as principais contribuições da pesquisa e alguns *insights* para produções futuras sobre a temática migratória. Encerramos a pesquisa descrevendo as referências e os apêndices.

2 ESTRATÉGIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo, abordamos a estratégia teórico-metodológica, orientada pelos objetivos da dissertação. Iniciamos pela perspectiva adotada, tipo e abordagem de pesquisa e, após, apresentamos os recursos de pesquisa documental e de análise de produto midiático e, por fim, os recursos de pesquisa observacional e algumas inspirações para a experiência de campo.

2.1 Perspectiva adotada, tipo e abordagem de pesquisa

Essa pesquisa é desenvolvida a partir da perspectiva qualitativa e possui caráter exploratório (GIL, 2008). Para Goldenberg (2007, p. 32) a pesquisa qualitativa “[...] tenta ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem”. Para a autora, diferente das ciências naturais, que se preocupam com generalizações, as ciências sociais devem se preocupar com a compreensão de casos particulares. Nesse sentido, Gómez (2000, p. 73) define que “[...] a perspectiva qualitativa pretende encontrar o que é distinto, o que é próprio, o que diferencia aquilo que estamos explorando do conjunto que está integrando”. Gómez (2000, p. 75, tradução nossa) ressalta a importância de pensar a pesquisa como um processo, “um processo no qual o pesquisador vai adentrando, vai descobrindo novos elementos, novas relações, as vai explorando e entendendo gradativamente”. O objetivo da pesquisa qualitativa é interpretar o objeto da forma mais integral possível, ou seja, está alicerçado na interpretação de realidades sociais (BAUER; GASKELL, 2005).

Esta pesquisa é desenvolvida a partir da visão das migrantes e refugiadas, deslocando o olhar dos meios para as mediações, e compreendendo a cultura a partir da comunicação. Para Martín-Barbero, a socialidade, mediação que articula matrizes culturais e competências de recepção, é como uma teia de relações, e de usos coletivos de comunicação, que envolvem as relações cotidianas que as pessoas estabelecem com os meios. Nesse sentido, Angrosino (2009), apresenta um olhar feminista para a etnografia, que buscamos exercitar ao longo da pesquisa.

Da mesma forma, os modelos organizados e coerentes de equilíbrio social preferidos pelos funcionalistas (entre outros) são postos de lado em favor de uma visão da vida social entendida como eventualmente desordenada,

incompleta, fragmentada. Para tanto, pesquisadores feministas buscam uma forma de etnografia que permita a empatia, a subjetividade e o diálogo, a fim de explorar melhor os mundos interiores das mulheres, até o ponto de ajudá-las a expressar (e assim superar) a sua opressão. A “entrevista” tradicional (que implicitamente colocar o pesquisador em um papel de poder) também é rejeitada em favor de um diálogo mais igualitário, frequentemente incorporado na forma da história de vida na qual a pessoa é incentivada a contar a sua própria história de sua própria maneira e nos seus próprios termos, com um mínimo de interferência do pesquisado. A etnografia baseada na abordagem da história de vida é vista como uma maneira de preservar a integridade dos indivíduos, ao contrário de outras técnicas de entrevista que tendem a segmentá-las em peças analiticamente separadas. (ANGROSINO, 2009, p. 23).

Pensar meu lugar de pesquisadora como mulher, jovem e migrante interna no Brasil, sem dúvidas, também faz parte do processo de desenvolvimento da pesquisa. Essa perspectiva de autorreflexão é uma característica dos estudos culturais, de acordo com Angrosino (2009).

Uma importante característica dos estudos culturais é esperar que os pesquisadores sejam autorreflexivos, o que significa estarem tão preocupados com quem eles são (em relação a gênero, raça, etnicidade, classe social, orientação sexual, idade e assim por diante) como fator determinante de como eles veem a cultura e a sociedade quanto estão com os artefatos da cultura e a sociedade em si. Os etnógrafos tradicionais, de certa maneira, eram não pessoas – como se fossem extensões de seus gravadores. Pesquisadores de estudos culturais, ao contrário, estão hiperconscientes de suas próprias biografias, que são consideradas como partes legítimas do estudo. (ANGROSINO, 2009, p. 28).

Por isso, o trabalho não pretende apenas relatar dados objetivos, nem há intenção de generalizar experiências migratórias. Entendemos que me coloquei em campo como uma participante-observadora. De acordo com Angrosino:

O pesquisador que é um participante-cómo-observador está mais completamente integrado à vida do grupo e mais envolvido com as pessoas; ele é igualmente um amigo e um pesquisador neutro. No entanto suas atividades de pesquisa ainda são reconhecidas. (ANGROSINO, 2009, p. 75).

“As observações são suscetíveis aos vieses das interpretações subjetivas”, de acordo com Angrosino (2009, p. 80). Cuidado para em nenhum momento colocar meus anseios de pesquisadora, a frente das pessoas que estamos estudando. O autor também aborda o “esmagamento pelo novo e desconhecido”.

Embora não haja um formato consensual para análise de dados etnográficos, uma estruturação prática pode consistir no gerenciamento de dados, na leitura panorâmica e na elucidação de categorias, nas quais, optamos por chamar de temáticas. A apresentação dos dados das temáticas será ilustrada com falas das informantes.

A pesquisa também possui caráter exploratório, pois a temática migratória ainda é pouco estudada e possui potencial de descobertas e aprofundamentos no campo da comunicação (FLICK, 2009). Por isso, buscamos uma aproximação empírica com migrantes e refugiadas, para nos aproximarmos do contexto da migração venezuelana no Brasil. Assim, a metodologia se desenvolve a partir de dados documentais e observacionais, detalhados nos itens a seguir.

2.2 Recursos de pesquisa documental

Compreendendo a relevância em conhecer o campo da comunicação, a pesquisa contempla um mapeamento de estado da arte, apresentando as produções científicas sobre migração e comunicação no Brasil, no período de 2015 a 2020. Com o mapeamento, é possível identificar um panorama sobre as principais pesquisas dedicadas a estudar a temática migratória no país. Para Stumpf (2005, p. 58), “seguir pelos caminhos que outros já percorreram pode ser um bom início” desse modo, o estado da arte se insere como parte fundamental da pesquisa documental.

Foram mapeados teses, dissertações e artigos científicos disponíveis nos sites dos Programas de Pós-Graduação do Brasil, em Periódicos Científicos e em anais de eventos da área. O início dessa construção de um panorama da pesquisa sobre comunicação e migração no Brasil ocorre por meio do mapeamento de artigos científicos, em 17 revistas brasileiras¹³ com classificação A2 e B1 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A metodologia contempla a leitura dos títulos, das palavras-chave e dos resumos de todos os artigos das revistas mencionadas. Dos 3.056 artigos, encontramos cerca de 47 que citam direta ou indiretamente o conceito de migração (e/ou refúgio, refugiadas, refugiados, diáspora, território, estrangeiro, fronteira), no título, e/ou nas palavras-chave, e/ou no resumo.

Em relação aos eventos da área, selecionamos os Encontros Anuais da Compós e os Congressos Nacionais da Intercom, a partir do ano de 2015. Nos Anais do Compós lemos cerca de 880 títulos, palavras-chave e resumos de artigos, dos quais apenas nove citam diretamente a temática migratória. Nos Congressos Nacionais da Intercom, a

13 Revistas: E-Compós; Famecos; InterCom; Matrizes; Comunicação, Mídia e Consumo; Comunicação e Sociedade; Comunicação Midiática; Alceu; Animus; Ciberlegenda; Conexão; Contracampo; Contemporânea; Eco-Pós; Fronteiras; Intexto e Lumina.

partir dos trabalhos apresentados nos grupos de pesquisa, lemos 5.811 títulos, palavras-chave e resumos de artigos, e somente 31 mencionam a temática, sendo cinco específicos da migração venezuelana no Brasil.

Também mapeamos as edições do Congresso Internacional em Comunicação e Consumo (Comunicon) e selecionamos sete artigos sobre migração no Grupo de Trabalho coordenado pela pesquisadora Denise Cogo. Observamos outros eventos específicos sobre migração, como a Assembleia Nacional da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, o Seminário Internacional Migrações e Direitos Humanos e o Seminário Migrações Internacionais, Refúgios e Políticas. A dimensão da Comunicação aparece pouquíssimas vezes nesses eventos.

Mapeamos os 44 Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil¹⁴, a partir da busca pelas palavras-chave: comunicação, migração, refugiadas, refugiados, refúgio e diáspora, em teses e dissertações. No período definido, encontramos apenas 33 pesquisas. A partir desse mapeamento, filtramos as pesquisas a partir dos seguintes critérios: trabalhos que apresentam contextos globais ou migrações que não estão no Brasil foram desprezados nessa etapa; também foram retirados os artigos que derivam diretamente das teses e dissertações selecionadas e no caso dos artigos (de periódicos e eventos) com abordagens parecidas dos/as mesmos/as autores/as, selecionamos apenas os estudos mais recentes. Descrevemos o corpus da pesquisa a partir dos

14 Programas de Pós-Graduação em Comunicação, das seguintes instituições de ensino brasileiras: Universidade de São Paulo (USP), Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM SP), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica (PUC SP), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade de Sorocaba (UNISO), Universidade Anhembi Morumbi, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Informação e Comunicação Goiás (FIC), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Fundação Cásper Líbero, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Paulista (UNIP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RIO), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Pará (UFPA).

objetivos, das principais referências teóricas, da metodologia e dos resultados obtidos. A partir desses critérios, identificamos lacunas e contribuições dos trabalhos (Quadro 1).

Quadro 1 – Instrumento de coleta do estado da arte

Fonte (Tese, Dissertação ou Artigo)	
Título	
Autor	
Orientador/a	
Ano de publicação	
Tema	
Universidade/Revista/Evento	
Objetivo geral	
Teorias (temas e sobrenomes de autoras/es)	
Metodologias	
Pesquisa qualitativa/quantitativa	
Técnicas de pesquisa	
Corpus/informantes	
Principais resultados	
Lacunas do trabalho	
Contribuições para o campo	
Contribuições para a minha pesquisa	

Fonte: Elaborado pela autora.

Para discussão teórica, utilizamos a técnica bibliográfica (STUMPF, 2005), a partir da leitura e do fichamento de livros e textos de autoras/es, com destaque para os conceitos de comunicação e cultura (MARTÍN-BARBERO, 1995, 1997, 2003, 2004, 2008, 2009a, 2009b, 2014), refúgio e migração (HALL, 2007, 2011, 2013, 2016a, 2016b; BHABHA, 2007; COGO, 2006, 2009, 2012, 2015; 2021), gênero (LOURO, 1995, 1997, 2001, 2004, 2008, 2010) e, ainda, as articulações entre comunicação, migração e gênero. A discussão teórica desta pesquisa é apresentada no terceiro capítulo. Após a leitura, o fichamento dos textos contempla a referência (nas normas da ABNT), os objetivos do texto, conceitos centrais, metodologias, resultados e algumas citações destacadas. Apresentamos a análise e as interpretações desses dados documentais também no terceiro capítulo.

Para a identificação do contexto, cenário midiático e objeto empírico do fenômeno, buscamos sites e documentos digitais de órgãos do governo federal, de organizações que atuam na Operação Acolhida em Pacaraima e em notícias encontradas no Google, a partir das palavras: refúgio, refugiadas, refugiados, migração, migrante e Venezuela. A seguir, apresentamos com mais detalhes, os instrumentos para coleta dos dados documentais.

Para construção de um panorama político-econômico, cultural e social do Brasil, utilizamos os sites do Governo Federal, em especial, documentos do Ministério da Cidadania e do IBGE, além de notícias (acessadas de dezembro de 2020 a agosto de 2021) sobre os impactos da pandemia do Covid-19. O contexto da migração venezuelana no país foi construído, no mesmo período, a partir de documentos disponíveis no site da OIM e em notícias disponíveis no *Google*, a partir das palavras-chave. Em relação ao contexto político de Roraima, as informações foram coletadas

Em relação à Operação Acolhida, nos concentramos nos canais de comunicação, geridos por uma equipe de Comunicação Social do Exército Brasileiro, a partir do instrumento no Quadro 2, a seguir. O período de coleta de dados, nessa etapa, foi de dezembro de 2020 a agosto de 2021.

Quadro 2 – Instrumento para canais de comunicação da Operação Acolhida (Forças Armadas)

Canal	Público (nº de seguidoras/es)	Tipo de publicação	Conteúdo	Reações/comentários

Fonte: Elaborado pela autora.

Para coleta de dados documentais das Agências da ONU, presentes na Operação Acolhida em Pacaraima, no período de dezembro de 2020 a agosto de 2021, utilizamos o instrumento do Quadro 3.

Quadro 3 – Instrumento para dados comunicacionais das Agências da ONU em Pacaraima

Agência	Mandato ONU	Atuação em Pacaraima	Canais de comunicação	Materiais disponibilizados

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a coleta de dados das Agências, compreendemos que os materiais impressos disponibilizados pelo UNFPA (Agência que detém o Mandato que envolve questões de gênero) deveriam ser aprofundados, de acordo com o instrumento que consta no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Instrumento para descrição de materiais impressos

Nome/título	Conteúdo	Formato	Imagem	Entrega

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao cenário midiático e o papel da mídia brasileira na cobertura da migração, a coleta de dados contemplou o período de janeiro de 2020 a dezembro de

2021. Optamos por focar em um veículo nacional (Estadão), um veículo regional (g1 Roraima) e um veículo local (Folha BV). Na cidade de Pacaraima, não encontramos veículos oficiais de comunicação e, por isso, selecionamos o jornal de maior abrangência da capital do estado (Boa Vista). Acessamos os sites desses veículos e buscamos as seguintes palavras-chave: refúgio, refugiadas, refugiados, migração, migrante e Venezuela. Foram identificadas 24 notícias nos sites mencionados. Além dos veículos mencionados, também utilizamos a ferramenta de busca do *Google* Notícias, no mesmo período mencionado (janeiro de 2020 a dezembro de 2021), identificamos títulos das notícias das dez primeiras páginas e selecionamos 32 que abordam as palavras-chave (Quadro 5).

Quadro 5 – Instrumento de coleta das notícias

Veículo	Título da Notícia	Data	Fonte

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir das entrevistas, poderiam surgir produtos midiáticos relacionados ao consumo das migrantes e refugiadas venezuelanas. Por isso, descrevemos a seguir a técnica de análise documental que segundo Moreira (2008, p. 271) “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim.” Nesse sentido, com essa técnica é possível analisar o teor e o conteúdo de diferentes materiais. Para a autora:

[...] o recurso da análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. As fontes mais comuns são os acervos de impressos (jornais, revistas, catálogos, almanaques). Mas também serve como expediente a consulta a documentos oficiais, técnicos ou pessoais (arquivos particulares reunindo originais), sendo esta última categoria mais rara e realizada apenas quando o acesso é permitido ao pesquisador. (MOREIRA, 2008, p. 270).

Trata-se, portanto, de fazer uma análise documental crítica de produtos da mídia, a partir do viés de mulheres migrante e refugiadas que carregam pontos de vista culturais e sociais específicos. Essa análise pode contribuir com a compreensão do papel da comunicação em contextos migratórios, a partir da apropriação desses materiais pelo público anteriormente mencionado. A análise documental pode complementar

informações obtidas pelas outras técnicas de pesquisa, apresentando aspectos novos em relação ao tema. A descrição e análise dos dados culminaram no capítulo 4.

2.3 Recursos de pesquisa observacional e inspirações para a experiência de campo

Para a coleta de dados observacionais¹⁵, as técnicas de pesquisa priorizadas são a observação participante (PERUZZO, 2005) e entrevista semiestruturada (DUARTE, 2005). Entendemos que essas técnicas nos auxiliam na identificação dos processos comunicativos presentes nas práticas socioculturais de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, conforme os objetivos estabelecidos.

A observação participante consiste, conforme Peruzzo (2005, p. 125 e 126), “[...] na inserção do pesquisador no ambiente de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”. A motivação pela observação participante ocorre, especialmente, por entendermos que se trata de uma “pesquisa inovadora de caráter qualitativo que permite atingir elevado grau de profundidade” (PERUZZO, 2005, p. 130). Nesse sentido, a pesquisa participante, no campo da Comunicação, possui três finalidades. Destacamos, a seguir, a finalidade que melhor se aplica a esta pesquisa: “observar fenômenos importantes, especialmente ligados a experiências populares de comunicação voltadas para o desenvolvimento social, que eram até então pouco expressivas ou até ausentes no âmbito da pesquisa em universidades no Brasil” (PERUZZO, 2005, p. 131).

Em relação ao papel do/a pesquisador/a, na observação participante, “o pesquisador se insere no grupo pesquisado participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação” (PERUZZO, 2005, p. 133 e 134).

15 Ressaltamos que a investigação foi desenvolvida respeitando as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, propostas pela Resolução-CNS-466/2012. Há, portanto, o compartilhamento dos achados da pesquisa; a assistência ao participante da pesquisa; e o assentimento livre e esclarecido, através do TCLE. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido oportuniza a anuência do participante da pesquisa, após esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades, conforme Apêndice C.

Nesse sentido, o pesquisador possui papel de observador, e não é considerado um membro do grupo. Para a autora:

[...] a observação participante – ou investigação etnográfica – realizada com a finalidade de observar comportamentos das pessoas em relação aos meios de comunicação pressupõe a inserção do pesquisador no ambiente investigado (uma família, uma guangue, um grupo profissional, uma comunidade etc.) e, em geral, objetiva observar como se processa a recepção das mensagens no *mass media*, como elas são entendidas, decodificadas e reelaboradas. Pode também ter a finalidade de observar os processos comunicativos interpessoais, grupais ou comunitários, envolvendo os meios massivos ou outros processos de comunicação, como os grupais, e meios alternativos de comunicação. (PERUZZO, 2005, p. 136).

Nesta pesquisa, entendemos que o período de permanência no campo deve ser de, no mínimo, seis meses. A observação participante ocorre para a contemplação das migrantes e refugiadas e dos espaços/ambientes em que estão inseridas e, nesse momento, são identificadas as fontes para entrevista. Para isso, também será utilizado o diário de campo, explicado por Lago:

Por calcar-se na observação, o método etnográfico dá especial atenção à utilização do chamado “diário de campo”, onde serão anotadas todas as impressões do pesquisador sobre o cotidiano dos pesquisados. Independente do suporte (um caderno, folhas, computador, gravadores), essas anotações são fundamentais para o momento final da produção da etnografia, quando o pesquisador deverá organizar os dados de forma a produzir sua “descrição densa” da cultura estudada. (LAGO, 2007, p. 52).

A seguir, no Quadro 6, apresentamos o instrumento para observação participante, com os aspectos a serem observados e registrados no diário de campo e, quando possível, em fotografias.

Quadro 6 – Instrumento da observação participante

VENEZUELANAS NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE COMUNICAÇÃO E GÊNERO EM EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS	
Observação participante	
Objetivo específico	Aspectos a serem observados
I. Mapear o processo de chegada de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, na fronteira de Pacaraima/RR.	Na cidade de Pacaraima: <ul style="list-style-type: none"> • Espaços de moradia. • Hábitos de alimentação. • Vestimenta. • Espaços públicos. • Espaços de lazer. • Ruas centrais da cidade. • Eventos. • Rodoviária. • Ocupações espontâneas. • Contextos familiares.
II. Identificar a presença da comunicação nas experiências migratórias de venezuelanas, no momento de chegada no Brasil, priorizando as organizações da Operação Acolhida.	Nas Agências da ONU, organizações civis e religiosas: <ul style="list-style-type: none"> • Iniciativas e projetos sociais. • Eventos. • Doações.
III. Analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR.	Em Pacaraima: <ul style="list-style-type: none"> • Espaços de mulheres migrantes e refugiadas. • Iniciativas solidárias e de resposta humanitária para mulheres. • Relação das mulheres com os produtos midiáticos.

Fonte: Elaborado pela autora.

À luz do texto *A Situação Etnográfica: Andar e Ver*, de Hélio R. S. Silva, escreveremos sobre a experiência de campo, em Pacaraima. Para o autor, entender o campo como uma infinidade de possibilidades é libertador. Nenhuma experiência é igual à outra, pois o espaço-tempo já não é o mesmo. Na medida em que o campo influencia o/a pesquisador/a, esse/a é influenciado/a pelos estímulos do campo. *Andar, ver e escrever* são dimensões sensíveis e complexas. Para isso, é preciso compreender que

[...] o campo é também um território demarcado, com limites que impõem múltiplos significados aos percursos trilhados ou possíveis e muitas fronteiras, zonas de transição, ambiguidade. O trabalho de campo é dramático porque as predisposições subjetivas e o aparato reunido nos bastidores são postos em questão. O solo do campo não foi configurado para amparar sua consistência, para acolher seus princípios (SILVA, 2009, p. 177).

Em alguns momentos, os papéis se misturam de tal forma que não é possível dizer quem afeta e quem é afetado/a. Para Silva (2009, p. 179) “trata-se de um processo comunicativo, que tem no diálogo sua instância mais visível (ou audível), mas que não se esgota nele. Esse processo comunicativo sofre refrações no campo”. O envolvimento transborda na dimensão do *ver* e “implica avançar um pouco mais sobre o reconhecimento das interferências subjetivas na observação de fenômenos físicos e naturais”. A liberdade de escrever é limitada pelo rigor acadêmico, pelas normas e convenções, com símbolos e linguagem próprios, que “remetem a uma tripla e inextricável atividade do etnógrafo: sua circulação no campo, sua observação do campo e sua versão do que aconteceu ali e seus significados” (SILVA, 2009, p. 185).

Em relação à técnica de entrevista, de modo geral, Duarte (2005, p. 62) define que “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. Nesta pesquisa, as entrevistas possuem questões semiestruturadas, configurando uma entrevista semiaberta, com um roteiro, com uma abordagem em profundidade e respostas indeterminadas (DUARTE, 2005).

A entrevista semiaberta, para Duarte (2005, p. 66), possui “um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa”. Nesse tipo de entrevista, o pesquisador faz a primeira pergunta e “explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão”. Portanto, a partir da resposta do entrevistado é possível gerar novas perguntas específicas e cada vez mais profundas. O roteiro pode ser adaptado e alterado

no decorrer da pesquisa, pois isso é possível conduzir a entrevista valorizando o conhecimento do entrevistado.

Em relação à validade e confiabilidade da técnica de entrevista, o autor destaca as seguintes questões: “1. Seleção de informantes capazes de responder à questão de pesquisa; 2. Uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis; 3. Descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível” (Duarte, 2005, p. 68).

Segundo Duarte (2005, p. 68), na pesquisa qualitativa são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade. Por isso, “é importante considerar que uma pessoa só deve ser entrevistada se realmente pode contribuir para ajudar a responder à questão de pesquisa”. Ainda em relação à seleção das informantes, o autor define que

É importante obter informações que possam dar visões e relatos diversificados sobre os mesmos fatos. Pessoas em papéis sociais diferentes, recém-chegadas ou que tenham deixado a função recentemente, podem dar perspectivas e informações bastante úteis. A relevância da fonte está relacionada com a contribuição que pode dar para atingir os objetivos de pesquisa”. (DUARTE, 2005, p. 69).

Os instrumentos de coleta são: anotações e gravações de áudio. Duarte (2005, p. 76) define as anotações como instrumentos de coleta que “permitem registrar comportamento, ambiente, mas limitam o detalhamento e podem interromper a fluência e distrair o entrevistado. [...] é importante transcrever imediatamente as anotações, registrar comentários, observações, de maneira a não esquecer pontos essenciais ou perder registros”.

A gravação, para o autor (p. 76), “possibilita o registro literal e integral”. O gravador possui a vantagem de ser uma segurança para que informações importantes não sejam perdidas ou esquecidas. Como as entrevistas ocorrem em espanhol, a gravação também possibilita a tradução posterior.

Por fim, realizamos a descrição e análise dos dados coletados. A seguir, apresentamos as etapas para as entrevistas (Quadro 7).

Quadro 7 – Etapas das entrevistas

Etapas	Descrição
1	Criação dos instrumentos (roteiros)
2	Tradução dos roteiros
3	Realização das entrevistas
4	Organização das anotações
5	Transcrição/tradução das gravações
6	Análise e interpretação dos dados

Fonte: Elaborado pela autora.

Cáceres (1998, p. 281, tradução nossa) nos convida a pensar a entrevista como um “sistema de comunicação”, visto que a definimos como uma “conversação verbal”, estabelecida entre entrevistadora e entrevistada. Para o autor, entrevistar significa “entrever, ver um ao outro”. A técnica de entrevista precisa reconhecer o contexto comunicativo em que se produz a interação. Nesse sentido,

[...] toda entrevista é um processo dinâmico multifuncional atravessado pelo contexto social de uma vida complexa que está continuamente aberta à transformação. Por isso, em toda comunicação, e mais ainda na comunicação interpessoal, o *feedback* é condição e resultado da existência de uma comunicação real. (CÁCERES, 1998, p. 281, tradução nossa).

Foram realizadas duas entrevistas sucessivas, semiestruturadas, na língua espanhola, com cada fonte (determinadas de acordo com os dados obtidos na observação participante). A primeira entrevista possui um caráter mais abrangente e aborda a história de vida da migrante e seu consumo midiático. (Essa entrevista normalmente tem uma duração maior). Já a segunda, aborda a comunicação no momento de chegada, tende a ser mais rápida e mais tranquila em comparação com as primeiras. Esse cenário foi o mesmo para todas as interlocutoras. Foram entrevistadas quatro mulheres migrantes e refugiadas, em diferentes fases da vida, atentando para a diversidade de perfis (em relação à escolaridade, profissão, estado civil, maternidade etc.). Lembramos que todas as interlocutoras que participaram desta pesquisa concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). O principal filtro para definição das fontes foi a faixa etária entre 18 e 60 anos.

A seguir, no Quadro 8, apresentamos o instrumento da primeira entrevista, em relação aos objetivos específicos I, II e III. Registramos as entrevistas em áudio e realizamos anotações pontuais, especialmente sobre as sensações e emoções das interlocutoras.

Quadro 8 – Instrumento da entrevista 1

VENEZUELANAS NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE COMUNICAÇÃO E GÊNERO EM EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS	
Entrevista 1	
Objetivo específico	Roteiro de entrevista (Relato sobre a história de vida)
I. Mapear o processo de chegada de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, na fronteira de Pacaraima/RR.	<p>Dados de identificação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Idade • Naturalidade • Raça/etnia • Estado civil • Filhas/os • Escolaridade • Profissão <ul style="list-style-type: none"> • Como era sua rotina de vida na Venezuela? • E agora como está sendo recomeçar no Brasil? • Você pode me falar sobre suas relações familiares, pessoais e profissionais? • Há alguma experiência de vida significativa que você queira me contar? • O que você imagina do futuro?
Objetivo específico	Roteiro de entrevista (Consumo midiático e meios de comunicação)
II. Identificar a presença da comunicação nas experiências migratórias de venezuelanas, no momento de chegada no Brasil, priorizando as organizações da Operação Acolhida.	<ul style="list-style-type: none"> • Como é seu consumo relacionado aos meios de comunicação impressos, como jornais e revistas? • Em relação aos meios de comunicação digitais, como as redes sociais, como é o seu hábito de consumo? • Você acessa materiais audiovisuais, como filmes, clipes, ou assiste à TV? <p>(Em relação aos meios de comunicação, se for indicado o consumo, serão verificados os seguintes itens: frequência, local de acesso, preferências temáticas/editoriais, objetivo do consumo, entre outros).</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • Como esses meios de comunicação impressos, digitais e/ou audiovisuais contribuem com a sua experiência de migrante/refugiada? • Há algum material de comunicação que você teve ou tem acesso, que você queira me contar ou mostrar? Algum material que você goste, uma preferência?
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Após conhecer um pouco mais da história da informante, o instrumento 2 é o mais específico em relação às questões de gênero e interfaces com a comunicação (Quadro 9).

Quadro 9 – Instrumento da entrevista 2

Entrevista 2	
Objetivo específico	Roteiro de entrevista (Comunicação em processos de solidariedade e resposta humanitária)
Analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR.	<ul style="list-style-type: none"> • Como você percebe a atuação das organizações em prol da solidariedade, neste momento de acolhida no Brasil? Há alguma percepção relacionada à comunicação nesses espaços? • Para uma mulher migrante, o momento de acolhida é permeado por iniciativas e ações solidárias na fronteira, como você compreende o papel da comunicação nesse contexto migratório? • Como você sente que a comunicação contribui ou poderia contribuir com a sua experiência de mulher migrante?

Fonte: Elaborado pela autora.

A tentativa de apresentar um resumo da experiência migratória de quatro mulheres só é possível devido à disponibilidade e à abertura de cada uma delas. O contexto de Pacaraima impossibilita espaços de escuta qualificada, além do tempo e da energia necessárias para entrevistas sensíveis, profundas e densas. O convite para participar de uma conversa para falar sobre a própria vida é, no mínimo, delicado. Pedir à migrante que exponha sua história é, inevitavelmente, tocar em pontos sensíveis e doloridos da sua trajetória. Ou seja, é necessária uma escuta atenta e humana para entender os tempos de cada uma, o momento de perguntar, silenciar e se deixar emocionar.

Observamos centenas de mulheres, todos os dias, e muitas poderiam ser fonte desta pesquisa. No entanto, vários desafios se apresentaram na escolha das mulheres e entendemos que é válido registrar alguns deles: muitas mulheres se sentiam constrangidas e envergonhadas com o convite, como se não fossem capazes de responder às perguntas; outras mulheres não tinham com quem deixar as/os filhas/os ou não podiam se ausentar da presença da/o companheira/o; algumas mulheres demonstravam receio de conversar com uma pesquisadora brasileira, apontavam o receio com o idioma e algumas ainda indicavam que tinham medo de expor sua família. Não tivemos oportunidade de ouvir mulheres vivendo em situação de rua ou abrigadas em algum espaço da Operação Acolhida. Esses exemplos apenas ilustram as dificuldades de ser uma mulher migrante num território diferente, novo e, por vezes, hostil. A partir da observação e da convivência em diferentes grupos, foi possível identificar quatro perfis diferentes e, em certa medida, complementares de migrantes que serão apresentados a seguir.

Cada entrevista foi realizada num espaço diferente e foi necessário desapegar de certa formalidade que a técnica pressupõe, apesar da clareza e da preocupação que tínhamos em manter o rigor científico. Como pesquisadora, me coloquei a serviço das demandas das mulheres, com o máximo de empatia e respeito que pude. As entrevistas foram realizadas em espanhol, transcritas e, após, traduzidas. Ouvimos muitas vezes cada uma delas para absorver as informações mais relevantes para a pesquisa e para garantir a fidelidade das falas, pois toda tradução também é subjetiva.

Ao final da primeira entrevista, expliquei que preservaria o nome e as informações que pudessem identificar a migrante. Nesse momento, perguntei se havia algum nome que ela gostaria de ser chamada, numa tentativa de humanizar a

experiência e dar algum protagonismo. Poderia ser um nome de cidade, algo que ela gostasse, não haveria qualquer julgamento. A resposta veio quase de imediato: Orquídea. Uma flor comum por aqui e que ela gostava bastante. Nesse momento, surgiu a ideia de que cada entrevistada indicasse o nome de uma flor, para que as falas pudessem ser endereçadas, de um jeito poético, a cada uma delas. Apresentamos, a seguir, um quadro síntese das entrevistas com Orquídea, Margarida, Girassol e Hortênsia¹⁶.

Quadro 10 - Síntese das interlocutoras

Dados de identificação	Orquídea	Margarida	Girassol	Hortênsia
Idade	32 anos	40 anos	23 anos	52 anos
Raça-etnia (autodeclaratória)	Parda	Branca	Branca	Parda e com descendência indígena
Escolaridade	Ensino Superior/ Pós-graduação (Ortodontia)	Ensino Superior (Educação e Direito)	Ensino Médio	Ensino Superior (Administração de Empresas)
Profissão (Venezuela)	Dentista	Professora	Confeiteira	Empresária da área de eventos
Atuação profissional no Brasil	Assistente de campo	Desempregada	Desempregada	Auxiliar administrativo
Estado civil	Casada	Casada	Solteira	Viúva
Filhas/os	Um filho e uma filha	Duas filhas e um filho	Duas filhas e está grávida	Duas filhas e um filho
Tempo de chegada no Brasil (no momento da primeira entrevista)	1 ano	3 meses	2,5 anos	4 anos
Dados das entrevistas	Orquídea	Margarida	Girassol	Hortênsia
Período de realização	Junho de 2021	Setembro de 2021	Novembro de 2021	Dezembro de 2021
Duração total das entrevistas em minutos	142'	216'	94'	158'
Local de realização das entrevistas	Escritório de trabalho	Padaria de Pacaraima	Casa da entrevistada	Casa da pesquisadora

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁶ Cada entrevistada recebeu uma ilustração exclusiva desenvolvida pela artista Desirré Ferreira. As ilustrações serão apresentadas neste subcapítulo.

As entrevistas com a Orquídea ocorreram no local de trabalho da migrante, devido à indisponibilidade de horários, e havia barulhos externos e pessoas falando no entorno. Por mais que um ambiente neutro seja importante para qualidade da entrevista, e que seja preferível um espaço silencioso e sem interferências, atuar no contexto de uma crise humanitária é desafiador e, inevitavelmente, é preciso improvisar. Por isso, entendemos que o ambiente foi o possível para a realização da entrevista, longe do ideal que a técnica demanda, mas satisfatório para obtenção de dados.

Em relação aos demais espaços, Margarida foi entrevistada numa padaria que está localizada na rua central da cidade e havia muito movimento e barulho. Girassol pediu para ser entrevistada na sua própria casa, num final de semana, para ficar próxima aos filhos de uma amiga. A última entrevistada, Hortênsia, não se sentia à vontade em me receber na sua casa por ser muito “humilde” e, por isso, as entrevistas ocorreram na minha varanda. Hortênsia demonstrava certa resistência em participar, devido às manifestações na cidade de Pacaraima que defendiam a saída da Operação Acolhida e reforçavam a insatisfação com a migração venezuelana.

Neste capítulo, tratamos da apresentação da estratégia teórico-metodológica, a partir da qual a pesquisa foi desenvolvida e apresentamos os instrumentos de coleta de dados documentais e observacionais. Foram definidas estratégias de coleta, descrição e análise de dados que contemplaram as duas etapas principais da dissertação, sendo uma voltada ao levantamento bibliográfico, contemplando o estado da arte e a discussão teórica, e outra envolvendo o estudo empírico sobre a comunicação presente nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas em Pacaraima/RR.

3 DISCUSSÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos algumas interfaces entre comunicação, cultura e migração, a discussão sobre um olhar intercultural na pesquisa em comunicação e, por fim, abordamos o recorte de gênero no contexto migratório.

3.1 Interfaces entre comunicação, cultura e migração

Entendendo a comunicação a partir das práticas sociais, utilizamos o conceito de mediação (MARTÍN-BARBERO, 2013) como a categoria que liga a comunicação à cultura. Nesse sentido, Martín-Barbero (2009, p. 11) define que “[...] à luz do que vejo, a comunicação está nos modos de se comunicar das pessoas nas ruas, na casa, na igreja, na praça.” E reforça que “o mais terrível foi se identificar comunicação como transmissão, um conceito muito mecânico.”

Esta pesquisa posiciona-se no campo dos estudos de Comunicação e Cultura, principalmente latino-americanos, articulando os conceitos de comunicação, cultura e migração. Para pensar os processos de comunicação tomamos como referência o mapa das mediações proposto e atualizado por Martín-Barbero (2013). Nossa perspectiva prioriza a instância da recepção, ou seja, o consumo midiático dos sujeitos. Nesse sentido, a recepção é entendida como “um outro lugar a partir do qual o processo inteiro da comunicação deve ser analisado” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 45). Sabemos que as organizações e instituições possuem uma intencionalidade na produção dos meios, mas priorizaremos a produção de sentido dos sujeitos, partindo da premissa que esses sentidos, no universo da recepção, podem ser múltiplos, complexos e até contraditórios em relação às ofertas midiáticas.

Dessa forma, Martín-Barbero (2009) sublinha que a comunicação é mais ampla que os meios e que deve, necessariamente, ser pensada em relação à cultura cotidiana. É o que o autor define no livro *Dos meios às mediações*. A maneira como percebe a pesquisa em comunicação e cultura também é muito inspiradora: “percebi que eu só quero pesquisar o que me dê esperança. Temos que pesquisar não só o que permite denunciar, mas o que permite transformar, mesmo em pequena medida” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 15). O mapa das mediações de Martín-Barbero é um dos principais modelos teóricos para pesquisas que atribuem valor à figura do sujeito. Em uma

atualização desse modelo, o autor incluiu as “migrações” como um dos fatores que provoca a transformação das mediações:

No meu novo mapa temos: tempo, espaço, migrações, fluxos. Então as mediações passam a ser transformação do tempo e transformação do espaço a partir de dois grandes eixos, ou seja, migrações e fluxos de imagens. De um lado, grandes migrações de população, como jamais visto. De outro, os fluxos virtuais. Temos que pensá-los conjuntamente. Os fluxos de imagens, a informação, vão do norte ao sul, as migrações vão do sul ao norte. E há a compressão do tempo, a compressão do espaço e é aí que eu recomponho as duas mediações fundamentais hoje: a identidade e a tecnicidade – eu adoto essa palavra não por esnobismo, mas sim porque um antropólogo francês, André Leroi-Gourhan, contemporâneo de Marcel Mauss, forja a ideia de que a técnica entre os “povos primitivos” também é sistema, não apenas um conjunto de ferramentas. Eu ligo tecnicidade ao que está se movendo na direção da identidade. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 14).

Com base na leitura de Martín-Barbero, entendemos que é a partir das mediações, em articulação com as esferas da produção e, principalmente, da recepção dos meios, que os sentidos vão sendo construídos pelos sujeitos (e, nesta dissertação, pelas mulheres migrantes e refugiadas). É com essa perspectiva de deslocamento do foco nos meios, sem desconsiderá-los, para as produções de sentido que entendemos o conceito de comunicação nesta pesquisa. Nesse sentido, consideramos que pensar as dinâmicas sociais dos usos das mídias é uma das principais contribuições do autor para pesquisas em comunicação. Por isso, partimos a discussão teórica parte da necessidade de movimentar o olhar das tecnologias em si mesmas para seus modos de acesso, de aquisição e de uso.

Para o autor, a perspectiva das mediações buscaria, superar reducionismos e ampliar a compreensão dos processos comunicacionais, considerando suas complexidades e contradições, implicadas relações desiguais de acesso e de apropriações. De acordo com Martín-Barbero (2006, p.54) “[...] é o próprio lugar da cultura na sociedade que muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para expressar-se, adensar-se e converter-se em estrutura.”.

A comunicação, partindo dessa perspectiva teórica, é uma questão de mediações em que compreende todos os processos em articulação. E, também, por isso, o autor utiliza a palavra no plural, por ser uma noção sem definição única. A partir da leitura do estado da arte, compreendemos com o autor é uma importante referência para pesquisas que abordam a comunicação como um processo cultural, visto que não há

como pesquisar os processos comunicacionais contemporâneos sem as relações das pessoas com as mídias. O autor também contribuiu com a relevância em reconhecermos as dimensões fundamentais das culturas latino-americanas que participam dos processos comunicacionais e de recepção midiática. É por isso que, nesta dissertação, em que nos debruçamos sobre um dos maiores fluxos migratórios da América Latina, a perspectiva defendida por Martín-Barbero é essencial.

Nesta pesquisa, compreendemos a importância de pensar a comunicação e a cultura em interface com a migração. E concordamos com Martín-Barbero que “[...] a verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio transmite ao receptor.” (2003, p. 55). A ressignificação da cultura na comunicação é um marco na obra de Martín-Barbero, pois defende que “não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar a sua experiência. Pois, em contraste com o que ocorre na cultura culta, cuja chave está na obra, para aquela outra a chave se acha na percepção e no uso.” (1997, p. 72). O autor define que

O sujeito da comunicação não é o meio, mas a relação. Importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem... Esta é a mudança. E isso foi o que realmente produzi, o que propus. A telenovela vai ser ao mesmo tempo como que a demonstração da minha teoria – está lá a importância da cultura popular, dos formatos populares, dos gêneros populares para entender os meios, entender a comunicação – e a via para que se comece a estudar o contexto local, quando para aquele marxismo catequético a ideologia era a mesma na Europa, nos Estados Unidos ou na América Latina. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 14).

Martín-Barbero (2014) nos mobiliza a pensar as apropriações das mídias por sujeitos que vivem a experiência do deslocamento, ou seja, da migração, e a partir de um olhar latino-americano. Para o autor, apesar dos limites tecnológicos e das desigualdades sociais e econômicas, agravadas pelos contextos migratórios, há uma diversidade de possibilidade de produção de sentidos e apropriações das mídias pelos sujeitos migrantes, inevitavelmente vinculadas à cultura de origem e às experiências identitárias.

No contexto comunicativo e cultural, a importância de discutir a migração (o refúgio e a diáspora) é ressaltado por Hall (2013, p. 461): “desde que a migração se tornou o grande evento histórico mundial da modernidade tardia, a experiência

diaspórica se tornou a experiência pós-moderna clássica”. O mapa de Martín-Barbero (2009, p. 12) atenta para essa dimensão.

“A migração e as novas fontes e modos de trabalho trazem consigo a hibridação das classes populares, uma nova forma de se fazerem presentes na cidade”. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 225). A leitura de Lopes sobre o mapa de Martín-Barbero é muito pertinente. Para a autora:

A mobilidade, do trânsito incessante das migrações e das navegações virtuais dos internautas, nos traz o aparecimento das novas figuras de sensibilidade. E os fluxos que, como os dos migrantes que provocam desordens sociais e políticas na cidade, também são os fluxos de imagens, informação, das imagens, linguagens e escrituras virtuais, que desestabilizam a cultura letrada e escolar. A tecnologia digital desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte borramento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e conhecimento comum. (LOPES, 2018, p. 19-20).

Nosso entendimento de cultura se aproxima à percepção de Bhabha, na qual, não há cultura homogênea no “pós-colonialismo”. As “diferenças”, ressaltadas pelo autor, possibilitam inúmeras formas de ser, de pensar e de comunicar essas combinações culturais, sociais, étnicas, políticas. Para Bhabha:

É no surgimento dos entre-lugares – a sobreposição e o deslocamento de esferas da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nacionalidade, interesse comunitário, e valor cultural são negociados. [...] A representação da diferença não deve ser lida de forma apressada como o reflexo de um conjunto de características étnicas ou culturais preestabelecidas dentro de uma tradição. A articulação social da diferença, desde uma perspectiva minoritária, é uma negociação complexa e contínua que tenta autorizar hibridades culturais que surgem no momento de transformações históricas. (BHABHA, 1998, p. 2).

Se pensarmos que a comunicação integra as trajetórias migratórias, de diferentes modos, a partir da concepção de mediações, compreendemos que “há uma diversidade de apropriações das tecnologias da mídia marcadas pela relação com as próprias situações de vida dos sujeitos migrantes e, muitas vezes, demandadas por suas experiências identitárias” (BRIGNOL, 2018, p. 128). Apesar das dificuldades de acesso, dos limites tecnológicos e das desigualdades sociais, a comunicação, as relações e as mídias fazem parte da vida das pessoas deslocadas.

O texto de Homi Bhabha é muito relevante ao aproximar o conceito de cultura às realidades de deslocamentos contemporâneas. O autor observa que:

[...] a cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória. Ela é transnacional porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural [...], é tradutória porque essas histórias espaciais de deslocamento - agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias globais de mídia - tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura, um assunto bastante complexo. (BHABHA, 1998, p. 241).

Nesse sentido, é fundamental compreendermos os conceitos de migração e diáspora. Cogo e Badet (2013, p. 30) acreditam que "não é possível associar às migrações uma única causa, nem homogeneizar os fluxos migratórios, mas é necessário analisar os diferentes fluxos, perfis e realidades migratórias, as diversas causas e motivações econômicas, políticas e sociais que a elas se associam". Assim, entendemos diáspora a partir de Hall:

Durante muito tempo, não usei o termo diáspora porque ele era usado principalmente em relação a Israel. Era o uso político dominante e é um uso que considero problemático, por causa do povo palestino. Esse é o significado originário do termo "diáspora" [...] que exige a expulsão dos demais e a recuperação de uma terra já habitada por mais de um povo. Esse projeto diaspórico, de "limpeza étnica", não era defensável para mim. (HALL, 2013, p. 461).

O fluxo migratório de países em desenvolvimento para países em desenvolvimento é conhecido como migração Sul-Sul. Segundo relatório da International Organization for Migration (IOM) publicado em 2014, mais de 80 milhões de migrantes que nasceram em países do Sul circulam também entre países Sulistas. O fluxo migratório de países em desenvolvimento para países em desenvolvimento é conhecido como migração Sul-Sul. Nessa definição das migrações Sul-Sul, as migrações latino-americanas fronteiriças passam a compor esse movimento migratório transnacional, justamente pelo papel do Brasil e da América Latina na geopolítica internacional (BABIÉ, 2017).

Compreendemos, nesta pesquisa, a migração como um fenômeno da experiência humana, como uma ação intrínseca à origem e ao desenvolvimento das sociedades, e que vai além do deslocamento de indivíduos dentro de um espaço geográfico, de forma temporária ou permanente. Cogo (2018) reforça essa compreensão:

Desconstruirmos alguns desses discursos produzidos e reproduzidos historicamente em relação ao 'não nacional' ou ao 'estrangeiro' e compreendermos as migrações como uma experiência humana que historicamente traz contribuições sociais, culturais, políticas e econômicas às

sociedades, assim como pensar a mobilidade como um direito humano e universal. (COGO, 2018, documento eletrônico).

Entender o ato de migrar como um ato comunicativo é compreender a comunicação como um processo, simultâneo e codependente das formações culturais. As interfaces entre comunicação, cultura e migração podem ser exploradas em estudos de recepção, conforme define Martín-Barbero:

É indubitável que o estudo de recepção, no sentido em que estamos discutindo, quer resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos; quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido; quer resgatar o caráter lúdico da relação com os meios; quer romper com aquele racionalismo que pensa a relação com os meios somente em termos de conhecimento ou de desconhecimento, em termos ideológicos; quer resgatar, além do caráter lúdico, o caráter libidinal, desejoso, da relação com os meios. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 54).

Pensar as relações possíveis entre esses conceitos nos aproxima de outros igualmente essenciais, como: identidade, identidade cultural, consumo midiático, mídia e recepção midiática. As discussões de Hall, nesse contexto, atentam para a discussão sobre identidade cultural:

O modo como tento pensar as questões de identidade é um pouco diferente do pós-modernismo “nômade”. Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida; [...] cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades. (HALL, 2013, p. 479).

Pensar em identidades que não são fixas, ou seja, movimentam-se, deslocam-se, nos possibilita iniciar uma reflexão sobre o conceito de cultura, relacionando o consumo como parte fundamental dos processos comunicacionais, culturais e migratórios, à luz dos sujeitos. Para Cogo,

O consumo entendido como o conjunto dos processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos de produtos midiáticos vai ser um dos eixos conceituais orientadores das pesquisas de recepção que assumem como foco os meios de comunicação. O consumo não mais abordado unicamente em sua dimensão de posse individual de objetos ou de reprodução de forças econômicas, mas concebido também e principalmente como produção de sentidos e espaço de luta e ação sociais que não se esgota na posse dos objetos, mas forma parte de um conjunto de interações socioculturais complexas. (COGO, 2009, s/p.).

Martín-Barbero atenta para a produção de sentidos e define que o processo de consumir não é apenas reprodução de forças. Para o autor, consumo é “[...] lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais.” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 302).

É possível, ainda, refletir sobre a relação entre a mídia e as migrantes conforme Cogo e Silva (2016) ponderam: um modo de vivenciar a alteridade. Nesse sentido, a mídia

[...] vai atuar na produção e proposição de modos de vivenciar a alteridade nas interações entre esses novos imigrantes e a sociedade brasileira, se entendemos a noção de alteridade como um processo de constituição de subjetividades e identidades sociais que assume uma perspectiva classificatória e relacional. É na dinâmica de relação com o outro, na sua condição de “diferente”, que se tecem as experiências de alteridade migratória. Estas são impactadas ao mesmo tempo em que impactam os discursos sobre os imigrantes e as políticas migratórias produzidos por diferentes instituições como as midiáticas, estatais, etc. (COGO; SILVA, 2016, p. 6).

Para compreendermos consumo e consumo midiático, à luz da reflexão sobre alteridade proposta por Cogo e Silva (2016), ressaltamos a importância de pensar a comunicação como ciência que estuda os meios e as mediações, através da recepção midiática, em que é possível observar possíveis mudanças de comportamentos e a interação com novas culturas. E nesse contexto, as especificidades do consumo midiático são capazes de influenciar a cultura e identidade. Em relação ao consumo midiático, Toaldo e Jacks ponderam que se trata:

[...] do consumo do que a mídia oferece: nos grandes meios – televisão, rádio, jornal, revista, internet, sites, blogs, celulares, tablets, outdoors, painéis ... – e nos produtos/conteúdos oferecidos por esses meios – novelas, filmes, notícias, informações, entretenimentos, relacionamentos, moda, shows, espetáculos, publicidade, entre outros. Neste contexto, a oferta da mídia inclui também o próprio estímulo ao consumo, que se dá tanto através da oferta de bens (por meio do comércio eletrônico e da publicidade), quanto no que se refere a tendências, comportamentos, novidades, identidades, fantasias, desejos... (TOALDO; JACKS, 2013, p. 6 - 7).

Os contextos migratórios são movimentos coletivos que impactam o desenvolvimento das populações e não podem ser separados de fatos sociais e culturais. Por isso, as relações e conexões possíveis entre comunicação, cultura e migração são tão sensíveis e complexas. Ao expor diferenças culturais e situações de diversidade (e

vulnerabilidade), é possível refletir sobre identidades, interculturalidade e consumo, apresentando interfaces com o campo da comunicação no Brasil.

Destacamos, até aqui, que a comunicação é compreendida, portanto, como um processo complexo e intercultural, em que a recepção é uma das dimensões constituinte, em que os sujeitos participam, integram, constroem e transformam esse fluxo. Nessa perspectiva, compreendemos os sujeitos como seres múltiplos e intimamente afetados pelos contextos, pelas experiências e pelas culturas, assim, essas subjetividades influenciam os processos de produção de sentidos e apropriações.

3.2 Um olhar intercultural na pesquisa em comunicação

Ao iniciarmos a reflexão sobre interfaces entre comunicação, cultura e migração, a partir do consumo, e percebermos a complexidade dessas relações, compreendemos a necessidade de romper com uma epistemologia centrada no norte, e pensada a partir do sul. Parece urgente fazermos uma crítica às concepções dominantes, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais (GOMES, 2018). Do contrário, seguiremos pensando o indígena através da teoria de um pensador branco europeu que estuda indígenas. O olhar decolonial¹⁷ denuncia esse jeito de fazer ciência e faz uma provocação para se buscar outros caminhos possíveis de uma ciência crítica que tenha seu lócus na América Latina. Nesse sentido, cabe destacar a percepção de Ballestrin (2013), autora brasileira, em relação aos autores eurocêntricos que ocultam a trajetória de dominação e resistência da América Latina, mas demonstram certa convergência com os estudos pós-coloniais:

Na década de 1980, o debate pós-colonial foi difundido no campo da crítica literária e dos estudos culturais na Inglaterra e nos Estados Unidos, cujos expoentes mais conhecidos no Brasil são Homi Bhabha (indiano), Stuart Hall (jamaicano) e Paul Gilroy (inglês). O local da cultura, Da diáspora e Atlântico negro foram traduzidos para o português e tiveram repercussão nas ciências sociais brasileiras. Em um contexto de globalização, cultura, identidade (classe/etnia/gênero), migração e diáspora apareceram como categorias fundamentais para observar as lógicas coloniais modernas, sendo os estudos pós-coloniais convergentes com os estudos culturais e multiculturais. (BALLESTRIN, 2013, p. 93-94).

17 A supressão da letra “s” marcaria a distinção entre o projeto decolonial do Grupo Modernidade/Colonialidade e a ideia histórica de descolonização, via libertação nacional durante a Guerra Fria. (BALLESTRIN, 2013, p. 108).

Nesse contexto de comunicação e cultura, a decolonialidade e a interculturalidade nos servem como base para crítica à ciência no Brasil. Precisamos ler o processo decolonial como “contraponto e resposta à tendência histórica da divisão de trabalho no âmbito das ciências sociais, no qual o Sul Global fornece experiências, enquanto o Norte Global as teoriza e aplica” (BALLESTRIN, 2013, p. 109). Em relação à compreensão de decolonização:

[...] basicamente, a decolonização é um diagnóstico e um prognóstico afastado e não reivindicado pelo *mainstream* do pós-colonialismo, envolvendo diversas dimensões relacionadas com a colonialidade do ser, saber e poder. Ainda que assuma a influência do pós-colonialismo, o Grupo Modernidade/Colonialidade recusa o pertencimento e a filiação a essa corrente. O mesmo se aplica às outras influências recebidas que possibilitaram o surgimento e o desenvolvimento da construção teórica do grupo. Contudo, aquilo que é original dos estudos decoloniais parece estar mais relacionado com as novas lentes colocadas sobre velhos problemas latino-americanos do que com o elenco desses problemas em si. (BALLESTRIN, 2013, p. 108).

Para pensar grupos explorados e oprimidos, Ballestrin, baseada em Quijano (1989), aborda o conceito de colonialidade do poder. Uma estrutura complexa de níveis entrelaçados, que envolvem o controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento (BALLESTRIN, 2013). Para Quijano (2000) raça, gênero e trabalho foram as três linhas principais de classificação que construíram a formação do capitalismo mundial colonial/moderno. É nessas três instâncias que as relações de exploração/dominação/conflito estão ordenadas.

Mas, afinal, por que decolonizar o olhar, as práticas, a pesquisa? Ballestrin (2013, p. 109) acredita que “decolonizar a teoria, em especial a teoria política, é um dos passos para decolonização do próprio poder”. Além disso, “a perspectiva decolonial fornece novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, em diálogo com a produção de conhecimento” (2013, p. 110). É possível observar nas/os pesquisadoras/es brasileiras/os, em seus discursos e práticas, que identificam a colonialidade (do saber e do ser) e reivindicam a decolonização?

Andreola (2007, p. 63), ao escrever sobre a universidade e o colonialismo denunciado por Fanon, Freire e Sarte, aponta para a emergência de um pensamento latino-americano, o que significaria “um novo paradigma científico”, e representaria uma diferença radical da nossa cultura em relação ao colonialismo histórico. Ao defender o pensamento latino-americano, o autor escreve que “o ‘verbo’ está sendo proferido,

escrito e transformado em práxis histórica na ‘periferia’, e a libertação pode estar acontecendo”.

Quais os sentidos atribuídos por uma mulher cis, branca e heterossexual, num contexto migratório em território brasileiro? Como pesquisar a migração sem ser migrante? É razoável pensar que somos todos migrantes¹⁸? Quais caminhos percorrer para que a pesquisa não prejudique uma luta, uma causa, um grupo minorizado ou, pior, legitime um olhar colonizador que há tantos séculos sangra a América Latina? Afinal, como pensar a pesquisa com responsabilidade e consciência de onde os pés pisam¹⁹?

Pesquisar as práticas de grupos minorizados, sujeitos oprimidos, vulneráveis é, inevitavelmente, falar sobre identidades e diferenças. Hall (2000, p.130) atenta que “a questão e a teorização da identidade é um tema de considerável importância política [...]”. É nesse momento que surge uma lacuna no ato de pesquisar a/o outra/o, aquela e aquele que são diferentes de mim, de nós. Quais caminhos seguir? Quais decisões epistemológicas, teóricas e metodológicas uma pesquisa responsável deve ter? É do ponto de vista pessoal que criamos nossas pesquisas e não há como isso ser, necessariamente, errado. Ou há? A leitura da Djamila Ribeiro, autora brasileira, é como um alento em momentos de incertezas. É a partir do “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial (RIBEIRO, 2017, documento eletrônico). A autora cita Collins para explicar os pressupostos da teoria:

[...] precisa ser discutida a partir da localização dos grupos nas relações de poder. Seria preciso entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades e criam grupos em vez de pensar essas categorias como descritivas da identidade aplicada aos indivíduos (RIBEIRO, 2017, documento eletrônico).

A ciência é um espaço legítimo para dar voz? Ribeiro (2017, documento eletrônico) responde essa questão entendendo que “quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência”. Nesse sentido, a autora define que:

18 “Somos todos migrantes” é uma frase recorrente em campanhas em prol da migração e do refúgio no Brasil.

19 A frase “a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam” é atribuída a Frei Betto.

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba. Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva. (RIBEIRO, 2017, documento eletrônico).

Não é, portanto, a ciência, a academia e a pesquisa que podem (também) a partir de um lugar legitimado repensar sua própria práxis? O desafio (e a necessidade) de teorizar sobre comunicação e migração, a partir do lugar privilegiado que ocupamos ganha eco, mais uma vez, na fala de Djamila Ribeiro, pois:

Falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso, cada vez mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. (RIBEIRO, 2017, documento eletrônico).

A autora argumenta que quem defende a eliminação do “lugar de fala”, ou defende “a voz de ninguém” é “quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade” (2017, documento eletrônico). Nesse sentido, Mato (2019), nos convida a pensar *más allá de la Academia*, o que significa romper os paradigmas institucionais que aprisionam e propor que as/os pesquisadoras/es revisitem, intimamente, suas motivações, seus interesses, seus lugares de fala. Retomamos, por fim, a Djamila que nos ‘autoriza’ a falar:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lócus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2017, documento eletrônico).

Quando refletimos sobre o fazer pesquisa, e sobre os caminhos que uma dissertação deve “andar”, recuperamos o pensamento de Hélio Silva (2009, p. 175-176) e toda sua poesia de entender o “andar como metáfora da vida, como marca fundamental do humano”, que nos inspira a refletir sobre as dimensões: andar, ver e escrever. É nesse

sentido que o autor entende a vida como um percurso balizado pelo olhar. E é a partir do nosso lugar de fala, como mulheres latinas e brasileiras.

3.3 Recorte de gênero no contexto migratório

A discussão sobre gênero, na pesquisa acadêmica do Brasil, ocorre há poucas décadas. De acordo com Louro (1995, p. 102), “apenas muito recentemente, em nosso meio, os estudos de gênero (ou de relações de gênero) passaram a ocupar algum espaço nas discussões acadêmicas”. Por isso, dedicamos um espaço neste capítulo para pensar as relações de gênero e o feminismo no contexto migratório. Posicionar essa pesquisa como feminista significa que é “[...] assumidamente, uma pesquisa interessada e comprometida, ela fala a partir de um dado lugar.” (LOURO, 1997, p. 143).

A construção de gênero também se faz por sua desconstrução. De acordo com a autora, é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. “Há um esforço para dar visibilidade à mulher como agente social e histórico, como sujeito; portanto o tema sai das notas de rodapé e ganha o corpo dos trabalhos.” (LOURO, 1995, p. 102). A constante invisibilidade da mulher migrante, nos contextos de deslocamentos humanos, produz sentidos estereotipados das suas vivências (COGO E THEODORO, 2018). Para essa pesquisa, se torna essencial a compreensão do conceito de gênero:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, 1995, p. 103).

De acordo com Louro (2010), pensar o gênero como instável, transitório, provisório, negando sua homogeneidade e fixidez passou a ter importância atualmente. Para a autora é necessário “afastar-se do centro, materializado pela cultura e pela existência do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média.” (LOURO, 2010, p. 42). Retomamos, aqui, mais uma abordagem do conceito de identidade. De acordo com Louro, é preciso

[...] entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. (LOURO, 1997, p. 24).

Nesta pesquisa, buscamos entender a migração como uma experiência de gênero e, para isso, é preciso reconhecer que os sistemas sociais perpetuam as desigualdades entre homens e mulheres. Nesse sentido, incorporar uma perspectiva de gênero é refletir sobre as mulheres venezuelanas e suas experiências migratórias, no âmbito da comunicação e da cultura, contemplando as identidades e diferenças presentes no contexto migratório. A seguir, Louro (1997), contribui com a compreensão de identidade:

Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. [...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a Igreja, as práticas educativas e de governo, a política, etc., são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são “generificados” – produzem-se, ou engendram-se, a partir das relações de gênero (mas não a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, etnias, etc.). (LOURO, 1997, p. 24 e 25).

Pensar a pesquisa em comunicação com interface gênero-migração, de acordo com (COGO, 2017, p. 181) “situa-se como um campo de estudos recente no âmbito das teorias migratórias, no qual as dinâmicas de feminização das migrações internacionais passam a assumir centralidade.” Cabe, no entanto, destacar que a discussão de questões de gênero é sensível, pois o conceito binário já transcendeu para inúmeras outras posições e ainda dentro dessas inúmeras posições, há pessoas que vivem na fronteira entre elas. Louro (2008, p. 21) esclarece essa questão:

Esse embate, como qualquer outro embate cultural, é complexo exatamente porque está em contínua transformação. No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O

desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver.

Nesta pesquisa, reconhecemos as especificidades das trajetórias de mulheres migrantes, em relação às responsabilidades e às vulnerabilidades, e compreendemos a dinâmica das diferenciações das estratégias entre mulheres e homens em relação às sociedades de acolhida. À luz dessa discussão, entendemos que é válido pontuar como a cultura molda o gênero e a sexualidade através dos tempos e como essa ampliação dos gêneros segue sendo desafiadora atualmente. Para Louro:

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la. (LOURO, 2008, p. 22 - 23).

Por fim, entendemos que o olhar intercultural, a partir de um marcador de gênero, possibilita a reflexão sobre os papéis possíveis da comunicação e da cultura na promoção da igualdade de gênero e do empoderamento das mulheres migrantes e refugiadas, compreendendo as incertezas entrelaçadas desse conceito. Conforme Louro,

O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 2008, p. 27).

O recorte de gênero, nesta pesquisa, nos permite uma abordagem empírica das relações sociais no contexto migratório, a partir da comunicação e da cultura. E, partir da aproximação com o campo, pelo encontro com os sujeitos migrantes, ou seja, com as mulheres migrantes e refugiadas, e em seus relatos, nas suas experiências cotidianas e no diálogo a partir de suas práticas e processos comunicativos, buscamos dialogar sobre

as interfaces entre comunicação, cultura e migração, no contexto de Pacaraima/RR. A partir da discussão teórica, compreendemos que os contextos migratórios, colocando em pauta a interculturalidade (e as diferenças culturais), podem ser considerados muito relevantes para pensarmos a comunicação e as questões de gênero nos dias de hoje.

4 A COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO MIGRATÓRIO DE MULHERES VENEZUELANAS NO BRASIL

Neste capítulo, apresentamos os dados documentais e observacionais da pesquisa, incluindo um panorama sobre a migração venezuelana no Brasil e em Pacaraima/RR, a presença da comunicação no contexto migratório da fronteira e as experiências migratórias de mulheres venezuelanas atravessadas pela comunicação. Os dados deste capítulo são relativos ao período de campo e foram coletados entre os anos de 2020 e 2022²⁰.

4.1 Panorama sobre a migração venezuelana no Brasil e em Pacaraima/RR

A seguir, apresentamos: o panorama político-econômico, cultural e social do Brasil, a partir de dados coletados entre 2020 e 2022, e que consideramos elementares para compreensão do contexto da migração venezuelana no país que tratamos a seguir. Conhecer as informações mais relevantes desse período, em que a pandemia era pano de fundo para praticamente todos os acontecimentos, contribui para reconhecermos os impactos que agravaram as vulnerabilidades das pessoas em contextos migratórios. Em relação ao papel da mídia brasileira na cobertura da migração, também desenvolvido neste subcapítulo, o período analisado é de janeiro de 2020 a dezembro de 2021.

No que diz respeito ao cenário político-econômico do Brasil, de acordo com os dados do Ministério da Saúde²¹, o Brasil ultrapassou 675 mil mortos na pandemia do Covid-19. No mês de junho de 2022, o país alcançou 33 milhões de casos confirmados. Apesar dos dados alarmantes, a pandemia não se resumiu às questões sanitárias. O contexto econômico, político, social e cultural do Brasil figura uma das crises mais profundas da história recente do país. O negacionismo do governo Bolsonaro, as *fake*

20 O período da pesquisa de campo (2020 a 2022) justifica a presença de dados sobre as instituições, as organizações, as notícias, o produto midiático e as interlocutoras, coletados em diferentes momentos ao longo desses anos, no decorrer da pesquisa.

21 Disponível em: covid.saude.gov.br. Acesso em: 25 jun. 2022. O processo de atualização dos dados sobre casos e óbitos confirmados por COVID-19 no Brasil é realizado diariamente pelo Ministério da Saúde através das informações oficiais repassadas pelas Secretarias Estaduais de Saúde das 27 Unidades Federativas brasileiras.

news, a instabilidade do Ministério da Saúde e os ataques à ciência tornaram o país um caos em diversos sentidos.

O desemprego no Brasil atingiu o recorde de 14,4% no trimestre encerrado em agosto de 2020, de acordo com o IBGE (ALVARENGA; SILVEIRA, 2020). A alta do preço dos alimentos foi outro fator agravante que prejudicou, especialmente, a população mais vulnerável das cidades brasileiras. O preço da cesta básica, na época, teve alta em todas as 17 capitais pesquisadas pelo Dieese (SILVEIRA, 2020). Além disso, milhares de estudantes da rede pública de educação tiveram problemas com o acesso ao ensino à distância e as aulas presenciais, até hoje, não retornaram completamente. O prejuízo às/aos estudantes ainda não pode ser mensurado.

O contexto político é crítico e segue dividindo o país em dois extremos. A polarização das eleições para presidência de 2018 segue refletindo os discursos de ódio da extrema direita e a resistência de pessoas que lutam pela dignidade humana e pela justiça social. Com a aproximação das eleições para Presidência, em 2022, a pauta política ganha ainda mais fôlego no país.

No artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, de autoria do ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso: “A reconstrução da política externa brasileira”,²² defende-se que “a diplomacia brasileira, reconhecida como força de moderação e equilíbrio a serviço da construção de consensos, converteu-se em coadjuvante subalterna do mais agressivo unilateralismo”. Em relação à atuação do governo Bolsonaro:

Abrimos mão da capacidade de defender nossos interesses, ao colaborarmos para a deportação dos Estados Unidos em condições desumanas de trabalhadores brasileiros ou ao decidir por razões ideológicas a retirada da Venezuela, país limítrofe, de todo o pessoal diplomático e consular brasileiro, deixando ao desamparo nossos nacionais que lá residem. (CARDOSO, 2020, documento eletrônico).

Por mais que a vacinação tenha avançado no país, é impossível dissociarmos a crise econômica das questões políticas (e sanitárias) em meio à pandemia do Covid-19. Centenas de milhões de pessoas, em todo o mundo, e as economias de mais de 190 países sofreram essa realidade e buscaram maneiras de minimizar os impactos da doença. O governo brasileiro não seguiu as orientações da Organização Mundial da

²² Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/a-reconstrucao-da-politica-externa-brasileira.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2021.

Saúde (OMS) em relação ao isolamento social e aos hábitos de higiene (uso de máscara e álcool gel), o que potencializou o número de mortes e infectados pela doença.

Um panorama cultural e social do Brasil nos revela inúmeras fragilidades e dificuldades agravadas nos anos de 2020 e 2021. O setor cultural, responsável pela renda de milhões de brasileiras e brasileiros, sofreu uma enorme ruptura tanto de produção, quanto de consumo (CALIL, 2020). Além da perda de dinheiro, as atividades presenciais não puderam ser mantidas (de acordo com as orientações de saúde), o que gerou inúmeros cancelamentos de shows, espetáculos, filmes, festivais, premiações e apresentações em geral. O principal carnaval de rua do Brasil, no Rio de Janeiro, foi cancelado em 2021²³ e “adiado” em 2022.

Outro dado alarmante, divulgado pelo IBGE, aponta que de 2015 a 2020 o número de pessoas em situação de insegurança alimentar grave aumentou em 3 milhões (SILVEIRA, 2020). Nessa situação, a fome passou a ser uma experiência vivida no lar. A pesquisa de 2020 registrava que cerca de 10,3 milhões de brasileiras/os viviam em lares nessa condição, sendo que mais da metade desses domicílios eram chefiados por mulheres.

A desigualdade social no Brasil é uma discussão histórica que apresentou poucos sinais de esperança nos últimos anos. As regiões mais afetadas pelos problemas sociais seguem sendo o Norte e o Nordeste do país, os quais apresentam os piores IDH's (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil. Compreendemos, com esses dados, que é urgente pensarmos em soluções duradouras e sistemáticas para garantia da dignidade humana de brasileiras e brasileiros que vivem afastadas/os do eixo sul-sudeste.

No contexto da migração venezuelana no Brasil, a população em deslocamento também viveu uma crise econômica, política e social nos últimos. O estopim da crise poderia estar relacionado com a queda das cotações de petróleo, a partir de 2015, no qual o governo venezuelano baseou sua economia totalmente ancorada na cadeia petrolífera, o que resultou na hiperinflação e na falta de dinheiro em circulação (CRISE..., 2020). Mas conforme já mencionamos anteriormente, o contexto da crise venezuelana demandaria uma retrospectiva histórica profunda e densa, a qual não temos tempo, nesta pesquisa. Em geral, o desabastecimento de alimentos, de remédios, os inúmeros

23 Ver em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2021/noticia/2020/10/29/reuniao-decide-que-nao-havera-carnaval-de-rua-no-rio-em-2021.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2021.

conflitos políticos diante de um cenário de insatisfação da população com o governo do Nicolás Maduro, fez com que a população da Venezuela buscasse residência (e/ou refúgio) em países vizinhos. Nesse sentido, o Brasil tem sido um país diretamente envolvido, principalmente em Roraima, estado que faz fronteira com a Venezuela.

Contextos migratórios sempre estiveram presentes na história do Brasil. Nas últimas décadas, o país tem sido o território escolhido por diferentes nacionalidades, dentre elas, especialmente a haitiana e a venezuelana. O Brasil acolheu milhares de haitianas e haitianos após o terremoto que devastou o país em 2010. Mais de 300 mil pessoas morreram e milhares ficaram em situação de vulnerabilidade social²⁴. No entanto, é válido ressaltar que o Haiti já vivia uma crise econômica antes do terremoto. Não seria correto afirmar que apenas o desastre ambiental motivou esses deslocamentos. Nesse sentido, a Copa do Mundo também pode ser considerada um motivador para as migrantes, devido às promessas de emprego para as obras, em diferentes cidades brasileiras. Cabe ressaltar, que a migração venezuelana é, atualmente, a principal no Brasil.

De acordo com os dados divulgados pelo IBGE, a população brasileira somava 211.755.692 pessoas, em 2020 (IBGE, 2020). O estado de Roraima possuía uma população estimada em 631.181 pessoas (em 2020), configurando a menor densidade demográfica do país, com cerca de 2,01 hab/km² (de acordo com os dados de 2010). O estado de São Paulo, por exemplo, possuía uma densidade de 166,25 hab/km² (dados de 2010). O estado de Roraima é, sem dúvidas, o mais afetado pela migração venezuelana, pois é a porta de entrada das migrantes e refugiadas. Além disso, o estado já vivia com uma situação delicada, envolvendo corrupção de políticos locais e a fragilidade e precariedade do sistema de saúde, de educação e de segurança.

Quanto ao contexto político de Roraima, as eleições municipais de 2020 poderiam ser consideradas alarmantes. Muitos candidatos defendiam seus ideais de governo contra os direitos dos sujeitos migrantes (ZANINI, 2020). Na propaganda política do candidato Deputado Nicoletti para prefeitura de Boa Vista, por exemplo, a frase “na minha gestão municipal, venezuelano não terá privilégio” é destaque nas peças publicitárias.

24 Ver em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/imigracao-haitiana-no-brasil.htm>. Acesso em: 17 jun. 2021.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) divulga mensalmente um documento nomeado Informe da Migração Venezuelana no Brasil²⁵ com dados sobre o fluxo migratório de venezuelanas. Conforme mencionado, o estado brasileiro de Roraima é a principal porta de entrada de migrantes para o Brasil, através da fronteira de Pacaraima. Conforme a Figura 4, a seguir, atualmente vivem cerca de 337.248 venezuelanas no Brasil. O número de mulheres refugiadas corresponde a 47%, ou seja, praticamente metade da migração venezuelana é composta por mulheres. Esse dado, no entanto, como apresentamos a seguir, é pouco visibilizado pela mídia, pelo governo e pela sociedade em geral.

O movimento migratório nos anos de 2020 e 2021 foi completamente afetado pela pandemia, o que prejudicou milhares de migrantes e refugiadas, conforme a Figura a seguir. Durante dois anos, em que a fronteira esteve oficialmente fechada, as migrantes e refugiadas venezuelanas foram impossibilitadas de entrar e sair do país (por meios regulares). Cabe, neste momento, ressaltar que por diversos momentos a Polícia Federal deportou migrantes e refugiadas em situação irregular²⁶.

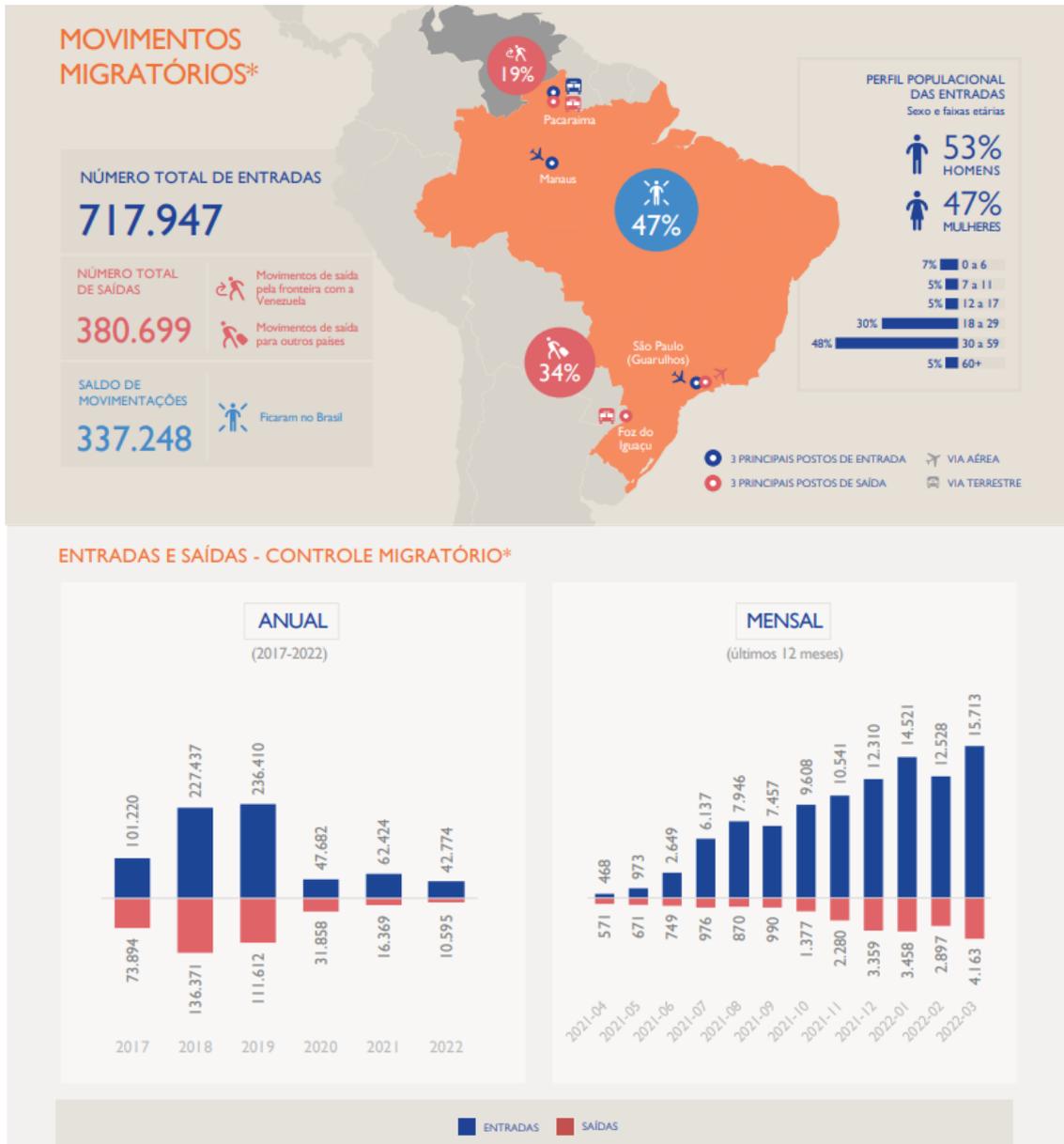
Para além das questões humanitárias, absolutamente pertinentes para esta dissertação, a falta da regularização migratória dessas pessoas que se encontravam num “limbo” para o governo brasileiro, por entrarem no país de forma irregular, e a impossibilidade de acessar os serviços de saúde ocasionaram, possivelmente, um dos períodos mais críticos da fronteira desde o início da crise migratória.

Nesse contexto, as mulheres são uma população discriminada e excluída em praticamente todo o mundo, e desde que a migração internacional se converteu em uma estratégia de sobrevivência de muitas delas é urgente reconhecermos que suas vulnerabilidades precisam ser reconhecidas e acolhidas. Por isso, esses dados são importantes para apresentarmos a situação em que vivem as mulheres em deslocamentos forçados, assim como as condições de vulnerabilidade específicas que enfrentam e as necessidades de assistência e proteção diferenciada que necessitam.

²⁵Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/default/files/Publications/>. Acesso em: 9 abr. 2022.

²⁶ De acordo com o ACNUR (2022), no Brasil, as pessoas refugiadas têm garantia a proteção internacional contra a expulsão ou extradição, além da flexibilização na apresentação de documentos do país de origem.

Figura 4 – Migração venezuelana no Brasil – janeiro de 2017 a março de 2022



Fonte: Dados da Polícia Federal publicados em março 2022 no relatório “Imigração Venezuelana/Brasil” (OIM, 2022).

Em relação à documentação, ou seja, a regulamentação migratória, os dados coletados em março de 2022, que apresentamos na Figura a seguir, indicam que 51.578 venezuelanas foram reconhecidas como refugiadas. No entanto, quase 100 mil solicitações ainda aguardam os tramites burocráticos do governo e do CONARE. O número de migrantes residentes, no mesmo período, corresponde a 199.890 (sendo 120.635 referente à residência temporária e 79.255 à residência por tempo indeterminado).

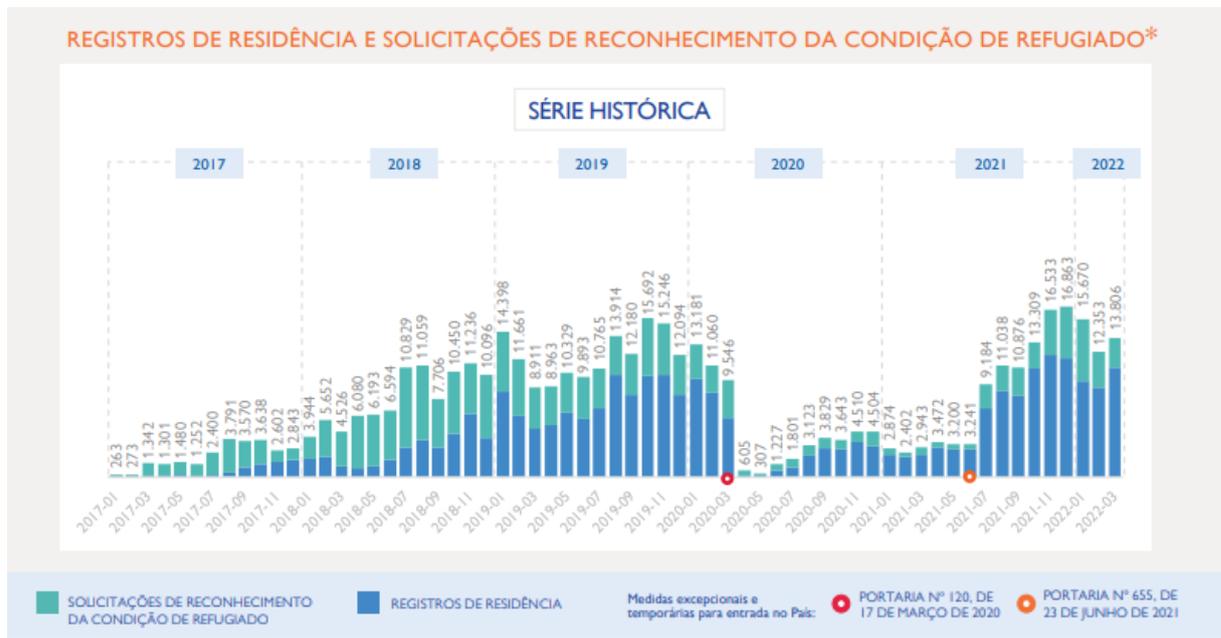
Figura 5 – Dados da regularização migratória de venezuelanas em 2022



Fonte: Dados da Polícia Federal publicados em março 2022 no relatório “Imigração Venezuelana/Brasil” (OIM, 2022).

A Figura 6, a seguir, nos aponta o impacto do fechamento da fronteira, já mencionado anteriormente, em março de 2020, por causa do Covid-19. É possível observarmos, com o gráfico, a diminuição brusca de entrada desde a data mencionada (sinalizada no gráfico pela Portaria Nº 120) e a retomada nos últimos meses de 2021 (sinalizada no gráfico pela Portaria Nº 655).

Figura 6 – Regularização migratória de venezuelanas no Brasil de 2017 a 2022



Fonte: Dados da Polícia Federal publicados em março 2022 no relatório “Imigração Venezuelana/Brasil” (OIM, 2022).

A principal resposta do governo brasileiro para a situação de venezuelanas foi a criação da Operação Acolhida (BRASIL, 2020), em 2018. A atuação ocorre nos seguintes eixos:

- 1) ordenamento da fronteira – documentação, vacinação e operação controle do Exército Brasileiro;
- 2) acolhimento – oferta de abrigo, alimentação e atenção à saúde; e
- 3) interiorização – deslocamento voluntário de venezuelanos de RR

para outras Unidades da Federação, com objetivo de inclusão socioeconômica. (BRASIL, 2020).

Dados coletados num relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2020, apontavam que 40% das venezuelanas que viviam em abrigos em Roraima já haviam sofrido insultos. O estudo analisou os tipos de violências sofridas por mulheres brasileiras e venezuelanas que viviam nas cidades de Boa Vista e Pacaraima. De acordo com o relatório, muitos dos casos se passaram durante o processo de busca de documentação e travessia de fronteira ou mesmo antes dela (ARAÚJO, 2020). As mulheres migrantes estão mais propensas a agressões psicológicas, físicas e sexuais. Cerca de 20% das participantes declararam que já sofreram algum tipo de violência física, e o estupro foi o tipo de violência sexual mais relatado. Por isso, compreendemos que a migração deve ser percebida a partir da perspectiva de gênero, pois há razões diferentes pelas quais migram homens e mulheres.

Em fevereiro de 2020, Pacaraima foi local de protestos contra a entrada de migrantes e o aumento da violência nas ruas. De acordo com a notícia, “o que grande parte dos moradores de Pacaraima alega é que, desde que os venezuelanos começaram a chegar, em 2015, o atendimento do serviço hospitalar piorou e que a violência aumentou” (PACARAIMA..., 2020, documento eletrônico). A matéria ainda destaca que uma jovem venezuelana de 15 anos foi estuprada e que o suspeito é venezuelano (PACARAIMA..., 2020). A notícia de 2020 não destoa muito das notícias descritas a seguir, em que muitas vezes migrantes e refugiadas são representadas como problema.

Nesse sentido, em relação ao papel da mídia brasileira na cobertura sobre migração, com o aumento dos deslocamentos humanos, compreendemos que a mídia ganha, cada vez mais, um papel fundamental na divulgação de informações, na representação midiática de migrantes e refugiadas, no fomento ao debate público sobre xenofobia, preconceito, racismo e na visibilidade de pautas relativas aos contextos migratórios. Diversas iniciativas são desenvolvidas por brasileiras/os e migrantes nesse sentido. Destacamos a seguir, três situações/iniciativas midiáticas que contribuíram para a visibilização da questão migratória, tanto no mundo quanto no Brasil, nos últimos anos.

A primeira situação ocorreu em 2015 e até hoje é mencionada na mídia mundial. A situação, infelizmente, é um marco na imprensa, em relação à pauta de migrantes e refugiadas, com a foto de um menino sírio morto encontrado em uma praia turca após

naufrágio. “As imagens de um menino sírio morto (Figura 7) numa praia da Turquia viraram símbolo da crise migratória que já matou milhares de pessoas do Oriente Médio e da África que tentam chegar à Europa para escapar de guerras, de perseguições e da pobreza” (FOTO..., 2015, documento eletrônico). A partir dessa foto, diversas instituições em todo o mundo e a imprensa global começaram a pautar as crises migratórias na mídia com mais ênfase. Essa imagem também apareceu em diversas pesquisadas do estado da arte e aponta para a urgência da temática ser discutida em todos os níveis, inclusive no campo da comunicação.

Figura 7 – Menino sírio Aylan



Fonte: Portal de Notícias R7²⁷.

Na mídia que consideramos tradicional e hegemônica brasileira, a migração também vem sendo abordada nos últimos anos, mesmo que de maneira sutil. Em 2019, a Rede Globo (principal rede de televisão aberta brasileira) desenvolveu uma novela com foco em refugiadas sírias que vieram para o Brasil (GLOBO..., 2019). A novela *Órfãos da Terra* abordou diversas culturas, crenças, sonhos e sotaques, apresentando um convívio pacífico apesar das diferenças. Poucas novelas da televisão brasileira tiveram personagens e enredos focados em migrantes e refugiadas nas últimas décadas.

27 Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/menino-morto-em-praia-que-se-tornou-simbolo-da-crise-migratoria-fugia-de-cidade-dominada-pelo-estado-islamico-03092015#/foto/7>. Acesso em 17 jun. 2021.

Por fim, a terceira iniciativa que destacamos é o blog MigraMundo. O objetivo do site é “ser um espaço para abordar, informar e debater sobre as múltiplas facetas que permeiam as migrações no Brasil e no mundo. Ele contém tanto notícias e relatos sobre problemas vividos por pessoas migrantes dentro e fora do país, como avanços e reconhecimentos obtidos na questão migratória” (MIGRAMUNDO, 2020, documento eletrônico). Cabe reforçar, nesse sentido, que diversas ONGs são responsáveis pela divulgação de notícias relacionadas à migração. O blog MigraMundo criou uma lista de páginas de instituições presentes em todas as regiões do Brasil²⁸: Abraço Cultural, Missão Paz, Compassiva, Cáritas, PAAR, BibliASPA, Adus, CAMI, IMDH e outras.

A seguir, apresentamos um mapeamento de notícias encontradas a partir das palavras-chave: refúgio, refugiadas, refugiados, migração, migrante e Venezuela, de forma panorâmica, no período janeiro de 2020 a dezembro de 2021. Ao observamos a mídia nacional, especificamente o site do Estadão (o site www.estadao.com.br é considerado um dos maiores sites de notícias no país), é possível identificar que a pauta migratória não é completamente invisibilizada, como exemplo destacamos as seguintes notícias: “Metade dos Venezuelanos que vivem no Brasil perdeu emprego ou renda na pandemia diz estudo”. (ESTADÃO, 2021); “Uma em cada três Venezuelanas no Brasil não conseguem emprego, diz estudo da ONU”. (ESTADÃO, 2021); “Serviço ao imigrante em SP ganha reconhecimento da ONU ao acolher refugiados” (ESTADÃO, 2021) e “Venezuelanos sofrem discriminação em diferentes países da América Latina” (ESTADÃO, 2021). É possível considerar que a mídia nacional tende a retratar a pauta migratória com pouca frequência e com certa superficialidade. Normalmente, os eventos negativos ou com alguma característica pejorativa aos migrantes são noticiadas. Muitos projetos de empoderamento e desenvolvimento social não são reconhecidos nacionalmente.

Em relação à mídia estadual, destacamos as notícias do g1 Roraima de janeiro de 2020 a dezembro de 2021. Diferentemente da abordagem nacional, a mídia do estado de Roraima possui um tom de denúncia das realidades migrantes nas cidades. A seguir, destacamos as principais notícias dos últimos meses: “Venezuelanos passam noite nas ruas e enfrentam longas filas por regularização no Brasil” (G1 RORAIMA, 2021);

28 Disponível em: <https://migramundo.com/conheca-ongs-que-apoiam-migrantes-e-refugiados-no-brasil-e-aceitam-voluntarios/>. Acesso em 17 jun. 2021.

“Migrantes venezuelanos lotam ruas de Pacaraima, em RR, após flexibilização na fronteira” (G1 RORAIMA, 2021); “Migrantes venezuelanos são vacinados contra a Covid-19 em Roraima”. (G1 RORAIMA, 2021); “Venezuelanos que emigram para o Brasil passam fome e vivem nas ruas em Roraima” (G1 RORAIMA, 2021); “Impulsionado pela migração de venezuelanos, Roraima tem maior crescimento populacional do país” (G1 RORAIMA, 2021); “Impulsionado pela migração de venezuelanos, Roraima tem maior crescimento populacional do país” (G1 RORAIMA, 2021); “‘Coiotes’ são presos por cobrar por travessia ilegal de migrantes na fronteira do Brasil com a Venezuela” (G1 RORAIMA, 2021); “Luiza Brunet visita refugiados venezuelanos em Roraima” (G1 RORAIMA, 2021); “Carro de som incentiva vacinação contra Covid de migrantes em situação de rua em Roraima” (G1 RORAIMA, 2021); “Projeto Orinoco já ofertou 1,5 milhão de litros de água tratada a migrantes em situação de rua em Roraima” (G1 RORAIMA, 2021) e “Migração venezuelana em Roraima é tema de documentário produzido pela Cáritas” (G1 RORAIMA, 2021).

As notícias estaduais trazem a pandemia do Covid-19 com certa frequência e em nenhuma manchete apresentam as migrantes como protagonistas das suas realidades. Nesse sentido, conseguimos observar certo distanciamento dos cotidianos de Roraima.

Buscando uma abordagem mais local, destacamos as notícias da Folha BV, jornal da capital do estado de Roraima, visto que Pacaraima não possui canais oficiais de comunicação. Observamos o mesmo período do veículo nacional (estadão) e do veículo estadual (g1 Roraima) e observamos que as notícias tendem a ser mais aprofundadas e qualificadas. Por exemplo, “Ong faz atendimento a refugiados e migrantes venezuelanos” (FOLHA BV, 2021); “Imigrantes indígenas começam a ser vacinados contra a covid” (FOLHA BV, 2021); “Médicos se voluntariam para ajudar imigrantes em situação de rua” (FOLHA BV, 2021); “Volume de migrantes aumenta na fronteira de Pacaraima” (FOLHA BV, 2021); “Entrada de venezuelanos no Brasil em novembro supera total do ano todo” (FOLHA BV, 2021); “Quase 650 mil venezuelanos migraram para o Brasil desde 2017” (FOLHA BV, 2021); “Entrada de venezuelanos no Brasil em novembro supera total do ano todo” (FOLHA BV, 2021); “Migrantes provocam aglomeração em Pacaraima” (FOLHA BV, 2021); “Operação Acolhida nega restrição de entrada de migrantes na fronteira” (FOLHA BV, 2021) e “Imigrantes buscam formas de regularizar residência no país” (FOLHA BV, 2021).

Além dos veículos estaduais, g1 Roraima e Folha BV, também buscamos pelas palavras-chave no *Google* Notícias, no mesmo período (dezembro de 2020 a dezembro de 2021) e identificamos as seguintes notícias: “Pandemia de Covid-19 dificulta acolhida de refugiados venezuelanos em Brasília” (G1 DISTRITO FEDERAL, 2021); “Mais de 19 mil venezuelanos receberam novas oportunidades de vida no Brasil” (GOB.BR, 2021); “Refugiados venezuelanos chegam no RS em busca de uma nova vida” (CORREIO DO POVO, 2021); “Acuados pela fome, venezuelanos burlam fronteira fechada e engrossam fila de imigrantes sem documentos no Brasil” (O GLOBO MUNDO, 2021); “Programa da ONU ajuda venezuelanas a refazer a vida no Brasil” (AGÊNCIA BRASIL, 2021); “Polícia invade abrigo de refugiados e detém freira em Roraima” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021); “Justiça Federal proíbe deportação de imigrantes venezuelanos vulneráveis em Roraima” (O GLOBO, 2021); “Grupo de venezuelanos refugiados no Ceará se abriga em Itapipoca, após passar por Iguatu” (G1 GLOBO, 2021); “Interiorização é esperança para mais de 50 mil venezuelanos no Brasil” (AGÊNCIA BRASIL, 2021); “Ódio a imigrantes venezuelanos se espalha pela América Latina” (CORREIO BRAZILIENSE, 2021); “Governo inaugura espaço para atendimento a refugiados e migrantes em Belém” (G1 PARÁ, 2021); “Refugiados venezuelanos no Ceará recebem documentação para serviços de saúde e educação” (G1 CEARÁ, 2021); “Em meio a pandemia e fronteiras fechadas, o Brasil recebeu 10 mil refugiados por rotas ilegais” (CBN, 2021); “Fome, desemprego e medo: as dificuldades enfrentadas por refugiados no Brasil” (CORREIO BRAZILIENSE, 2021); “Governo libera R\$ 6,5 milhões para acolher imigrantes e refugiados” (AGENCIA BRASIL, 2021) e “Iniciativa da Acnur estimula empresas a contratar refugiados no Brasil” (AGENCIA BRASIL, 2021).

As notícias mencionadas surgiram nas primeiras páginas do *Google* e podemos identificar que a maioria das notícias apresenta a realidade migratória a partir do olhar de acolhedores, ou seja, do país receptor de migrantes.

A seguir, apresentamos as demais notícias encontradas até décima página do *Google*: ‘Não quero ter que pedir dinheiro’: o drama das indígenas venezuelanas refugiadas em Belém” (O GLOBO CELINA, 2021); “Imigrantes dormem na rua em Boa Vista, capital de Roraima, por falta de abrigos” (BRASIL DE FATO, 2021); “Brasil tem mais de 57 mil pessoas reconhecidas como refugiadas, aponta relatório do Conare” (G1 SÃO PAULO, 2021); “Operação Acolhida já interiorizou mais de 56 mil venezuelanos refugiados” (CNN BRASIL, 2021); “Refugiados e migrantes no Brasil têm menos acesso a

políticas de inclusão, diz pesquisa” (CNN BRASIL, 2021); “Número de refugiados venezuelanos desabrigados explode na fronteira brasileira” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021); “Exposição fotográfica traz a história de refugiados venezuelanos no Brasil” (CORREIO BRAZILIENSE, 2021); “Fotógrafo documenta a entrada de refugiados da Venezuela no Brasil” (EBC, 2021); “Crise migratória sem precedentes dispara na América Latina” (CNN BRASIL, 2021); “Em Roraima, presidente visita abrigo de imigrantes venezuelanos” (AGÊNCIA BRASIL 2021); “Ação de agências da ONU pretende empoderar refugiadas venezuelanas” (AGÊNCIA BRASIL, 2021); “Refugiados venezuelanos ganham até quatro vezes menos que brasileiros” (CNN BRASIL, 2021); “Pesquisa revela condições de vida e renda dos refugiados venezuelanos” (AGÊNCIA BRASIL, 2021); “Comissão ouve situação de migrantes e refugiados no Brasil” (RADIO SENADO, 2021); “Governo regulariza situação de 287 mil refugiados venezuelanos na Operação Acolhida” (CNN BRASIL, 2021) e “Pessoas sem pátria e terra: a crise mundial de migrantes e refugiados em 2021” (CNN BRASIL, 2021).

Neste subcapítulo, conhecemos os principais dados sobre o panorama brasileiro de 2020 a 2022, ou seja, o contexto social do Brasil, que contribuem para a compreensão do contexto da migração venezuelana no Brasil e, especialmente, em Pacaraima/RR. Fica claro, nesse sentido, o impacto político-econômico, social e cultural da pandemia do Covid-19 na vida de milhares de migrantes venezuelanas em Pacaraima.

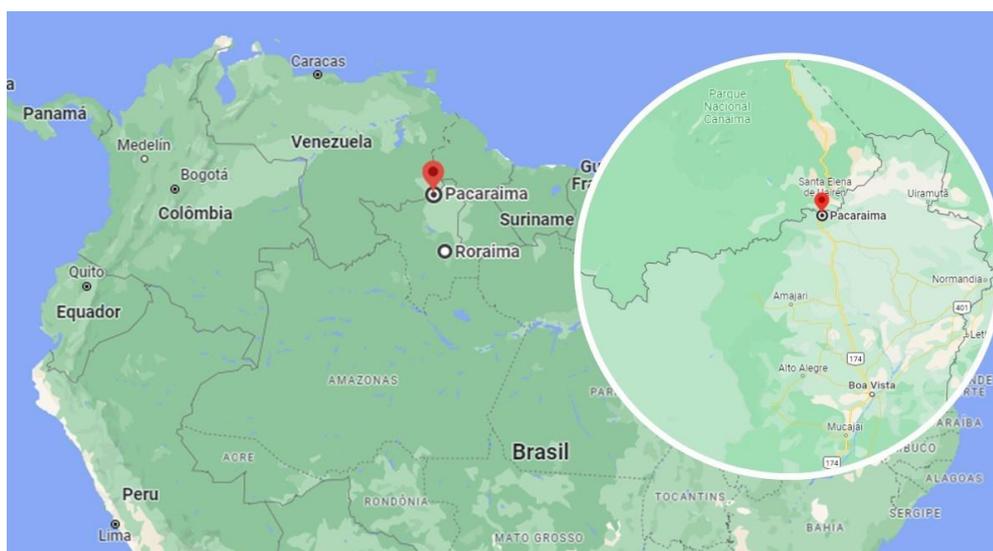
Em relação à mídia, nossa principal reflexão, até aqui, está relacionada à representação de migrantes e refugiadas nas notícias, além da homogeneização das pessoas e das culturas. As notícias positivas sobre a migração, sobre a atuação das ONGs e projetos humanitários são raras e poucas apresentam as migrantes como seres integrais e de direitos. A partir desse panorama, abordamos, a seguir, a presença da comunicação em Pacaraima/RR.

4.2 Presença da comunicação no contexto migratório da fronteira

A Operação Acolhida está presente na cidade de Pacaraima (Figura 8) desde fevereiro de 2018. Comandada pelas Forças Armadas do Brasil e pelas Agências da ONU,

a OIM e o ACNUR, compreendemos que a Operação ampliou a atuação na fronteira brasileira com a Venezuela, e qualificou a entrada de migrantes e refugiadas. A Operação tem como objetivo proteger as venezuelanas que atravessam a fronteira, prestando auxílio humanitário para as pessoas em situação de vulnerabilidade. A Operação, visa, portanto recepcionar, abrigar e interiorizar migrantes e refugiadas provenientes da crise humanitária na Venezuela.

Figura 8 – Mapa da cidade de Pacaraima/Roraima



Fonte: Google Maps (2022).

Cabe ressaltar, que os dados que abordamos neste subcapítulo foram coletados em 2021. Tratamos, a seguir, de apresentar os principais canais de comunicação, bem como buscamos destacar os públicos, os tipos de publicação, os conteúdos disponibilizados e as reações/comentários.

A Figura 9 apresenta o logotipo da Operação Acolhida e representa “a mão acolhedora do Brasil”. Com fluxo normal, com fronteira aberta, a entrada no Brasil pode levar alguns dias, visto que o Posto de Recepção e Identificação (PRI) e o Posto de Triagem (PTRIG) recebem centenas de pessoas todos os dias. Entretanto, como vimos anteriormente, a atuação da Operação Acolhida mudou (a partir de março de 2020) com o fechamento da fronteira do Brasil com a Venezuela. A restrição persistiu por cerca de dois anos e, oficialmente, o tráfego de pessoas e veículos foi liberado em fevereiro de 2022.

Na prática, contudo, durante todo o período, venezuelanas buscaram rotas alternativas para transitar entre os dois países, carregando alimentos e outros produtos adquiridos do lado brasileiro. Muitas migrantes e refugiadas atravessaram a fronteira de

forma irregular, em busca de abrigo e atendimento médico, principalmente. Relembramos que a regularização migratória esteve suspensa em praticamente todo o período mencionado.

Figura 9 – Logo da operação acolhida



Fonte: Exército Brasileiro

As Forças Armadas possuem uma equipe de Comunicação Social em Boa Vista, responsável por gerar conteúdos digitais e audiovisuais para redes sociais (Youtube, Facebook, Instagram e Twitter), além de disponibilizar fotos, vídeos e informações à imprensa²⁹. A Figura 10 apresenta o site institucional da Operação Acolhida.

Em 2021, o site institucional possuía diversos álbuns de fotos nos abrigos de Boa Vista e Pacaraima, e registros de diversas iniciativas e eventos promovidos antes da pandemia. As notícias estavam atualizadas, mas não havia informações disponíveis para a imprensa. Não encontramos quaisquer informações em espanhol no site da Operação.

²⁹ Disponível em: <https://www.eb.mil.br/operacao-acolhida>. Acesso em 10 jun. 2021.

Figura 10 – Página do site institucional da Operação Acolhida



Fonte: Site da Operação Acolhida, 2021³⁰.

A página no Flickr (Figura 11), no mesmo período, possuía cerca de mil fotos e a última atualização era de 2019, ou seja, estava há cerca de dois anos desatualizada. A maioria dos álbuns eram registros de eventos nos abrigos (Curso de Mediação Rápida de Conflitos), visitas de militares (Visita de Chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro à Operação) e viagens de interiorização (Interiorização dos Migrantes Venezuelanos para Manaus e São Paulo).

Figura 11 – Página inicial do Flickr da Operação Acolhida



Fonte: Flickr da Operação Acolhida, 2021³¹.

³⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/>. Acesso em 10 jun. 2021.

³¹ Disponível em: https://www.flickr.com/people/oper_acolhida/. Acesso em 10 jun. 2021.

O Youtube (Figura 12) da Operação Acolhida possuía cerca de 1.200 seguidores e 80 vídeos. Eram publicados, na época, em média quatro vídeos por mês, sendo o último sobre a vacinação de indígenas para Covid-19. Os vídeos não possuíam legenda e estavam em português.

Figura 12 – Youtube da Operação Acolhida



Fonte: Youtube da Operação Acolhida, 2021³².

A página no Facebook (Figura 13) possuía, em 2021, mais de 8 mil seguidores e centenas de publicações. Muitos comentários eram de migrantes venezuelanas demonstrando gratidão ao Exército Brasileiro e à Operação Acolhida, especialmente em relação à estratégia de Interiorização.

Figura 13 – Comentários na Página no Facebook da Operação Acolhida



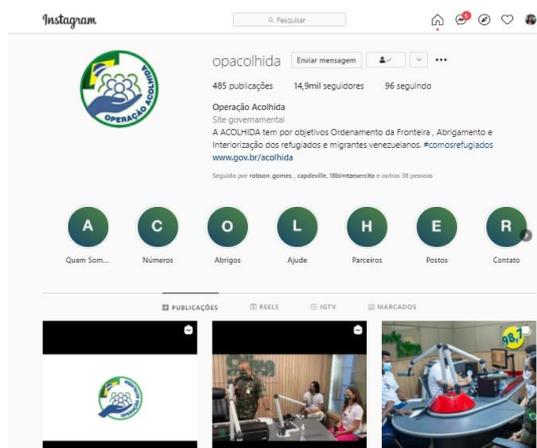
Fonte: Página do Facebook da Operação Acolhida, 2021³³.

³² Disponível em: <https://www.youtube.com/UCt64tFrj0VTTvhxrXnkbZ9g>. Acesso em: 10 jun. 2021.

³³ Disponível em: <https://www.facebook.com/opacolhida/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

O Instagram (Figura 14) da Operação Acolhida, no ano de 2021, era atualizado com frequência, possuía cerca de 15 mil seguidores, 500 publicações e sete destaques, dentre eles: quem somos, parceiros e abrigos. À época, a última foto publicada, no Dia Mundial do Refugiado, possuía cerca de mil curtidas, o que consideramos um alto engajamento em relação ao número de seguidores.

Figura 14 – Instagram da Operação Acolhida



Fonte: Instagram da Operação Acolhida, 2021³⁴.

Por fim, o Twitter (Figura 15) da Operação Acolhida possuía cerca de 3.500 seguidores e 700 tweets. As publicações normalmente possuíam foto ou vídeo, e as organizações parceiras eram marcadas, dentre elas: OIM, ACNUR e AVSI Brasil. Não havia hashtags na maioria das publicações. À época, identificamos um tweet fixado sobre a interiorização que em 2020 alcançava cerca de 19 mil refugiadas e migrantes venezuelanas, que viajaram para mais de 600 cidades brasileiras³⁵.

³⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/opacolhida/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

³⁵ Em abril de 2022, a interiorização registra 74.375 migrantes interiorizadas para 826 municípios.

Figura 15 – Twitter da Operação Acolhida



Fonte: Twitter da Operação Acolhida, 2021³⁶.

A partir dos canais identificados (site, Flickr, Youtube, Facebook, Instagram e Twitter) compreendemos que as migrantes e refugiadas não poderiam ser consideradas o público de interesse das publicações. Os conteúdos e, principalmente, a linguagem não são pensados para esse público. Não há qualquer conteúdo com tradução em espanhol, por exemplo. No entanto, registramos que não é nosso objetivo, nesta dissertação, avaliar a qualidade técnica dos canais, mas apontar reflexões sobre os conteúdos disponibilizados.

Defendemos, a partir dos contextos apresentados até aqui, que a comunicação da Operação Acolhida não poderia se resumir às redes sociais. Há alguns eventos institucionais e já foram feitas coletivas de imprensa, mas a comunicação com o público de interesse, com as migrantes e refugiadas, não ocorre da maneira esperada. Sem dúvidas, as agências da ONU e as organizações da sociedade civil exercem um papel fundamental nesse sentido, mas a Operação Acolhida como organização não se comunica com as pessoas deslocadas. Os conteúdos são, basicamente, para apresentar o trabalho

³⁶ Disponível em: <https://twitter.com/OpAcolhida>. Acesso em 10 jun. 2021.

nos abrigos e para promover o Exército brasileiro e as Forças Armadas de modo geral. Por vezes, os conteúdos parecem uma prestação de contas, um registro histórico ou uma exposição pouco sensível das pessoas em situação de vulnerabilidade.

A seguir, apresentamos as organizações diretamente envolvidas na Operação Acolhida (Figura 16), em Pacaraima. Cabe ressaltar que com a fronteira aberta outras Agências da ONU e ONGs passaram a atuar na fronteira. Em abril de 2022, estão presentes na Operação Acolhida, em Pacaraima: as Forças Armadas do Brasil, a Polícia Federal, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), a Organização Internacional para as Migrações (OIM), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), a Associação para Serviços Voluntários (AVSI Brasil) e o Ministério da Cidadania.

Figura 16 – Organizações envolvidas na Operação Acolhida em Pacaraima



Fonte: Elaborado pela autora.

Outras organizações religiosas marcam presença no território há muitos anos. A atuação de igrejas evangélicas e a igreja católica (no centro da cidade) são importantes espaços de solidariedade e assistência em prol de migrantes e refugiadas. Há, em Pacaraima, dois abrigos temporários, conhecidos como Comunidade Batista do Pastor Gideão, que normalmente recebe famílias evangélicas, e a Casa São José, coordenada por uma Irmã religiosa (Ana Maria)³⁷, que recebe apenas mulheres e crianças. Algumas

³⁷ A organização é a mesma da notícia mencionada no subcapítulo anterior: “Polícia invade abrigo de refugiados e detém freira em Roraima” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

organizações, como Médicos Sem Fronteiras e Cáritas, também atuam em Pacaraima, mas sem relação direta com a Operação Acolhida.

A comunicação com migrantes e refugiadas ocorre, especialmente, através das organizações internacionais de ajuda humanitária (Agências da ONU). As principais instituições presentes em Pacaraima são: Agência da ONU para Refugiados no Brasil (ACNUR), Organização Internacional para as Migrações no Brasil (OIM Brasil), Nações Unidas para a Infância no Brasil (UNICEF Brasil) e Fundo de População das Nações Unidas no Brasil (UNFPA Brasil). A seguir, apresentamos a missão dessas instituições e algumas estratégias de comunicação coletadas entre 2020 e 2022.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) lançaram, em 2019, um plano regional de US\$1,35 bilhão para responder às crescentes necessidades humanitárias de refugiadas e migrantes venezuelanas na América Latina e no Caribe e das comunidades que os hospedam. O Plano Regional de Resposta Humanitária para Refugiados e Migrantes da Venezuela (RMRP) é o primeiro desse tipo nas Américas: um plano operacional, modelo de coordenação e estratégia para responder às necessidades das venezuelanas em deslocamento e garantir sua inclusão social e econômica nas comunidades que as recebem (R4V, 2020).

O plano está disponível na Plataforma Regional de Coordenação entre Agências (R4V, 2020), que é um site de operação entre agências do Sistema das Nações Unidas no Brasil, gerenciada e apoiada pela Plataforma Regional de Coordenação Interagências para Refugiados, Refugiadas e Migrantes da Venezuela, liderada conjuntamente pelo ACNUR e OIM. “A página procura ser um site de entrada comum, o que facilita a comunicação, melhora a coordenação das operações na região e o apoio com base em fatos e resultados para atender às necessidades dos refugiados, refugiadas e migrantes da Venezuela”. (R4V, 2021). A seguir, destacamos as informações relativas às Agências da ONU que atuam em Pacaraima: ACNUR, OIM, UNFPA e UNICEF. Os dados relacionados aos materiais de comunicação foram coletados em 2021. No entanto, o relatório que apresenta o número de pessoas desabrigadas é de 2022.

O trabalho do ACNUR³⁸, a Agência da ONU para Refugiados, no Brasil busca assegurar os direitos e o bem-estar das pessoas que foram forçadas a deixar suas casas, e é pautado pelos mesmos princípios e funções que em qualquer outro país:

[...] proteger os refugiados e promover soluções duradouras para seus problemas. O refugiado dispõe da proteção do governo brasileiro e pode, portanto, obter documentos, trabalhar, estudar e exercer os mesmos direitos que qualquer cidadão estrangeiro legalizado no país (ACNUR, 2021).

O ACNUR atua em prol de refugiadas, solicitantes de refúgio, deslocados internos, apátridas e retornadas. O Brasil é internacionalmente reconhecido como um país acolhedor. Entretanto, aqui, pessoas refugiadas também encontram dificuldades para se integrar à sociedade brasileira, especialmente com o fechamento da fronteira. A Agência da ONU para Refugiados no Brasil tem seu escritório central em Brasília e unidades descentralizadas em São Paulo (SP), Manaus (AM) e Boa Vista (RR). O ACNUR atua em cooperação com o CONARE e em coordenação com os governos federal, estaduais e municipais, além de outras instâncias do Poder Público.

No site do ACNUR, em 2021, eram disponibilizados diversos materiais informativos, como folder e cartaz, disponíveis para impressão e cards para compartilhamento nas redes sociais. Os materiais reforçavam a atuação em conjunto com o governo federal brasileiro e a abertura à acolhida humanizada. Os conteúdos disponibilizados pelo ACNUR estavam em diferentes idiomas, e a pessoa refugiada encontrava informações úteis para ingressar e permanecer no país. “O que significa ser refugiada/o”, “quais os procedimentos administrativos”, “o que é a solicitação de refúgio”, “quais os contatos importantes para conhecer na comunidade de acolhida”, são exemplos de conteúdos nos canais do ACNUR e em materiais impressos.

Esses conteúdos do ACNUR demonstravam a preocupação com uma comunicação em prol da justiça social, com foco nas refugiadas e em instituições que atuam com esse público. Também era possível efetuar doações em dinheiro para migração venezuelana no site. Na plataforma *Help!*, por exemplo, era possível encontrar informações sobre a situação do Coronavírus, informações sobre trânsito e fronteira durante o período da pandemia, onde procurar ajuda e informação sobre serviços disponíveis através de

38 ACNUR NO BRASIL, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/>. Documento eletrônico. Acesso em 16 jun. 2021.

ONGs e outras organizações parceiras, além de direitos e deveres no Brasil, como obter a residência permanente ou naturalizar-se e, ainda, como abrir uma conta bancária. Havia diversos materiais para impressão e distribuição livre (Figura 17).

Figura 17 – Folder para impressão

QUEM PODE SER CONSIDERADA UMA PESSOA REFUGIADA NO BRASIL?
Se você não pode retornar ao seu país porque sua vida, integridade física ou liberdade estão em perigo ou sob ameaça, você pode solicitar o reconhecimento da condição de refugiado no Brasil. O seu caso será analisado pelo Comitê Nacional para os Refugiados (Conare).

O Brasil reconhece como refugiada toda pessoa que deixou seu país de origem devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política, ou devido a uma situação grave e generalizada de violação de direitos humanos em seu país de origem.

QUAL É A DIFERENÇA ENTRE PESSOAS REFUGIADAS E MIGRANTES?

REFUGIADOS	MIGRANTES
Pessoas obrigadas a abandonar seu país, pois sua vida, integridade física ou liberdade contém risco.	Pessoas que se deslocam voluntariamente em busca de melhores condições de vida.
Não podem ou não querem voltar a seu país de origem porque não contam com proteção estatal.	Podem voltar por voltar para casa e continuar recebendo proteção estatal.

IMPORTANTE!
Caso precise de proteção como refugiado, você deverá acessar o Sisconare e solicitar o reconhecimento da condição de refugiado perante as autoridades brasileiras. Todas as informações compartilhadas no momento da solicitação de reconhecimento não serão compartilhadas com autoridades do seu país de origem.

ACESSE O SISCONARE NO SEGUINTE LINK: SISCONARE.MJ.GOV.BR
Se você deixou seu país por outros motivos, você pode buscar sua regularização em território nacional de outras formas, nos termos da Lei de Migração (Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017). Busque a instituição da sociedade civil mais próxima ou a Polícia Federal para esclarecer suas dúvidas.

COMO SOLICITAR O RECONHECIMENTO DA CONDIÇÃO DE REFUGIADO NO BRASIL?

PASSO 1: REÚNA TODOS OS DOCUMENTOS POSSÍVEIS
Antes de iniciar a solicitação de reconhecimento da condição de refugiado, reúna toda documentação relevante que apoie seu pedido, tais como documentos pessoais, fotos, certificados, vídeos, relatórios, mensagens, e-mails, notícias, entre outros. Quanto mais documentos você apresentar, mais elementos serão levados em consideração na análise da sua solicitação.

IMPORTANTE! Pessoas sem documento de identidade também podem solicitar o reconhecimento da condição de refugiado.

PASSO 2: CADASTRE-SE NO SISCONARE
Após se cadastrar, você receberá um e-mail para criar a sua senha de acesso ao sistema. **ATENÇÃO: CUIDE DA SUA SENHA!**

Lembre-se: Para fazer o cadastro, é necessário ter um e-mail.

PASSO 3: COMPLETE O FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE RECONHECIMENTO DA CONDIÇÃO DE REFUGIADO
Entre no Sisconare com a sua senha e preencha o formulário de reconhecimento da condição de refugiado. A solicitação pode ser individual ou, caso tenha outros familiares no Brasil, eles/elas poderão ser incluídos/as na mesma solicitação.

Responda a todas as perguntas do formulário de forma detalhada e inclua todos os documentos reunidos no passo 1.

Após completar o formulário, será gerado um número de controle, que poderá ser consultado nas notificações ou no símbolo no Sisconare.

PASSO 4: COMPAREÇA À POLÍCIA FEDERAL
Você deverá se apresentar à Polícia Federal para que sua solicitação de reconhecimento da condição de refugiado seja recebida e seu documento de identificação como solicitante (conhecido como Protocolo) seja emitido.

- Para facilitar o atendimento, leve (impresso ou anotado) o número de controle do Sisconare.
- Verifique se é necessário:
 - Realizar agendamento prévio na Polícia Federal para o recebimento da sua solicitação.
 - Levar uma foto 3x4, que será colada no seu Protocolo.

IMPORTANTE! A sua solicitação de reconhecimento da condição de refugiado somente estará completa após comparecer à Polícia Federal.

FIQUE ATENTO!

- O Protocolo deve ser renovado anualmente.
- Com o Protocolo, o/a solicitante pode obter Carteira de Trabalho (CTPS), Cadastro de Pessoa Física (CPF) e acessar os serviços públicos disponíveis no Brasil.

PASSO 5: AGUARDE A DECISÃO DO CONARE

- O Conare analisará o seu caso e entrará em contato para dar continuidade ao processo.
- Mantenha seu contato atualizado e acesse o Sisconare, no mínimo, uma vez por mês para receber notificações sobre sua solicitação, como o agendamento de sua entrevista e a decisão final do caso.

Como atualizar o seu contato?

- Caso tenha acesso ao Sisconare, atualize no próprio sistema.
- Caso ainda não tenha cadastro no Sisconare, envie novos dados por meio de posicionamento eletrônico para o Conare. Acesse o site: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/apos-a-solicitacao> para mais informações.

Fonte: Plataforma Help!, 2021.

A Figura 18 ilustra a sensibilidade comunicacional, incluindo a linguagem de gênero (*bienvenido/a* e *seguro/a*) no texto que está em espanhol e, ainda, contemplando pessoas diferentes e diversas na peça. Há uma pessoa idosa, um bebê de colo e equilíbrio entre a representação de homens e mulheres. A peça é apenas um dos exemplos que encontramos nos canais do ACNUR. Não nos debruçamos sobre todos os canais, nem sobre as peças, pois esse não é o foco desta dissertação, mas certamente teríamos um cenário diverso para descrever e analisar.

Figura 18 – Card para rede social



Fonte: Plataforma Help!, 2021.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM)³⁹ foi criada em 1951, e tem 173 Estados Membros. Desde 2019, a OIM é coordenadora da Rede da ONU para Migração. A OIM está comprometida com o princípio de que a migração ordenada e humana beneficia a todos e possui os seguintes objetivos: promover a migração regular, reduzir a migração forçada e irregular e proteger os direitos de todas as migrantes (OIM, 2021, documento eletrônico).

A OIM atua para enfrentar os crescentes desafios operacionais da gestão migratória, avançar na compreensão das questões relacionadas à migração, fomentar o desenvolvimento social e econômico por meio da migração e proteger a dignidade humana e o bem-estar das migrantes. A ONU Migração define migrante como:

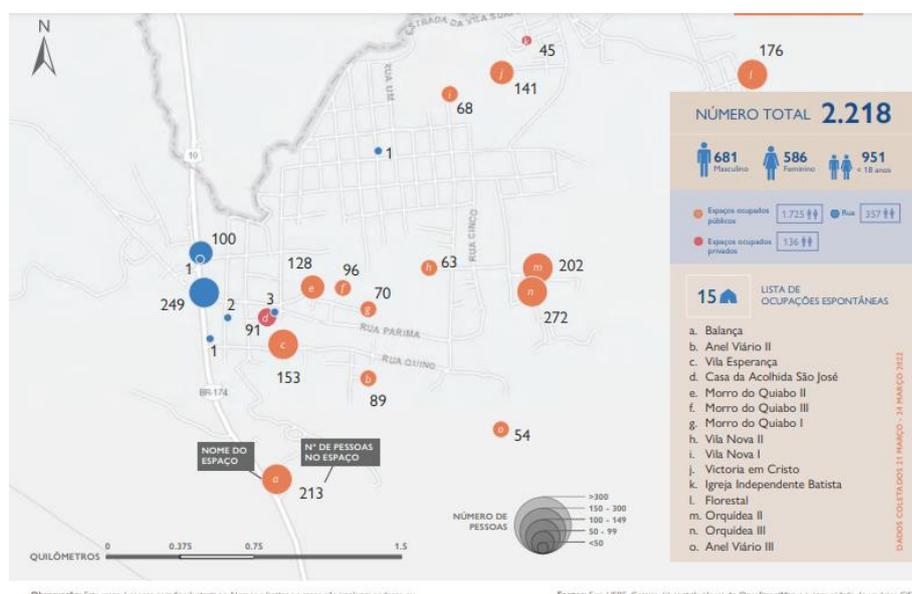
Um termo guarda-chuva, não definido pela legislação internacional, refletindo um entendimento comum de uma pessoa que se desloca do seu local habitual de residência, dentro de um país ou cruzando uma fronteira internacional, temporária ou permanentemente, por várias razões. O termo inclui categorias legalmente bem definidas, como migrantes laborais, e pessoas cujo tipo de deslocamento está legalmente definido, como migrantes contrabandeados. Inclui também pessoas cujo status e tipo de deslocamento não estão definidos pela legislação internacional, como estudantes internacionais. (OIM, 2021).

39 OIM. SOBRE A OIM. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sobre-oim>. Documento eletrônico. Acesso em: 16 jun. 2021.

Dentre as principais contribuições comunicacionais que identificamos, destacamos o informativo (divulgado mensalmente pela OIM) com dados obtidos em Roraima (Boa Vista e Pacaraima), por meio de entrevistas e pesquisas realizadas diretamente nos espaços, com participação da comunidade e de lideranças locais. O levantamento de dados para o desenvolvimento do Informativo ocorre sempre na última semana do mês de referência. Esses dados são complementados por contagens diurnas e noturnas realizadas pela equipe da OIM e com apoio da Força Tarefa Logística Humanitária. O objetivo do informativo é conhecer e acompanhar a situação de migrantes e refugiadas que permanecem fora dos abrigos reconhecidos pela Operação Acolhida em Roraima, operados por entidades públicas ou privadas, de forma a gerar evidências para a tomada de decisões e respostas coordenadas em apoio a essa população (OIM, 2022).

O informativo (Figura 19) apresenta a população venezuelana refugiada e migrante desabrigada em Pacaraima. Em relação ao perfil geral, em março de 2022, cerca de 2.218 pessoas vivem em 15 assentamentos espontâneos e espaços cedidos. Destacamos, a seguir, as pessoas em situação de maior vulnerabilidade: 18 adolescentes e mulheres grávidas, 68 pessoas idosas, 18 idosos desacompanhados, 4 crianças desacompanhadas, 77 famílias monoparentais, 102 lactantes, 90 indígenas, 105 pessoas com doenças crônicas e/ou condições médicas distintas, 20 pessoas com dificuldade de locomoção/deficiência física e 13 pessoas com dificuldade visual.

Figura 19 – Perfil da população venezuelana desabrigada em Pacaraima



Em relação à infraestrutura, nenhum dos espaços têm sistema de saneamento público e apenas 7% possuem separação/descarte de lixo. Em relação ao acesso à água potável, 47% não possuem. Os itens não-alimentares destacados pela população são, em ordem de prioridade: 1º colchões e itens de cama, 2º caixas d'água e 3º máscaras e itens de higiene pessoal. A integração local (Figura 20) é outra sessão relevante do informativo e demonstra a diferença de gênero em relação à atividade econômica. Cerca de 54% das mulheres venezuelanas não possuem renda.

Figura 20 – Dados em relação à integração



Fonte: Informativo OIM, 2022.

A saúde das pessoas também é apresentada no documento, sendo que dentre as doenças que mais afetam a população das ocupações, relatadas pelas lideranças, estão: 44% gripe, 41% diarreia e vômito e 16% doenças de pele. Em março de 2022, nenhuma venezuelana estava diagnosticada com Covid-19 e 936 pessoas estão vacinadas com a primeira dose da vacina contra Covid-19. Em relação à alimentação e nutrição, 93% dos espaços recebem apoio de distribuição de alimentos para crianças e lactantes, e 20% dos espaços recebem doações de alimentos.

Por fim, o informativo apresenta a sessão “Comunicação com a Comunidade”. Consideramos o espaço para comunicação no Informativo restrito e limitado. De acordo

com o documento, “o PITRIG, agentes humanitários e Igrejas Evangélicas foram as principais fontes de informações, sendo a regularização migratória, interiorização e busca por emprego os temas mais procurados.” (OIM, 2022).

Cabe lembrar, mais uma vez, que em Pacaraima o ACNUR é responsável pelas pessoas refugiadas e a OIM pelas migrantes. O que significa que o ACNUR atua com as solicitações de refúgio (em parceria com o CONARE) e a OIM com as solicitações de residência temporária e permanente, ambos em colaboração com a Polícia Federal.

A seguir, apresentamos UNFPA e nos debruçamos nos materiais disponibilizados em Pacaraima, por terem como foco as mulheres migrantes e refugiadas (também foco desta dissertação). Cabe ressaltar, que todos os materiais informativos descritos a seguir foram disponibilizados às migrantes em 2021.

Desde 1973, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA)⁴⁰ tem atuado no Brasil, colaborando com o governo e diversas organizações da sociedade civil, incluindo a academia e os movimentos sociais, na formulação e monitoramento de políticas e programas sobre população e desenvolvimento. O escritório do UNFPA no Brasil foi inaugurado em 1985, em Brasília, com o objetivo de intensificar as relações já existentes com o Brasil, especialmente por meio da cooperação da área de saúde reprodutiva (UNFPA, 2021).

A atuação do UNFPA está ancorada no programa (em parceria com o governo brasileiro) que tem como objetivo auxiliar os esforços do país em gerar as condições para o crescimento econômico inclusivo e sustentável e a prosperidade compartilhada. Visa contribuir para assegurar o acesso universal a serviços de saúde sexual e reprodutiva; promover a integração da saúde reprodutiva em programas e estratégias nacionais; apoiar a realização de direitos sexuais e reprodutivos, com foco em mulheres, meninas, adolescentes, jovens e afrodescendentes; e contribuir para a crescente disponibilidade oportuna de dados desagregados de qualidade.

O UNFPA também prioriza uma produção e entrega baseada em direitos humanos, engajamento político e *advocacy*. Dá ênfase particular à construção de uma base de conhecimento para facilitar o diálogo político e o estabelecimento de amplas parcerias e alianças para avançar na agenda de direitos e de saúde sexual e reprodutiva

40 UNFPA. UNFPA NO BRASIL. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/content/unfpa-no-brasil>. Documento eletrônico. Acesso em 16 jun. 2021.

da população como parte integral da agenda nacional de desenvolvimento sustentável, para a qual a CIPD para além de 2014, a Agenda 2030 e o Consenso de Montevidéu são instrumentos referenciais.

Em Pacaraima, o UNFPA possui uma equipe (três pessoas em 2022) de especialistas e mobilizadores comunitários em uma sala de escuta protegida e um Espaço Amigável para acolhimento e atividades com mulheres, jovens, indígenas, pessoas LGBTI, idosas e com deficiência. Nesse sentido, lidera as ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva e a prevenção da violência baseada em gênero no contexto de assistência humanitária.

O Fundo de População chegou a Roraima, por meio de seu programa de Assistência Humanitária, em agosto de 2017, inicialmente em Boa Vista. A agência esteve presente, entretanto, desde a fase de planejamento da fase de Ordenamento de Fronteira da Operação Acolhida, participando das reuniões de avaliações e alinhamento, de forma a elaborar a melhor estratégia de atuação em apoio à resposta do governo brasileiro. Além de atuar na linha de frente, recebendo e orientando a população migrante e refugiada, o UNFPA também atua promovendo oficinas de formação de militares das Forças Armadas que chegam a Pacaraima contra a exploração e abuso sexual no contexto de emergência humanitária, e em saúde sexual e reprodutiva. (UNFPA, 2021).

Em abril de 2021, o Fundo de População das Nações Unidas no Brasil lançou o podcast "Fala, UNFPA" que aborda temas como saúde sexual e reprodutiva, equidade de gênero, raça e etnia, população e desenvolvimento, juventude, cooperação entre países do hemisfério sul e assistência humanitária. Tudo isso, claro, a partir de uma perspectiva de direitos humanos. O podcast está disponível nas principais plataformas de streaming: Spotify, Apple, Deezer, Google Podcasts, Breaker, Pocket Casts, RadioPublic e Anchor. Em abril de 2022, o podcast conta com cerca de 19 episódios.

Por ser a Agência da ONU dedicada às questões de gênero, entendemos que é válido aprofundar os conteúdos dos materiais disponibilizados pelo UNFPA, no ano de 2021, em Pacaraima. Portanto, a seguir, apresentamos os principais materiais impressos que o UNFPA disponibiliza no escritório do PTRIG. Cabe ressaltar que nem todos os materiais são disponibilizados em espanhol.

A Figura 21 apresenta o folheto da Central de atendimento à mulher, dando destaque ao número de emergência para contato telefônico. O material, em português e espanhol, explica os tipos de violência: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, além de abordar o cárcere privado, a exploração sexual e o tráfico de mulheres.

Figura 21 – Folheto da Central de atendimento à mulher



Fonte: UNFPA, 2021.

A Central de Atendimento à Mulher recebe denúncias de violências e orienta as mulheres sobre seus direitos, encaminhando os serviços necessários. A Figura 22 apresenta informações sobre a Lei Maria da Penha e se diferencia da figura anterior por ser uma peça de comunicação que exige um determinado tempo de leitura e possui textos mais longos. Esse folheto apresenta o “ciclo de violência”, na qual as fases se repetem: “fase da tensão”, “fase da agressão” e “fase da lua de mel”. Outra questão abordada é em relação aos casais de lésbicas, o documento reforça que a lei protege todas as mulheres, mesmo que a violência seja praticada pela namorada, esposa ou companheira.

Figura 22 – Folheto da Lei Maria da Penha



Fonte: UNFPA, 2021.

O material a seguir (Figura 23), sobre violência sexual, trata sobre assuntos e temas delicados e sensíveis: estupro, exploração sexual, pornografia por vingança, assédio sexual e tráfico de pessoas para fins de exploração sexual. O documento reforça que a proteção e a atenção às mulheres em situação de violência são garantidas para pessoas nacionais ou estrangeiras em território brasileiro. No material, é apresentada a Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SPM) responsável pela promoção de políticas para mulheres com o principal objetivo de promover a igualdade entre homens e mulheres, e combater todas as formas de preconceito e discriminação herdadas de uma sociedade patriarcal e excludente.

Figura 23 – Folheto sobre Violência Sexual



Fonte: UNFPA, 2021.

A Figura 24 apresenta um folder sobre planejamento reprodutivo, com intuito de promover uma maior consciência sobre o controle de natalidade. O conteúdo do material é direcionado às pessoas que querem ter filhas ou filhos, ou seja, aborda informações para que as pessoas decidam conscientemente quando e se querem engravidar. Também são abordados os métodos contraceptivos: camisinha, preservativo feminino, diafragma, dispositivo intrauterino (DIU) e pílulas anticoncepcionais. O material também ressalta que alguns métodos definitivos, como a vasectomia por exemplo, não previnem doenças sexualmente transmissíveis. O material apresenta ilustrações de casais homoafetivos e está disponível apenas em espanhol.

Pautas como a exploração sexual e o planejamento reprodutivo são muito importantes nos contextos migratórios, pois durante todo o processo de deslocamento, as migrantes enfrentam diferentes manifestações de violência de gênero e violações de direitos. A violência contra as mulheres pode ser um gatilho para a emigração dos países de origem, preparação e saída, mas torna-se uma ameaça durante o resto do percurso migratório, trânsito, destino e durante o regresso.

Figura 24 – Folder sobre planejamento reprodutivo



Fonte: UNFPA, 2021.

Muitas gestantes migrantes não têm acesso ao atendimento básico de saúde e, por vezes, se deslocam em situações precárias podendo colocar a gravidez em risco. A Figura 25 apresenta um folder sobre os direitos das gestantes, além do número 180 e Disque Saúde. O material reforça que o pré-natal é um direito da mulher e que ela deve ser atendida até o momento do parto. O atendimento digno e de qualidade é um direito de toda mulher migrante.

De acordo com o Ministério da Saúde, a violência obstétrica e a violência cometida em serviços de saúde contra a gestante ou sua família, pode ser física, verbal, psicológica e até sexual, é um crime e deve ser combatido. Outra pauta importante abordada pelo UNFPA é a lactância materna. Além de aumentar os laços familiares, amamentar protege o bebê, reduzindo a mortalidade infantil e promovendo um melhor desenvolvimento e crescimento da criança. Em contextos migratórios forçados, em que mulheres precisam se deslocar por sobrevivência, a lactância materna é muito afetada,

visto que o estresse e as condições precárias de saúde e higiene, por vezes, prejudicam a produção do leite materno. Além disso, no período de amamentação, as mulheres que se deslocam para novos territórios são mais vulneráveis em decorrência da adaptação geográfica, sociocultural e afetiva a que são submetidas.

Figura 25 – Folder sobre direitos da gestante e assistência de parto



Fonte: UNFPA, 2021.

A partir dos materiais apresentados, compreendemos que a atuação do UNFPA busca sensibilizar sobre as realidades das mulheres migrantes em Pacaraima, em que qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública quanto na privada, deve ser prevenido e combatido. A comunicação, portanto, promove o conhecimento dos direitos, a denúncia das violações, o combate à desinformação e potencializa a participação comunitária.

A última Agência que apresentamos é o UNICEF. O UNICEF⁴¹ trabalha pela garantia dos direitos de cada criança e adolescente, concentrando seus esforços naqueles mais vulneráveis, com foco especial nos que são vítimas de formas extremas de

41 UNICEF. O QUE FAZEMOS?, Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/o-que-fazemos>. Documento eletrônico. Acesso em 16 jun. 2021.

violência. O Fundo das Nações Unidas para a Infância “trabalha em alguns dos lugares mais difíceis do planeta, para alcançar as crianças mais desfavorecidas do mundo. Em 190 países e territórios, o UNICEF trabalha para cada criança, em todos os lugares, para construir um mundo melhor para todos” (UNICEF, 2021). Ou seja, o UNICEF atua como uma rede de proteção e acolhimento, em resposta à crise migratória.

Desde 1950, o UNICEF vem apoiando as mais importantes transformações na área da infância e da adolescência no Brasil. Nas últimas décadas, o Brasil promoveu um forte processo de inclusão de crianças e adolescentes nas políticas públicas. Entretanto, uma significativa parcela da população continua excluída. Por isso, o UNICEF concentra seus esforços nas meninas e meninos mais excluídos, vulneráveis e vítimas de formas extremas de violência. Esses meninos e meninas em situação de maior vulnerabilidade estão presentes em todo o País, mas com maior concentração na Amazônia, no Semiárido e nos grandes centros urbanos.

Em 2020, 1.577 crianças separadas desacompanhadas e indocumentadas foram identificadas e apoiadas pelo UNICEF. Em 2021, esse número já chega a 1.071 crianças e adolescentes apenas nos três primeiros meses do ano (UNICEF, 2021). De acordo com o UNICEF, “criança desacompanhada é aquela que chega sozinha ao Brasil, sem a tutela de um adulto. É considerada separada aquela que está acompanhada de alguém que não é seu guardião legal” (UNICEF, 2021, documento eletrônico).

O trabalho do UNICEF em articulação com a rede de proteção e acolhimento de Roraima ocorre em casos de crianças e adolescentes venezuelanas que são identificadas no País como desacompanhadas e sem outra possibilidade de acolhimento. Em muitos casos, as equipes de proteção dedicadas ao trabalho de identificação de familiares de crianças e adolescentes desacompanhadas conseguem realizar o processo de reunificação, ou seja, quando é possível identificar um membro da família no país que possa acolher e assumir a guarda dessa criança.

O UNICEF atua para criar espaços permanentes de diálogos interculturais com os povos indígenas para construção de diretrizes para o cuidado e acesso a serviços. No contexto migratório de Roraima, do Amazonas e do Pará, indígenas em abrigos e ocupações espontâneas são monitorados quanto à saúde e à nutrição – em particular gestantes e lactantes, assim como crianças e adolescentes –, além de quanto a sintomas da Covid-19 em pessoas com comorbidades. (UNICEF, 2021).

O UNICEF tem mobilizado parceiros e realizado ações voltadas para atender às necessidades de crianças, adolescentes e suas famílias nas áreas de Nutrição e Saúde, Água, Saneamento e Higiene (WASH – da sigla em inglês), Proteção, Educação e Comunicação para o Desenvolvimento (C4D – da sigla em inglês).

Neste subcapítulo, compreendemos a presença das organizações e de algumas estratégias de comunicação dessas organizações, em Pacaraima, no contexto da Operação Acolhida, com dados coletados entre 2020 e 2022. A partir desse cenário apresentado, serão abordadas as perspectivas das mulheres venezuelanas que estão vivendo as experiências migratórias.

4.3 Experiências migratórias de mulheres venezuelanas atravessadas pela comunicação

A partir de agora, apresentamos as experiências migratórias de quatro mulheres venezuelanas, coletadas através de uma pesquisa de campo que contemplou a participação observante e entrevistas sucessivas, às quais, exploramos o papel da comunicação nesse processo.

A experiência de campo, nesta pesquisa, corresponde ao período de 16 meses, com início em dezembro de 2020 e conclusão em abril de 2022. Antes de iniciar a descrição dos principais aspectos da imersão no campo, é preciso pontuar algumas questões importantes, dentre elas, os impactos de ser uma mulher cisgênero, heterossexual, branca, nascida no sul do Brasil, vivendo também uma experiência migratória como colaboradora humanitária. Minha imersão no campo ao mesmo tempo que possibilita a aproximação com a população venezuelana, provoca alguns tensionamentos, especialmente com a população da comunidade de acolhida (Pacaraima).

Apesar da cidade de Pacaraima estar acostumada a receber colaboradoras/es de Agências Humanitárias e Órgãos Governamentais, há pontos sensíveis e delicados nessa relação que atravessaram todo o período da observação. O primeiro deles, sem dúvidas, é a dificuldade em passar despercebida pelos espaços e lugares. Ter uma função de liderança me expõe e faz com que as pessoas me reconheçam o tempo todo, podendo estar com o colete da Organização ou não. Não foi assim desde o início, mas ao longo dos primeiros meses, as pessoas já me chamavam pelo nome nas ruas da cidade, me

paravam para fazer perguntas sobre regularização migratória e questionavam o objetivo da Operação Acolhida em todo o lugar.

Apesar de sentir que a maioria das pessoas, tanto migrantes quanto a população de Pacaraima, me acolhiam com o olhar, me tratavam de maneira gentil e educada, era comum ouvir ameaças na rua em relação à acolhida de migrantes. Ameaças essas que nunca se concretizaram, mas, por vezes, geravam um clima tenso e instável nas minhas relações pessoais e profissionais. Além dos impactos psicológicos e emocionais que são difíceis de descrever.

O caso mais delicado ocorreu em novembro, quando uma mulher me viu descendo do carro e gritou que colocaria fogo na Operação Acolhida, que deveríamos ir embora e deixar de “passar a mão na cabeça de bandidos”. Esse é apenas um exemplo das tensões que viver numa fronteira nos apresenta. Muitas vezes, nós, trabalhadoras humanitárias somos assediadas sexual e moralmente, muitas vezes temos receio de sair à noite e jamais caminhamos desacompanhadas ou uniformizadas. Além da instabilidade de uma atuação passível de questionamentos, nosso trabalho na Operação Acolhida é sério, legal, justo e garante a dignidade de centenas de pessoas todos os dias.

Este relato sobre a experiência de campo, no entanto, não se propõe a apresentar meu trabalho, minha atuação como humanitária ou a Operação Acolhida, mas é válido ressaltar que toda emergência humanitária numa fronteira é complexa e que não há qualquer vínculo político-partidário na nossa atuação em Pacaraima.

Além dessa instabilidade rapidamente descrita, é importante pontuar as dificuldades do trabalho em coordenação com militares, ao longo desses meses. Sem dúvidas, uma Operação Humanitária contar com a expertise das Forças Armadas é muito positivo e é exemplo para as demais Operações de Acolhida a venezuelanas na América Latina, mas isso não ameniza os desafios de atuar, lado a lado, com centenas de militares, majoritariamente homens, sem formação adequada para as funções que exercem. Há, sem dúvidas, excelentes profissionais e pessoas, mas são exceções num cenário muito maior.

O militarismo da Operação Acolhida é dialogado há muito tempo por especialistas, mas não temos interesse em aprofundar esse item na experiência de campo. É válido ressaltar que a troca de contingente de militares e policiais é sempre muito estressante e delicada. É como se a cada período de três ou quatro meses,

precisássemos recomeçar e repensar cada parte do fluxo de trabalho. Além de desgastante, não é nada prático.

Durante os primeiros dez meses, vivi na base militar, num container cedido para profissionais das Agências Humanitárias. Sem dúvidas, a imersão foi muito mais intensa e proveitosa por estar tão próxima do trabalho de acolhida às/aos migrantes. Posso considerar um privilégio estar disponível 24 horas por dia, sete dias por semana, para o acolhimento das pessoas. Foram 16 meses de entrega e disponibilidade integral para contribuir com a migração organizada, ordenada e digna na fronteira.

Após essa introdução, é preciso apontar que mediar os papéis de colaboradora, pesquisadora, moradora da cidade da Pacaraima, mulher, jovem, porto-alegrense e tantos outros rótulos possíveis não foi fácil ou simples ao longo de todo o período. Mas foi uma experiência intensa e potente para me tornar mais crítica e sensível às realidades de mulheres migrantes e refugiadas no Brasil.

Desde dezembro de 2020, como mencionado, atuo⁴² como Assistente de Projetos na Organização Internacional para as Migrações (OIM), na cidade de Pacaraima, no estado de Roraima. Essa experiência profissional me possibilita viver o campo da pesquisa, apesar da pandemia do Covid-19. Diversas/os pesquisadoras/es não tiveram essa oportunidade e precisaram repensar suas pesquisas em andamento. Outras/os pesquisadoras/es ajustaram técnicas de pesquisa para o online/virtual, realizando entrevistas por videochamadas, por exemplo. Esse repensar a pesquisa devido à pandemia, no meu caso, não foi necessário. Mas estar no campo, por 16 meses, me trouxe outros tantos desafios, conforme já mencionei anteriormente.

Atravessar o país, do sul ao extremo norte, é desafiador, os primeiros dias são um verdadeiro choque cultural para quem sempre viveu em uma cidade grande. Tudo é novo, diferente e curioso e, por isso, é necessário ir abandonando os preconceitos, os medos, o egoísmo e estar disposta a viver o campo, como pesquisadora, à flor da pele.

Minha função na supervisão da equipe local, no desenvolvimento das atividades da OIM em Pacaraima, possibilita a aproximação diária e constante com migrantes e refugiadas. Atuar na Operação Acolhida permite conhecer as realidades do território, o trabalho das outras Agências da ONU em missão local, bem como das ONGs (OSCs –

42 Neste subcapítulo, utilizamos a primeira pessoa do singular (eu), pois se trata de experiências próprias da pesquisadora.

Organizações da Sociedade Civil) e outros parceiros que cumprem suas funções no campo. Atuar em contextos migratórios é pensar em pautas que promovam a garantia de direitos e a dignidade humana. Ao longo dos meses, conheci estratégias para o enfrentamento ao tráfico de pessoas e compreendi a importância da assistência a migrantes em situação de vulnerabilidade.

Das dimensões propostas por Silva (2009), *andar* me parece a mais sensível, pois o “choque” cultural (inicial) pode ser devastador. Muitas vezes, os papéis de pesquisadora e de profissional humanitária se confundem e se atravessam, pois eu também não faço parte desse território, também sou uma mulher latina e migrante (interna). O desafio da dimensão *escrever* está em converter essas interferências de papéis, subjetivas e complexas, em palavras, tons e relatos. Sem dúvidas, escrever a minha versão sobre o que aconteceu nos últimos meses é a fase mais difícil desta dissertação. Encontrar e reencontrar as anotações, e descrever situações difíceis foi um grande desafio acadêmico.

A seguir, apresento meu andar e ver, num esforço genuíno de escrever as minhas versões do campo, tal qual vividas e sentidas. A participação observante é potente por possibilitar a inserção mais densa nas práticas, e o acúmulo de dados e informações pode ser percebido como positivo, desde que consigamos refletir sobre eles. Esse tipo de observação nos permite uma visão dos detalhes e da sequência dos eventos observados. Nesse sentido, é possível conhecer melhor as realidades pesquisadas, a partir do próprio campo e do contato com os sujeitos.

Ao longo dos meses, observei o fluxo migratório desde a fronteira. O desafio de conviver e trabalhar ao lado de pessoas de outras culturas, que falam outra língua, possuem hábitos diferentes e são de outra nacionalidade é sentido e vivido, em Pacaraima, com certa naturalidade e leveza na maior parte do tempo. Viver em uma fronteira é estar, de alguma forma, predisposta/o a compreender as diferenças, estar aberta/o ao novo. A Figura 26 é um registro dos primeiros dias em Pacaraima, na base militar do Exército Brasileiro. Durante dez meses, a base me acolheu e fiz do container de lata a minha casa. Logo nas primeiras semanas, foi possível identificar que a linha imaginária da fronteira é realmente invisível quando falamos de práticas culturais. Não existe exatamente a divisão do que é “daqui” e do que é “de lá”. Pacaraima é um território singular, que contempla diferentes identidades e culturas num mesmo espaço.

Um dos primeiros choques ocorreu na primeira semana, na qual me convidaram para o aniversário de uma menina venezuelana de 5 anos. A decoração, muito simples, era da Mulher Maravilha e os balões tinham as cores vermelho e amarelo (que também lembram a bandeira venezuelana), as músicas eram latinas e todas as pessoas conversavam em português e espanhol com naturalidade. A festa oferecia às visitas caipirinha brasileira com álcool e *tequeños* (um aperitivo de queijo venezuelano). A confusão se concretizou quando iniciaram as palmas para o momento do “parabéns”. Iniciamos com a canção: *Cumpleaños feliz, te deseamos a ti, Cumpleaños, Camila, que los cumplas feliz*. E, imediatamente, após essa canção iniciamos o *parabéns pra você*. Nesse dia, comecei a entender o conceito de interculturalidade de um jeito mais concreto e simples.

Figura 26 – Registro fotográfico da base militar em Pacaraima



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

As primeiras visitas ao alojamento temporário – BV8, ao Janokoida que é um abrigo indígena, à Casa São José e à Comunidade Batista foram experiências profundas de contato com histórias de vidas de migrantes e refugiadas. No BV8, conheci a família de um menino adolescente que possui um talento inacreditável para arte, desenha com os materiais que encontra verdadeiras obras de arte. Essa família viveu por alguns meses no alojamento, até que o pai conseguiu um emprego em Manaus. No dia do

embarque, a família chorava pela despedida. Lembro de não entender esse sentimento no início, pois qual a razão de chorar com uma oportunidade dessas? Qual a razão de ficar triste com a possibilidade de começar de novo, agora com um pouco mais de estrutura? Os dias foram passando e fui entendendo a reação dessa família, especialmente do menino que chorava ao abraçar as pessoas. Reencontrar o sentimento da despedida não é fácil, dói e gera insegurança. Começar de novo, outra vez? É claro que isso gera medo. Viajar pelas cidades brasileiras pode ser assustador num primeiro momento. É preciso coragem para recomeçar e é preciso reconhecer as dores psicológicas e emocionais que os deslocamentos forçados podem gerar.

A Figura 27 ilustra as bandeiras do Brasil e da Venezuela, localizadas exatamente no marco, na fronteira entre os dois países. Os símbolos nos ajudam a concretizar a linha fronteiriça, na qual, durante quase todo o período de observação desta pesquisa permaneceu fechada para entrada de migrantes, com a justificativa da pandemia do Covid-19.

Sobre o simbolismo de estar na linha imaginária da fronteira, ouvindo e sentindo brasileiras e venezuelanas, sem distinção. Estar entre essas bandeiras me deu oportunidade de viver dias intensos, pesados e dolorosos. Mas deu também a possibilidade de encontrar pessoas incríveis e criar vínculos, tão genuínos, que fiz amizades de todo canto do Brasil. Toquei histórias de vida, puras e singelas. Atuar na fronteira é estar paralisada e em movimento (ao mesmo tempo). Acessar emoções que nunca foram ativadas. É ter a atitude de assumir como própria a vulnerabilidade da/o outra/o. Transcender a comoção. E agir. Sentir-se intimamente afetada com tanto desprezo do mundo. E experimentar a inspiração de uma vida mais solidária. Desafiar-se! Viver a amabilidade durante a confusão, a bagunça. e redescobrir a própria identidade. Desatar nós. Tocar em problemas reais. Admitir que cheguei no limite, algumas vezes. Temos o privilégio de escolher o que comer, o que vestir e o tempo que vamos gastar no banho. A fronteira é isso: o encontro com os privilégios, o caos exposto em si mesmo. Metade de mim é caos. A outra também. (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

As pessoas contam que Pacaraima já foi uma cidade turística, rota para cachoeiras e paisagens incríveis da Gran Sabana Venezuelana. Havia, inclusive, um Carnaval fora de época, que deixava a cidade lotada de turistas e sem espaço para estacionar o carro nas ruas principais. As crises migratórias afetam muito as comunidades de acolhida, impactam a dinâmica das cidades, mas esse impacto é muito mais profundo quando a comunidade de acolhida já é frágil e sem estrutura. Pacaraima, por exemplo, fica cerca de três horas da capital (Boa Vista), não possui cemitério, nem maternidade, nem transporte público ou saneamento básico.

Figura 27 – Registro fotográfico das bandeiras na fronteira



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A justificativa para o fechamento da fronteira é questionada constantemente pelas pessoas no território. Tantos meses prejudicando o comércio e as trocas entre os países, certamente possui um contexto político envolvido. O fechamento da fronteira, pela legislação brasileira, acabou gerando a criação de rotas alternativas, chamadas de *trochas* (trilhas, em tradução livre). Centenas de migrantes se arriscaram pelas *trochas* em busca de comida, medicamentos e atendimento médico. Muitas mulheres grávidas atravessaram a fronteira, de forma irregular, para terem o mínimo de dignidade durante o parto. Algumas gestantes, inclusive, atravessam a fronteira com a gestação muito avançada, o que mais de uma vez ocasionou partos em locais inapropriados, ou dentro da ambulância a caminho de Boa Vista. A cidade de Pacaraima não possui médicos/as ginecologistas e/ou obstetras, nem equipamentos para realização de ecografias ou ultrassonografias.

Essas rotas irregulares acabaram potencializando os desafios para a cidade de Pacaraima. Com a atuação diferenciada da Operação Acolhida, devido às equipes reduzidas pelo fechamento da fronteira, e à impossibilidade de acolhimento das pessoas em situação irregular, a cidade passou a ter, dia após dia, um número maior de migrantes em situação de rua, inclusive mulheres e crianças (Figura 28).

Todos os meses, saíamos à noite pelas ruas da cidade para identificar as pessoas em situação de rua e seus perfis. Aproveitamos a oportunidade para dar orientações e solucionar possíveis dúvidas, chamamos essa atuação de “contagem noturna”. A maioria das pessoas apresenta roupas sujas, pois está há dias caminhando sob o sol, e aparência muito cansada. Ouvíamos muito o desejo de documentar-se para seguir viagem pelo Brasil e, claro, alguns casos sensíveis de pessoas com problemas graves de saúde, mulheres grávidas e crianças separadas e desacompanhadas. Nos últimos meses de 2022, as pessoas apresentavam sintomas de gripe e muita tosse.

Figura 28 – Registro fotográfico de migrantes em situação de rua



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Na primeira contagem noturna em que participei, em dezembro de 2020, a proximidade do Natal não era sentida pelas pessoas, não havia tempo para celebrar absolutamente nada. O rompimento dos vínculos familiares pulsava nos corações das pessoas e eu ouvia o choro de uma mulher ao fundo. Me aproximei e perguntei se poderia ajudá-la, me deparei com os olhos mais sem esperança que já vi, um rosto esgotado e mãos que abraçavam os joelhos. Havia recebido a notícia, por um amigo, que a neta (um bebê de 10 meses) havia falecido na Venezuela. Impossibilitada de regressar ao seu país, vivendo em situação de rua no Brasil, há dias sem se alimentar, nem tomar

banho, com dores físicas e sem conseguir fazer uma ligação à família. Não tínhamos palavras para amenizar sua dor, e o Natal se aproximava. Essa também foi a primeira vez que passei a data longe de casa. Um ano depois, a flexibilização da fronteira permitia que as pessoas não precisassem aguardar em Pacaraima para a documentação obrigatória, o que tornava a cidade mais tranquila em relação às pessoas em situação de rua. Muitas famílias conseguiram passar o final de ano em outras cidades do Brasil.

Foi somente em 23 de janeiro, que a Operação Acolhida iniciou um novo fluxo de acolhimento de migrantes, mesmo em situação irregular. O acolhimento, no entanto, não contemplava todas as migrantes, os critérios foram estabelecidos pela Força Tarefa Logística-humanitária de Roraima e indicava o acolhimento extraordinário dos seguintes perfis: indígenas, famílias com criança e/ou adolescente, mulheres grávidas, pessoas com problemas graves de saúde e desertores/perseguidos políticos. Esse novo fluxo (Figura 28) possibilitou o acolhimento de centenas de pessoas, mas limitava as possibilidades de proteção às pessoas da comunidade LGBTQIA+, às pessoas idosas, mulheres sem filhos e tantos outros perfis que estão em risco vivendo em situação de rua.

Cabe ressaltar, que com a fronteira fechada não havia regularização migratória (solicitação de refúgio ou residência) para as pessoas acolhidas, e que os casos de proteção, ou seja, casos mais sensíveis que podem envolver a grave violação de direitos humanos são tratados por um outro fluxo. A falta de documentação e a situação irregular da maioria das mulheres migrantes em seu trânsito durante a pandemia, dificultam o acesso à informação, assistência e ao devido processo para garantir seus direitos fundamentais. Além disso, essa situação irregular as torna ainda mais vulneráveis à violência, como o tráfico de pessoas, por exemplo. Algumas mulheres migrantes reconhecem que não se atrevem a denunciar situações de violência porque desconhecem seus direitos, bem como as garantias que os Estados devem lhes dar.

Pacaraima é considerada uma cidade de trânsito, de passagem. A ideia da maioria das pessoas não é permanecer aqui por muito tempo. Esse momento de “trânsito” é a fase em que muitas mulheres afirmam que se sentem mais desprotegidas, influenciando a situação irregular e a ausência de documentos migratórios, bem como a desinformação quanto à garantia de direitos durante a rota e nos processos de verificação e garantia de imigração. A violência social generalizada, o tráfico e o contrabando de pessoas são alguns fatores de risco para mulheres migrantes. No destino, alguns fatores que

determinam a migração das mulheres são: a criminalização, estigmatização, exploração e precariedade do trabalho na inserção sócio-laboral e a violência doméstica. Não é raro ouvirmos relatos sobre tráfico de pessoas, sequestros, extorsões, exploração do trabalho, irregularidades migratórias, acidentes e dificuldades de acesso aos serviços básicos.

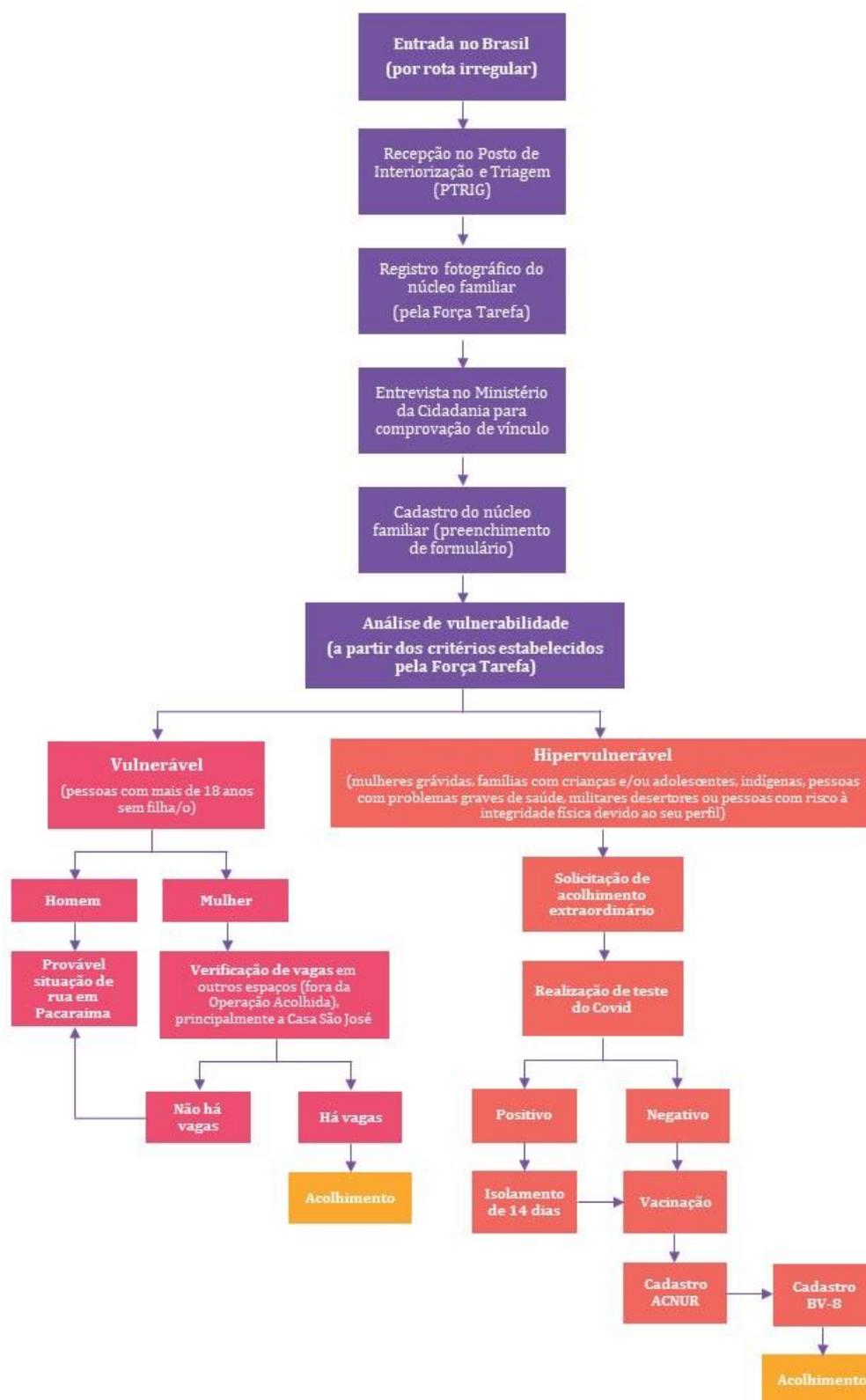
O fluxo de acolhimento extraordinário⁴³ de migrantes (Figura 29), em Pacaraima, que teve início em janeiro de 2021, ocorria da seguinte maneira: após a entrada no Brasil, por rota irregular, a/o migrante chegava ao Pitrig (Posto de Recepção e Triagem da Operação Acolhida) e, após uma conversa inicial com representantes das Agências da ONU, era feito o registro fotográfico do núcleo familiar, uma entrevista no Ministério da Cidadania para comprovação de vínculos (quando não havia documento comprobatório) e o cadastro do núcleo familiar num sistema desenvolvido na plataforma Kobo⁴⁴. Esse cadastro contemplava diversas informações sobre cada pessoa do núcleo familiar, o que nos possibilitava fazer uma análise de vulnerabilidade das famílias.

Se o núcleo familiar cumpria ao menos um dos critérios de vulnerabilidade, era possível solicitar o acolhimento extraordinário no BV8 (para não indígenas) e no Janokoida (para indígenas da etnia Warao, principalmente). Após, o Núcleo de Saúde da Operação Acolhida era responsável pela realização do teste do Covid-19 e pela vacinação obrigatória, de acordo com o calendário do município. A migrante deveria passar por um cadastro no sistema do ACNUR e um registro no alojamento temporário BV8 (ou no abrigo Janokoida), e recebia orientações para permanência e regras no alojamento/abrigo e, enfim, era acolhida/o.

43 O fluxo é considerado emergencial, imprevisto e sem precedentes.

44 O sistema é utilizado, em emergências humanitárias, por registrar os dados sem precisar de acesso à internet no momento do preenchimento do formulário.

Figura 29 - Fluxo de acolhimento extraordinário de migrantes em situação de rua



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Na conversa inicial e no momento do cadastro no sistema Kobo, era possível conhecer inúmeras histórias de mulheres migrantes. A seguir, listamos algumas: jovem de 21 anos com um bebê de dois meses em situação de rua, mulher de 32 anos com seis filhos e um bebê de 4 dias, mulher de 35 anos vivendo com 9 familiares sem nenhuma renda, duas jovens que migraram pela oferta de um emprego e acabaram numa rede de prostituição, senhora de 50 e poucos anos com o irmão assassinado na rua, adolescente de 14 anos que viaja em busca da mãe, menina de cinco anos que carrega dois irmãos no colo, idosa que caminha descalça na rua, jovem de 17 anos grávida do namorado que tem 49 anos. O que conecta todas essas histórias é a migração forçada, ocasionada por um país em crise e sem condições de garantir a dignidade mínima para as pessoas. A seguir, selecionamos uma situação que ilustra o encontro com uma menina migrante, adolescente, que sofreu violência de gênero:

Ela foi a minha melhor história. A mais rara. A que mais dói. Ela foi a minha maior resposta. Porque eu ainda não sabia a razão verdadeira de estar lá. Naquela fronteira tensa, e quase sem esperança. Aí o destino traçou este encontro. (sutil) e ela me entregou uma flor. Sorri. Conversamos um pouco. Senti que ela queria falar algo. Ouvi atentamente. Ela chorou. Eu também. Olhei pro alto e pedi forças pra um Deus que parecia ausente, distante. (o qual sei que existe). E ele respondeu. Foi assim! Simples. Óbvio. Eu senti que foi por ela. Foi por esse encontro que atravessei o país e deixei tudo que amo. [...] Sequei as lágrimas que caíam, sem parar, com cuidado, com ternura, com dó. Procurei as melhores palavras que conhecia (em espanhol) e disse que ela podia chorar o quanto quisesse, que eu só iria embora quando ela estivesse melhor (e me desculpei). Me desculpei pelo mundo que ela conheceu, pedi perdão com todo meu coração. Disse que ela não precisava ser forte. Que ninguém precisa ser forte numa realidade tão dura e cruel. E que ela deveria se preocupar consigo. Porque ela era importante e especial. (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Conhecer histórias de violência, de mulheres e meninas venezuelanas, nos faz compreender que as causas da violência de gênero são complexas, com múltiplas dimensões e múltiplos pretextos, e se enquadram nas relações de poder que facilitam a discriminação de gênero e intersetorial, como a discriminação com base na etnia, cultura, idade, origem social e econômica. No caso migrantes, o gênero influencia nos motivos da migração, na decisão de quem migra, as redes sociais utilizadas para isso, as ameaças e vulnerabilidades que ocorrem no processo, nas experiências de integração e inserção laboral no país de acolhida, e nas relações com o país de origem.

As histórias das mulheres venezuelanas migrantes e refugiadas que conheci, ao longo dos meses, bem como a informação e percepção das organizações que atuam com

esse público, concordam que as mulheres migrantes estão em situação de maior risco quando comparadas aos homens migrantes. Entre outros aspectos, a condição específica de gênero coloca as mulheres em cenários que favorecem sua migração forçada (experiências de violência contra as mulheres; feminização da pobreza e feminização dos mercados de trabalho, principalmente para a prestação de serviços domésticos e de cuidado, aumentando os riscos e perigos que devem enfrentar pelo fato de serem mulheres; violência sexual; feminicídio; tráfico de mulheres e tantas outras situações).

Como na sociedade, de modo geral, nos contextos migratórios as mulheres tendem a ser as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico e pela reprodução dos costumes do país de origem, reflexo da invisibilização do potencial feminino e do retrocesso das sociedades machistas e patriarcais em que vivemos. É válido destacar, nesse sentido, a interseccionalidade, expondo a vulnerabilidade particular das mulheres migrantes pertencentes a outros grupos minorizados ou em situação de exclusão, como as idosas, mulheres indígenas, pertencentes à comunidade LGBTQUIA+, mulheres que vivem em áreas rurais pobres ou remotas, ou em instituições de reabilitação social.

Figura 30 – Registro fotográfico de espaço de moradia em Pacaraima



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A Figura 30 ilustra um espaço de moradia, ao lado da rodoviária de Pacaraima, cuidado e organizado por uma mulher migrante. A família é composta por quatro

peessoas, sendo que o filho do casal, de quatro anos, está na Venezuela, e a filha de três meses está em situação de rua desde o dia do nascimento, em janeiro de 2021.

Ao completar um mês em Pacaraima, percebi que estava questionando muito o conceito de solidariedade que aprendi ao longo da vida. Ao invés de perceber a solidariedade com um tom “romântico”, entendi que neste contexto é preciso discutir a desigualdade de um jeito muito mais profundo e até político. A solidariedade sem crítica e sem questionamento, não empodera, não emancipa e não liberta. Falar de solidariedade é também falar de dignidade humana, justiça social e igualdade. Nos contextos migratórios, em que a solidariedade se faz presente, muitos conceitos se transformam. No entanto, concordamos que solidariedade é um substantivo feminino, com potencial para transformar vidas.

No último mês, passei da linha do Equador e descobri novas histórias. Duras, cruas, (des)humanas e reais. Vi a dor e o sofrimento do povo venezuelano em busca do mínimo. Entendi o significado de crise humanitária e ressignifiquei o conceito de dignidade humana. Vi o impacto devastador que a fome provoca. É triste, desesperador, urgente. Pela primeira vez, ouvi histórias de garimpo, horríveis, quase inacreditáveis. Ouvi inúmeras histórias de quilômetros percorridos a pé. Pessoas que deixaram tudo para trás. Laços familiares que se perderam (pra sempre). Encontrei com os olhares mais tristes e sem esperança que já vi. Entendi que situações extremas podem mudar nossa perspectiva do que é ético e moral. Perdi todas as certezas pelo caminho. Uma experiência de campo que provoca perguntas importantes, apresenta desafios reais e transforma (em muitos sentidos). Das poucas certezas que me restaram, uma delas é a de seguir gastando a vida com algo que valha a pena. (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

As mulheres migrantes vêm assumindo, cada vez mais, o protagonismo da sua própria experiência migratória e não se movem apenas como dependentes familiares, como namoradas, esposas, mães, sogras, avós etc., mas assumem o papel de protagonista, como pessoas em movimento. No entanto, muitas mulheres ainda assumem papéis relacionados aos mandatos tradicionais de cuidar e proteger sua família, não apenas de sua família nuclear, mas também da família extensa.

Em Pacaraima, as mulheres migrantes venezuelanas normalmente preferem a migração para países vizinhos, pois isso permite manter o vínculo familiar mais próximo. Por isso, a escolha pelo Brasil. A partir disso, é possível compreender melhor as relações de poder entre homens e mulheres, dentro dos processos migratórios. Normalmente, são os homens que tomam as decisões, ou seja, definem os interesses, as estratégias familiares para decidir quem, quando, como e aonde vão, o controle e manejo dos recursos e remessas financeiras também tendem a ser responsabilidade masculina,

visto que são os homens os provedores da família. Por isso, o impacto psicológico da experiência migratória é diferente para homens e mulheres. Não podemos deixar de registrar que as mulheres migrantes não são homogêneas e não devem ser estereotipadas, tampouco se busca minimizar as vulnerabilidades dos homens migrantes.

A cidade fronteiriça não possui muitos espaços de lazer, há apenas uma quadra esportiva coberta e as ruas centrais da cidade estão em situação precária. Devido à pandemia no Covid-19, poucos eventos são promovidos na cidade. No entanto, datas comemorativas como Natal, Páscoa e Dia da Mulher são celebrados em alguns espaços, sem gerar aglomeração. As ocupações espontâneas são espaços improvisados por migrantes que ao chegarem em Pacaraima buscam lugares provisórios de moradia. As casas normalmente são precárias, construídas com lonas, madeira e telhas usadas. As ocupações possuem uma organização própria e lideranças nomeadas pela própria comunidade. Os nomes das ocupações também são escolhidos pela própria comunidade. Na época, das 12 ocupações, 11 eram lideradas por mulheres.

Figura 31 - Registro fotográfico da Ocupação Vila Esperança



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Pensar fluxos migratórios é pensar sobre contextos familiares diversos e rompimento de vínculos. A decisão de migrar, para mulheres, pode representar uma oportunidade de buscar melhores condições de vida, isso acontece porque em seu ambiente imediato ela não encontra o que precisa para viver com bem-estar. Portanto, é necessário refletir sobre as realidades, condições e necessidades dessas mulheres e suas experiências migratórias.

Nesse sentido, a participação observante contribuiu para uma leitura crítica da construção social de gênero, e sua relação com a dinâmica migratória de mulheres venezuelanas em Pacaraima, identificando e refletindo sobre as vulnerabilidades e os preconceitos que alimentam as práticas discriminatórias nos contextos de pessoas deslocadas. A observação, a partir do que foi apresentado, também nos possibilita pensar a comunicação como estratégia para fortalecer e desenvolver práticas institucionais, comunitárias e familiares, de acordo com os direitos das mulheres migrantes, ou seja, pensar a comunicação para o desenvolvimento social das populações migrantes e para promoção da garantia de direitos.

A partir da observação, entendemos que é possível pensar a migração de mulheres de forma positiva, com contribuições reais para comunidade de acolhida. A migração pode trazer diversas contribuições culturais e sociais, nos costumes e tradições, além de contribuir para mudança de padrões negativos e para a redução da discriminação e da xenofobia. São os benefícios da interculturalidade, de ter as culturas em constante interação, de uma forma horizontal e sinérgica.

Na cidade de Pacaraima, foi possível observar: espaços de moradia, hábitos de alimentação, vestimenta, espaços públicos, espaços de lazer, ruas centrais da cidade, eventos, rodoviária, ocupações espontâneas e contextos familiares, possibilitando a identificação de alguns processos comunicativos presentes nas práticas socioculturais de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil. A comunicação ocorre no cotidiano, nas ruas, nas igrejas e nos espaços da Operação Acolhida. A comunicação mesmo sem acesso às mídias, ocorre em rede. Há articulação entre as migrantes, as quais rapidamente têm acesso às informações e às novidades que envolvem a fronteira. É como se existisse uma rede de apoio e solidariedade, não exatamente constituída, mas que aproxima as migrantes pela situação de vulnerabilidade em que se encontram. Ou seja, a comunicação que ocorre entre as venezuelanas, em território brasileiro, pode ser considerada eficaz, mesmo com a escassez de recursos.

De modo geral, as migrantes preferem não se afastar muito da fronteira para manter o contato com a família. A partir da observação, identificamos que os laços familiares são centrais na vida das/dos migrantes, bem como a relação com o trabalho. Os hábitos de alimentação, vestimenta e demais costumes são atravessados pela vulnerabilidade das pessoas, mas é notório o desejo de seguir cultivando o que for possível. Exemplo disso, foi o Natal de 2021, em que observamos as famílias reunidas e cozinhando *hallacas* na rua. *Hallaca* é um prato típico venezuelano, uma massa de milho envolta em folhas de bananeira, parecendo uma pamonha, recheada com um guisado à base de vários ingredientes. Mais do que a comida em si, o ritual do preparo é o mais marcante nesse prato. A tradição é que toda a família se una para prepará-lo, cada um sendo responsável por uma parte do processo.

O Natal, no entanto, é sempre um momento muito sensível. Muitas pessoas estão sozinhas e sem condições financeiras, estar longe da família é um desafio vivido por quase todas. O final do ano de 2021 foi marcado por momentos de caos em Pacaraima. Em novembro de 2021, por exemplo, uma situação pontual que possivelmente envolvia um migrante venezuelano literalmente incendiou a cidade. As manifestações, dia após dia, ameaçavam cada migrante que ousasse responder às acusações infundadas. A cidade gritava contra as/migrantes e, inclusive, um senhor foi linchado durante a madrugada por um grupo de brasileiras/os que defendia a “limpeza” de Pacaraima.

Cabe ressaltar que muitas/os brasileiras/os repudiam esse tipo de manifestação e relembram como aproveitavam os benefícios de viver perto da Venezuela. Muitas pessoas faziam as compras do mês em Santa Elena (cidade que faz fronteira com o Brasil) e usufruíam de hotéis, bares e boates a preços muito mais baixos que o normal. Mas ser um/a migrante é ser o/a diferente e não há como esconder quando se é “de fora”. A diferença é denunciada no idioma, no sotaque, no tom de voz, nos traços e em todo hábito cultural que é novo para quem nasceu no Brasil.

Estar em campo, presenciando tantos desafios, não foi fácil. Ao longo dos meses, o diário de campo além de registro, serviu para organizar os sentimentos relacionados ao campo e às histórias de vida encontradas pelo caminho. Durante os primeiros meses, a adaptação ao novo é permeada de dúvidas e ambiguidades. Estar na fronteira de Pacaraima é um choque cultural para quem nasceu no sul do país.

Estar na noite de Natal, poucos dias após a chegada em Pacaraima, me aproximou dos sentimentos das migrantes que estavam comigo (guardadas as proporções e as diferenças óbvias de uma migração não forçada). Sentir falta das pessoas que amamos, estar a quilômetros de distância e com acesso limitado à internet nos gera sofrimento.

É 24 de dezembro. Anoitece e eu não posso mais negar que é Natal. Em 27 anos é a primeira vez que vivo esse momento longe da minha família. Longe daqueles que eu amo. Estou rodeada de famílias que são verdadeiros presépios vivos nesta fronteira. Mas nenhuma delas é a minha família. Não consigo esconder a falta que eles fazem. Não é do lar. Não é do conforto. É da luz! Acendi uma vela pra agradecer. Pra me conectar com o mais profundo silêncio de estar só. A potência do Natal é forte em mim. Desde pequena sinto a energia dessa data e transbordo. Me emociono com a solidariedade que nasce dos lugares mais improváveis. É o clima natalino! Me permiti chorar de saudade. Sentir as ausências é insano demais. Estou só, mas estou em paz. Não se preocupem. Eu sinto o amor deles de longe. De qualquer lugar. É hora de cultivar luz. Ser luz. Sentir. É hora de brilhar, humildemente. E se fazer calor. Afeto. Abraço. Segura na mão de quem você ama e abraça. Agradece pela vida. Alegra-te! É Natal! (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Aos poucos, o período de adaptação vai se tornando mais leve e a vida começa a se organizar. Sem dúvidas, participar do cotidiano da comunidade torna a convivência muito mais fácil e o trabalho faz sentido. O diário de campo foi certamente uma grata surpresa ao longo dos últimos meses. Rer os textos, escritos às pressas, em dias difíceis, me trouxe memórias que já estavam esquecidas. Talvez essa seja a importância de registrar em palavras as emoções e sensações do campo. Nossa memória nem sempre é fiel ao que vivemos e alguns meses podem distorcer momentos fundamentais para a pesquisa.

Sobre diário de campo: existem os dias que eu não tenho coragem de reler minhas próprias anotações. [hoje é um deles]. Tem histórias [recentes] que ainda não estou pronta pra retomar. Mas ainda assim, carrego este caderninho por onde vou. Com uma letra apressada e com versos [às vezes] sem conexão, desabafo pra mim mesma. Numa tentativa quase sobre-humana de aliviar as emoções. É memória. Companhia. Sinceridade. [presente de uma amiga que vive na Argentina]. Ele sabe, em tempo real, o que estou sentindo. E é por isso que não posso reler tais páginas. Não estou pronta pra encontrar comigo mesma. Não ainda. Não sozinha. Nem agora. {porque simplesmente existem esses dias que nos faltam coragem}. (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

O reencontro com Pacaraima, de janeiro de 2019 a dezembro de 2020, é marcado por lembranças e surpresas.

Desde que cheguei, busquei por essas flores. Minha história com elas é super importante e simbólica. Caminhando pra encontrar um amigo, num sábado

ensolarado, elas surgiram do outro lado da rua. De surpresa. Sem vaidade. Flores selvagens são as minhas preferidas, mas essas são especiais. Encontrá-las é sempre um sinal do universo de que estou onde deveria estar. Cedo ou tarde esse sinal aparece e reaparece na minha vida. Meus questionamentos internos são respondidos de forma leve e simples. É como se eu ouvisse aquele "tá tudo bem" que tanto repito pra mim. Tá tudo bem, Brenda. Tá tudo bem. Questiono meus passos, questiono meus sonhos e meus desejos. Aí ela surge, discretamente, pra lembrar que tudo que acontece é bom. Que estar aqui é pleno, lindo e sublime. Nem tudo é confortável, mas há uma razão pra ser e estar. E que essa razão seja ser feliz. Sempre. (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Talvez uma das surpresas mais interessantes da atuação em Pacaraima seja a relação com as Forças Armadas e a Polícia Federal. O relato a seguir uma síntese que encontrei registrada no diário de campo. Há muito o que aprender com o outro e com o diferente. Compartilhar o espaço e viver numa base militar por cerca de 10 meses foi uma desconstrução importante e urgente.

Escrevo para registrar o sol que ilumina a nossa vila. Compartilhar o espaço com os militares é um dos desafios mais surpreendentes de viver por aqui. As discussões polarizadas vão perdendo a intensidade e, no fim, passamos a nos ver apenas como pessoas. Diferentes, é claro. Mas ainda assim pessoas. Partimos de lugares diferentes, com perspectivas opostas e até contraditórias, mas é surpreendente como muitos de nós carregamos as mesmas intenções, e buscamos os mesmos resultados no final. É duro discutir o que é óbvio. Mas nem tudo é óbvio. Sempre há espaço para interpretação. Tudo é muito subjetivo, instável e discutível. Alguns dias são mais difíceis mesmo. Alguns debates no café da manhã me desgastam ao longo de todo o dia. Mas é bom conseguir mudar a percepção de alguém sobre temas sensíveis. É positivo perceber que a escuta vai se aprimorando. É bom mudar de opinião também. O exercício do diálogo é de ambos. Ouvir o que não concordamos é chato, mas é necessário. Talvez essas conversas ainda impactem a minha vida. Agora ou no futuro. Que estejamos abertos a sensibilizar o olhar e a ouvir (com o coração) o que falam aqueles que parecem muito muito diferentes de nós. (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Seria ingênuo romantizar a experiência humanitária na fronteira. Nunca quis isso, pois entendo que a transparência é a única forma de mudarmos realidades difíceis. O relato a seguir é sobre isso. A intensidade dos dias pesa em níveis que não podemos imaginar. Ver centenas de histórias, todos os dias, nos transborda sofrimento.

A saudade de casa e a sensação de não pertencer a lugar nenhum é assustadora. Ouvia relatos de migrantes e não entendia exatamente o que estava acontecendo. Na primeira viagem de retorno para Porto Alegre, senti algo muito parecido com o que me contavam: o lugar que deixei não era mais o mesmo, eu também não.

Já não sei mais o que significa voltar. Ir e vir. Devolver ou ser devolvida, retornar. Quem não tem lugar pra voltar, volta pra onde? E quem volta de onde

saiu, volta a voltar? É um constante ir pra casa, sem casa. É um constante ir e voltar, com pressa. Sem tempo. Eu só queria um dia de sol. Me voltar pra dentro. E caminhar por ruas conhecidas. Só queria ter forças pra lidar com essa tempestade que não cessa, não passa. Com esse caos instaurado. Que parece eterno, sem fim. Eu só queria voltar pra casa. Aí o sol nasceu lá em cima. E eu vi. Cada segundo. O primeiro brilho laranja surgindo na imensidão. (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

A partir das entrevistas, conhecemos experiências migratórias de quatro mulheres venezuelanas de faixas etárias distintas. Girassol, 23 anos, se autodeclara branca, finalizou a educação básica na Venezuela e atuava como confeitadeira. Está desempregada no Brasil, solteira, possui duas filhas e está grávida. Girassol chegou ao Brasil há cerca de dois anos, pela fronteira do Brasil com a Venezuela. Orquídea tem 32 anos, se autodeclara parda e atuava como dentista e professora universitária na Venezuela. Possui ensino superior, pós-graduação em ortodontia, e atua na Operação Acolhida como assistente de campo. Está casada e é mãe de dois filhos (uma menina e um menino). Orquídea chegou ao Brasil com a família, há cerca de um ano.

Margarida, 40 anos, se autodeclara branca e possui ensino superior. É graduada em educação e direito, e atuava como professora infantil na Venezuela. Está desempregada no Brasil. Está casada e é mãe de duas meninas e um menino. Há três meses, chegou em Pacaraima sozinha e a família segue na Venezuela. Hortênsia, 52 anos, se autodeclara parda e com descendência indígena. Possui formação em administração de empresas e era empresária da área de eventos na Venezuela. Está trabalhando como auxiliar administrativo no Brasil. Hortênsia é viúva há muitos anos, mãe de três filhos e avó de dois netos (uma menina e um menino). Vive no Brasil há mais de quatro anos, com a filha do meio e a neta adolescente.

Conforme indicamos na metodologia, as interlocutoras chegaram no Brasil em períodos diferentes, mas compartilham a mesma motivação: a crise econômica, política e social da Venezuela. A seguir, apresentamos os perfis de cada uma, destacando a centralidade das falas que surgiu nas entrevistas. Orquídea dedicava boa parte do tempo ao trabalho. Se dividia entre o consultório odontológico, uma pequena loja de produtos para dentistas e as aulas que ministrava na universidade. A profissão, sem dúvidas, é central na fala de Orquídea. Para ela, como migrante, recomeçar e “deixar tudo para trás é a parte mais difícil”. (ORQUÍDEA, 2021).

Figura 32 - Flor orquídea



Fonte: arquivo pessoal.

A vida de Margarida é atravessada pela situação política na Venezuela. Sua família é vista como “inimiga do governo” e seu esposo é um perseguido político que não tem permissão de sair do país por meios regulares. É a partir desse lugar, repleto de insegurança e medo, que decide migrar sozinha, aos 40 anos, e deixar os filhos na Venezuela até se estabelecer no Brasil. (MARGARIDA, 2021).

Figura 33 – Flor margarida



Fonte: arquivo pessoal.

Girassol é uma jovem que migrou aos 20 anos para o Brasil. Nunca havia saído da cidade em que nasceu na Venezuela e relata que a partir de um sonho decidiu que o Brasil seria seu destino. A história de vida dessa jovem é composta por inúmeras situações de violência de gênero. Cresceu num ambiente em que via o pai ser violento com a mãe, viveu um relacionamento abusivo com seu companheiro por vários anos e, ao chegar no Brasil, se deparou com a violência outra vez.

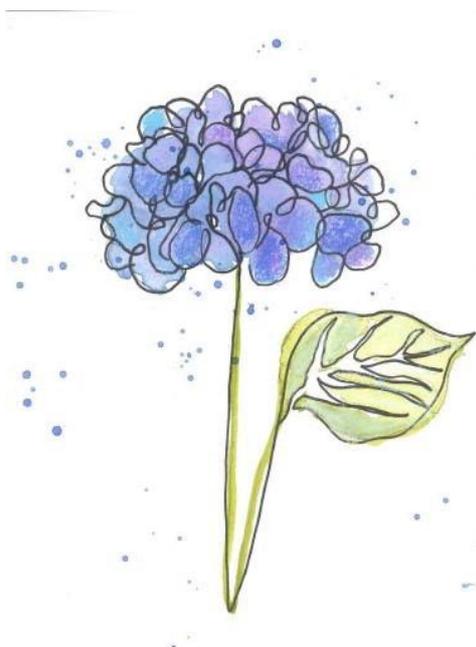
Figura 34 – Flor girassol



Fonte: arquivo pessoal.

A experiência migratória de Hortênsia começou há mais tempo. Já esteve em diferentes estados do Brasil e não se adaptou. Prefere viver na fronteira, para se sentir mais próxima da Venezuela. Hortênsia ficou viúva muito cedo e educou os filhos sem o apoio de um companheiro. Se orgulha disso e da criação de uma empresa em que a família toda se envolvia. Era empresária do ramo de eventos e cada uma das filhas realizou treinamentos de decoração de ambientes, confeitaria e animação de festas. Todos vivam na mesma casa e compartilhavam do café da manhã ao jantar. A centralidade na fala de Hortênsia está na fé, na esperança de uma vida melhor.

Figura 35 – Flor hortênsia



Fonte: arquivo pessoal.

Apesar de diferentes e únicas, as histórias de mulheres migrantes podem ter muito em comum. São, na maioria das vezes, experiências atravessadas por questões de gênero e, infelizmente, a violência acompanha cada uma delas durante o trajeto e na chegada no novo território. A acolhida nem sempre é como se espera e há inúmeros relatos de situações constrangedoras e desconfortáveis que ferem os princípios da dignidade humana. Para marcar o início dos relatos dessas mulheres, apresentaremos situações que contribuem para a compreensão do processo de chegada de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, na fronteira de Pacaraima/RR.

Aconteceu algo comigo quando cheguei em Pacaraima. Eu adoro plantas, flores e tudo isso. E eu quero comprar flores para enfeitar a casa. Eu caminhava na rua, estava procurando uma floricultura ou algum lugar que vendesse plantas. Então fui caminhando, caminhando e encontrei uma senhora, e perguntei se haveria algum lugar que vendia por aqui. Encontrei apenas uma planta muito cara por cerca de 40 reais. Segui caminhando e passei por uma casa que estava toda aberta e cheia de flores. Vi alguns homens trabalhando ao lado, escutei que falavam espanhol e decidi entrar no terreno. Então sei que fui ousada em entrar no portão que estava aberto, mas não entrei na casa, é claro. Não cheguei nem perto da garagem. E gritei para o senhor que apareceu ao fundo onde estava a dona da casa, pois eu queria perguntar onde ela havia comprado essas flores, porque eu também queria comprar. Nesse momento, o senhor veio na minha direção, me insultava e gritava comigo, me dizia que os venezuelanos pensam que podem invadir a casa das pessoas, mandou que eu voltasse para o meu país. Ele dizia que não tinha nada pra me dar, não queria saber o que eu ia pedir, que ele poderia chamar a polícia se eu não saísse imediatamente. Tentei explicar que não queria pedir nada, apenas perguntar das flores, mas ele gritava e não me deixava falar. Eu não estava mal vestida, nem suja, nem nada assim. Ele me

dizia para sair da frente dele, como se eu estivesse pedindo algo, mas eu não estava. Ele me correu da casa, na frente de todas as pessoas que passavam. Eu tenho mais de 50 anos e nunca tinha passado por nada parecido. Não pensei que ele se sentiria violado. Eu estava esperando encontrar uma senhora, como eu e talvez até ficassemos amigas. Mas ele me ofendeu, a mim e a todos os venezuelanos. Senti saudades de casa. Na Venezuela, eu até pegava mudas de flores e levava pra casa. Com cuidado, é claro. Eu não sentia que estava fazendo algo errado. Agora, no Brasil, eu tenho medo até de perguntar. (HORTÊNSIA, 2021).

Ser migrante é uma realidade complexa e sensível. Às vezes, a discriminação e a xenofobia ganham dimensões coletivas que não conseguimos mensurar. Quando Girassol chegou ao Brasil, carregava consigo apenas alguns dólares. Aos 20 anos, deixou dois filhos na Venezuela com a avó para tentar uma nova vida no Brasil. A ideia era guardar dinheiro para trazê-los o mais breve possível. Mas os primeiros meses em Pacaraima foram mais difíceis do que imaginava. Girassol relata que o idioma era uma barreira maior do que poderia prever e ela nunca havia escutado alguém falando português.

Quando cheguei, tive a sorte de ser acolhida por uma irmã da igreja. Nós montamos um grupo de venezuelanos que, à noite, entregava as marmitas que sobravam do abrigo, para as pessoas que estavam dormindo na rua. Um dia tomei um susto, porque a minha roupa manchou com feijão que caiu das marmitas e, naquele tempo, era proibido sair na rua, tarde da noite, e nos pediam CPF. Era obrigatório. Quem não tinha CPF era levado pelos militares, acho que para a Acolhida, ou para a delegacia. Era um problema. Não sei. Então um militar muito alto, que carregava uma lanterna, nos iluminou a cara e gritou para onde íamos, o que estávamos fazendo. Então ele olhou para minha roupa e pensou que era sangue. Eu não entendi o que ele dizia e não conseguia explicar. Ele gritava e parecia que ia me levar presa. Então um companheiro que estava entregando marmitas e entendia um pouco melhor o idioma, tentou explicar que era feijão. Então o militar segurou a minha camisa com força e quando confirmou que era feijão, me deixou ir. Fiquei muito assustada na hora, mas agora acho engraçado. Foi uma experiência muito gratificante poder compartilhar comida com meus compatriotas que estavam precisando. (GIRASSOL, 2021).

Para Margarida e Orquídea, a chegada também não foi fácil. Orquídea sofreu de depressão e relata, a seguir, a dificuldade de viver uma mudança brusca na vida:

É difícil, pois em um momento é reconhecida na sua comunidade, e da noite pro dia, por questões governamentais, por culpa do governo venezuelano, tudo acaba. Então é difícil. Acostumar com um estilo de vida totalmente diferente. De um estilo de vida bom, passamos a um muito mais baixo. Então eu comecei a sofrer de depressão. (ORQUÍDEA, 2021).

Margarida, relata que a chegada no país é difícil, mas a permanência é o que mais a assusta.

Era muito deprimente ver minha mãe cozinhando a comida no quintal. Era muito triste. Não tinha nada para comprar, não tinham medicamentos. E eu trabalhava. Trabalhei até o fim. Mas não dava pra viver assim. É preciso ter alguma qualidade de vida, alguma estabilidade. Então começou a ficar tudo muito inseguro nas ruas. Mas agora, aqui, eu ainda tenho medo. Medo de alguém me encontrar aqui. Não sei. Há muito abuso de poder. Eu me sinto muito pequena, sabe? Tenho medo de voltar e ser vítima. Eu penso em voltar e me dá medo. Meu coração acelera. (MARGARIDA, 2021).

É possível observar que os primeiros meses são marcantes e simbólicos na vida das migrantes. É um período de adaptação, sofrimento e medo do desconhecido. Mesmo que cada uma relate esse começo de maneiras diferentes, é possível notar a emoção nas falas, as lágrimas nos olhos, a resistência às lembranças e o alívio por ter passado dessa fase.

Destacamos, a seguir, algumas temáticas transversais às mulheres venezuelanas, em experiência de migração, dentre elas: laços familiares e afetivos; dimensão do trabalho; contexto da Venezuela; migração forçada; saúde mental, violência e discriminação; futuro e comunicação e consumo midiático. Apenas duas temáticas específicas foram identificadas: fé e religião e perseguição política. A comunicação e o consumo midiático estão presentes nessas vivências, através de distintas formas, observadas e destacadas nas falas das interlocutoras, dentre elas: a dificuldade de acesso às mídias, a importância das relações interpessoais e sociais, as limitações comunicacionais ocasionadas pelo idioma e pela linguagem, a importância da escuta, o excesso de informação, entre outras questões comunicacionais. Entretanto, apenas uma das interlocutoras mencionou um material midiático (a ser apresentado no final deste subcapítulo).

Quanto à temática *laços familiares e afetivos*, as informantes relatam que as relações familiares são centrais neste contexto migratório. É pela família que se migra, pela família que se busca um lugar melhor para viver e, ainda, quando não é possível migrar junto, há o desejo latente da reunião familiar tão breve seja possível. As mulheres se sentem responsáveis pela família, por manter os laços e por contribuir com o sustento de quem fica na Venezuela. Atuam, incansavelmente, para promover a união de todos e todas novamente. A centralidade da família pode ser sintetizada na fala de Margarida (2021): “eu tenho duas filhas e um filho menor. E eu não estava conseguindo dar o

mínimo para os meus filhos. Eles estão todos lá, com a minha mãe. Estamos fazendo o possível aqui para que eles possam vir, o quanto antes.”. Na fala de Orquídea, a seguir, é possível compreender melhor o sofrimento que o rompimento de vínculos pode causar:

E também sofro porque sempre vivemos juntos, com minha avó, e agora meus filhos estão crescendo todos separados. Não conhecem sua bisavó, não conhecem sua família, não conhecem ninguém. Simplesmente conhecem sua mãe e seu pai. E nós fazemos videochamadas pra que eles saibam quem são sua família, mas é difícil. Não se pode dar um abraço. É tudo via telefone. Isso é um ponto que nos toca muito. E eu preciso cuidar da minha mãe, pois ela só tem a mim. É difícil. Ainda bem que minha mãe tem boa saúde. Não fica doente, nem nada. Mas ela está sempre comigo. Nós também enviamos dinheiro [para Venezuela]. Quando meu esposo recebe seu pagamento, envia e eu também quando recebo. (ORQUÍDEA, 2021).

Em relação à *dimensão do trabalho*, acreditamos que talvez possa ser compreendida como a principal busca e principal conquista no país de acolhida. Trabalhar é garantir a permanência digna, pois sem trabalho não há como permanecer, sobreviver. As mulheres estão em situação de extrema vulnerabilidade social, mas buscam autonomia e vivência digna no país (para si e para sua família). Cabe destacar que a maioria das interlocutoras fala sobre o desafio de conseguir um emprego na fronteira:

Em Pacaraima, talvez haja uma diferença, primeiro porque os campos de trabalho são totalmente limitados. Não há empresas básicas, construtoras. Aqui só há uma rua com 50 comércios e só se pode trabalhar nisso. Aqui na Acolhida é uma benção. Às vezes, os homens cobram 15 reais por dia para descarregar um caminhão inteiro. [...] Em Pacaraima não há o que fazer. Nós ficamos, pois estamos na Operação. Mas não há mais nada o que fazer. Não há emprego. (ORQUÍDEA, 2021).

O primeiro passo para quem chega é, invariavelmente, tentar sobreviver com empregos informais, na maioria das vezes precários e sem quaisquer perspectivas de desenvolvimento. A maioria das pessoas vende alimentos e bebidas na rua. Exemplo disso, é a fala de Girassol (2021):

Não comentei, mas quando cheguei, vendia café e cigarro na rua, na calçada. Comprei com alguns dólares que eu trouxe. Eu conseguia cerca de R\$ 80,00 por semana. Ficava com cerca de R\$20,00 e enviava cerca de R\$ 60,00 para minha mãe, toda semana. Sempre estive atenta à minha família, desde que cheguei aqui. Nunca os abandonei, sempre enviei dinheiro, pouco ou muito. Sempre pensei na minha mãe, nos meus filhos, nas minhas irmãs e avós. A experiência de trabalhar na rua, recém-chegada, não sabia como eram as coisas aqui. A situação em relação ao trabalho, as pessoas me diziam que eu só conseguiria se um brasileiro me recomendasse. Mas eu não conhecia ninguém. E minha família

esperava por mim. Eu saía muito cedo, cerca de cinco horas da manhã, para vender café. (GIRASSOL, 2021).

Em contrapartida, a fala de Hortênsia (2021) é repleta de comparações entre o trabalho na Venezuela e no Brasil:

A experiência é exatamente o que eu estava buscando. Eu sempre sonhei em trabalhar aqui. É forte, o trabalho é puxado. Em verdade, é um choque. É um choque mais que tudo. Eu era empresária, não trabalhava com um horário específico. Acho que isso é o mais difícil. É uma rotina muito diferente. Eu gosto do trabalho, não é cansativo. Eu trabalho tranquila, o ambiente é bem ok. Mas eu sinto falta de decidir o que fazer, como eu fazia na Venezuela. Aqui eu recebo orientações, todas em português (*risos*). O ambiente tem me ajudado a desenvolver como pessoa e eu não estou lá só pelo dinheiro. Eu quero me sentir bem como pessoa, como mulher. E eu tenho 52 anos e algumas pessoas de 40 dizem que eu pareço iguais a elas, mas sabem que eu sou mais velha. Eu agradeço a oportunidade. Eu sinto que posso, tenho gostado bastante. Eu não estava acostumada com esse estilo de vida, eu fazia o que queria lá. Descansava quando queria, resolvia tudo sozinha. Saía de carro e voltava quando queria. Isso tudo é novo. Eu sinto muita falta do trabalho de lá. Eu sinto falta do trabalho que fazia na igreja.

A dimensão da *fé* e da *religião* aparece sutilmente nas falas das interlocutoras. Algumas vezes, as respostas são seguidas de frases como “Graças a Deus”, e “seja o que Deus quiser”. Mas apenas uma das interlocutoras (Hortênsia) destacou a fé e a religião com ênfase. Hortênsia é a entrevistada que possui um olhar mais positivo e agregador da migração e é a entrevistada com falas que podem ser consideradas esperançosas e alegres. A fala a seguir ilustra a dimensão da fé, a partir da compreensão da entrevistada:

Eu, de verdade, não entendo como as pessoas são tão negativas. Acreditar em Deus faz a vida melhor, pois eu me sinto muito bem. [...] Mas eu sempre gosto de retomar a fé, sem falar de religião, estou falando de fé. (*Chorando*) É preciso crer na vida, com esperança. Eu acredito que a Venezuela vai melhorar, quem sabe amanhã, quem sabe dentro de 10 anos, eu creio. [...] Por isso, é preciso crer. Se nós cremos que as coisas vão melhorar, é porque vão. A fé é isso. A fé me ajuda muito. A tomar as decisões, até o final. Eu creio que teremos estabilidade, qualidade de vida, que o ambiente vai melhorar. Eu creio. (HORTÊNSIA, 2021).

A temática relacionada ao *contexto da Venezuela* pode ser considerada uma das mais abrangentes e ambíguas. As interlocutoras recordam o passado na Venezuela com muita nostalgia. Há memórias felizes e um desejo intrínseco de voltar à vida antiga. No entanto, os relatos de um contexto que vem, desde meados de 2013, piorando rapidamente são muito difíceis. É um dos momentos mais sensíveis de todas as entrevistas.

Recordar a Venezuela que não existe mais é devastador. Sem dúvidas, é perceptível a tentativa de manter um otimismo, mas as falas tendem a beirar a desesperança. Exemplo disso é a fala de Margarida (2021):

E, assim, na Venezuela tive uma vida muito bonita. Minha infância, minha vida. Tive a oportunidade de construir tudo que eu queria. Faz pouco tempo que cheguei, pela situação crítica que começou na Venezuela. Eu tinha um trabalho e tinha tudo que necessitava. [...] Aí chegou um momento em que eu trabalhava e o salário não alcançava. O salário não era suficiente. [...] Não era exatamente o dinheiro, eram os serviços que não funcionavam mais. Não havia energia, as pessoas roubavam os fios, o transformador. Não havia água. Nós tínhamos que comprar água e era horrível, suja. Não havia empresa de gás, gás de cozinha, sabe? Eu tive que aprender a cozinhar com carvão. A fumaça me afetava muito a visão. Minha mãe acabava ajudando a cozinhar.

Todas as entrevistas relatam os desafios de ver o país mudar tanto desde a infância. Girassol faz uma comparação com a realidade dos filhos, que estão na Venezuela, e se emociona:

A situação estava muito dura para todos nós, o salário do mês não era suficiente. Não alcançava nem para comer. [...] Eu sei que minha mãe está fazendo o melhor. Ela me disse que todo dia, no final do dia, deixa eles soltos, brincando na rua. Na idade deles, eu estava no meu país, mas era muito diferente. Eu brincava com meus amigos na rua, tinha bonecas, me divertia. Eu amo minha infância. Foi feliz. É muito diferente do que eles têm agora. Há alguns vizinhos com filhos também e todos compartilham um pouco. (GIRASSOL, 2021).

Uma das interlocutoras ressalta as questões culturais da Venezuela e, assim como as demais, também se emociona ao ressaltar os pontos positivos do país e a saudade que permanece.

A Venezuela é bela, tem praias belíssimas, uma cultura rica. A água não é fria como no Brasil, a água lá é bem quentinha, cristalina. Não estou falando mal do Rio de Janeiro, por favor, mas eu sinto falta do lugar de onde eu sou. Eu sou da Venezuela. Eu sinto falta das pessoas, dos hábitos. (HORTÊNSIA, 2021).

Seguindo a linha da história de cada entrevistada, após as falas sobre o contexto da Venezuela, as lembranças do passado e as comparações, todas as interlocutoras chegam à temática da *migração forçada*. Todas as falas sobre a migração deixam claro que ninguém queria migrar voluntariamente. Foi a impossibilidade de permanecer no país de origem, de um jeito razoável, que provocou o deslocamento. Nesse sentido, Margarida ressalta os desafios da chegada no Brasil:

Eu precisava sair de uma vez. Eu já tinha migrado internamente, dentro da Venezuela. Mas sabia que não seria suficiente. Por isso, vim para o Brasil. [...] Dormimos quatro pessoas no mesmo colchão. É horrível, querida. É um sacrifício, eu sei. Vai passar. Estou passando frio à noite, mas pelo menos não estou na rua. Não durmo molhada da chuva. Estou há semanas comendo apenas pão. Mas vamos, pouco a pouco, eu sei que é difícil. Eu ainda tenho algum apoio. Esses três meses são muito difíceis, pois depender de alguém é muito difícil. Eu nunca precisei esperar que alguém me desse algum dinheiro. (MARGARIDA, 2021).

Para Orquídea, o relato sobre a experiência migratória e a chegada no Brasil não são muito diferentes:

Começar de novo no Brasil foi terrível. [...] Viemos para cá e vivemos essa má experiência. [...] Pensamos em voltar para a Venezuela, mas as coisas estavam mais difíceis. Então resolvemos seguir adiante. [...] Porque começar de novo, outra vez, é difícil. Ou seja, não quero. Não quero começar de novo, outra vez. [...] A experiência marcante da minha vida é a migração. Porque isso, como te explico, nos marcou muito. Ou seja, a distância com a família, isso é, já não é a mesma coisa. É bastante difícil. (ORQUÍDEA, 2021).

Nesse momento, dois assuntos são destacados por todas as interlocutoras: a dificuldade com o idioma e as questões de gênero na migração forçada. A fala de Hortênsia (2021) ilustra essa primeira barreira: “e, claro, recomeçar no Brasil não é fácil. Especialmente pelo idioma. Nós chegamos aqui sem entender muito e fica difícil conhecer as pessoas, construir novas relações.” Em relação às questões de gênero, Margarida (2021) é clara ao explicar a vulnerabilidade acentuada das mulheres que migram:

Ser uma mulher migrante é difícil. A mulher ainda mais quando se tem filhos é mais vulnerável, mais suscetível. Claro, para ambos é difícil (homens e mulheres), mas para nós é difícil. Nós corremos mais riscos. Nós precisamos sobreviver e com medo, sempre. Medo de ser abusada, medo de estar sozinha. Todas nós temos medo, medo da mudança. As pessoas que migram não sabem para onde vão, o que vão fazer, onde vão chegar. É muita instabilidade emocional. (MARGARIDA, 2021).

Em nenhum momento no roteiro proposto, havia a intenção de problematizar diretamente as questões políticas da/na Venezuela. No entanto, fomos surpreendidas por uma das interlocutoras ao relatar a *perseguição política* que sua família vem enfrentando. Fica claro, nesse sentido, que não há como separar as questões políticas, da crise humanitária e da migração forçada. Por cerca de duas horas, Margarida descreveu detalhes da perseguição política que seu esposo e mais dois colegas sofreram

e ainda sofrem na Venezuela. A corrupção e o sistema de justiça fizeram com que ela perdesse a casa, o carro e todo o dinheiro que tinha. Seu esposo ficou preso por oito meses, sem qualquer contato telefônico com a família. Havia a vantagem de ser advogada, mas era preciso muito cuidado para não expor seu esposo a situações piores. Ela descreve o medo que sentia e o terror que era se apresentar como advogada dele. Quando Margarida encontrou seu esposo, estava magro e usava a mesma roupa do dia em que foi preso. Ela relata que entrou em depressão e que vivia tendo crises de ansiedade. Ela não podia sair às ruas sem ser ameaçada, fotografada ou algo assim. Tentaram entrar na sua casa e tentaram prendê-la, sem qualquer motivo ou justificativa. Então ela decidiu sair do país e deixar os filhos com a avó, temporariamente.

Atualmente, seu esposo aguarda ser julgado, está escondido e não tem permissão de sair do país. Ele e a família são ameaçados com frequência. Margarida sente que o melhor seria sair do país, como refugiado. Mas ele entende que estaria aceitando uma culpa que não tem e, por isso, prefere ficar. Mas não pode nem sair ao mercado. Alguns amigos apoiam e deixam a comida no portão. Eles não utilizam nem o mesmo número de telefone mais de uma vez, pois acreditam que o governo deve grampear e utilizar qualquer fala descontextualizada contra ele. Margarida conta, ainda, que recebeu apoio de lideranças indígenas que possuem contatos políticos e incidência na comunidade, e conheciam o caráter do seu esposo. Mas não teve o efeito esperado, infelizmente.

Mas a situação da Venezuela ficou muito, muito difícil. [...] Eu jamais imaginei que sentiria medo de qualquer funcionário do governo, seja polícia civil, guarda nacional, exército venezuelano. Todos. Todos. Qualquer que tenha um uniforme. Todos eles têm uma aliança política. Não importa se você tem filhos, não importa nada. Minha decisão de migrar também passa por isso. (MARGARIDA, 2021).

Em relação à temática *saúde mental, violência e discriminação*, todas as informantes relatam a xenofobia, o machismo, a exposição ao estresse profundo e tantas outras situações que desestabilizam as mulheres migrantes e refugiadas. Além disso, supor que as pessoas se entendem facilmente é um erro, que apesar de comum, pode gerar inúmeras situações de violência, especialmente para as mulheres. Margarida (2021) relata como se sente vivendo em Pacaraima:

Estar aqui na fronteira também me assusta um pouco. Há uma pressão psicológica. Eu tenho medo de qualquer coisa aqui e que me digam que vão me mandar para Venezuela. É uma situação, de verdade, traumática. É uma situação difícil. Nós chegamos aqui sem nada e durante a viagem ainda nos

tiram coisas. Pediram meus sapatos para me deixar passar. Isso é muita humilhação. É uma questão de direitos. (MARGARIDA, 2021).

A vida de Girassol é atravessada pela violência desde a infância na Venezuela e, infelizmente, a realidade no Brasil não foi diferente. A informante relata, na fala a seguir, a violência sofrida pela mãe e a relação abusiva que viveu com o pai dos seus filhos:

Não tem sido fácil pra mim, de verdade. Eu tenho atravessado muitas coisas, como todo migrante. Aguentar humilhações, passar necessidades. Mas tento dar graças a Deus, pelo bom, pelo mau e pelo maravilhoso. [...] Minha mãe, apesar de não ter feito faculdade, não ter muito estudo, eu admiro muito ela. Como muitas mulheres, em todo o mundo, ela aguentou a violência do meu pai. Meu pai a enganava muito. E quase sempre foi ela quem trabalhou. [...] Nós ficamos desde que eu era muito jovem, eu tinha 14 anos. Jamais imaginei que ele seria capaz de fazer isso. Jamais. E agora ele é pai dos meus filhos. Ele, de qualquer maneira, também me maltratava psicologicamente, às vezes fisicamente. Mas eu permanecia ali. Porque eu fui criada assim, que a mulher deve ficar ali, zelar pela família e aguentar. [...] Nunca foi uma relação saudável, nunca foi. Eu sei disso agora. Essa cicatriz que eu tenho no lábio foi dele, um soco que ele me deu quando estava bêbado. E, outras vezes, ele dizia que eu não servia, que eu sempre ia depender dele, me ofendia, me puxava pelo cabelo, esse tipo de coisa. Sair dessa relação foi a melhor decisão que tomei na minha vida. Porque foram muitas brigas, muitas discussões. (GIRASSOL, 2021).

Girassol, também registra como é difícil o momento de chegada para uma mulher que migra, apesar de tentar dar um tom positivo à experiência migratória.

Eu tinha medo, pois não conhecia nada nem ninguém. Não tinha alguém para me receber, não tinha ninguém por mim. Homens e mulheres estão expostos ao perigo, mas a mulher está mais. Por ser mulher. Estar sozinha, sem saber exatamente aonde chegar, sem saber com que tipo de pessoa vai encontrar no caminho, ao chegar aqui. Poderiam ter passado coisas horríveis comigo, mas fui afortunada. Cheguei bem e, felizmente, foi tudo como eu planejava. (GIRASSOL, 2021).

Em relação ao *futuro*, para maioria das mulheres, há um esforço em manter a esperança e um olhar positivo do que está por vir. Há uma invisibilidade do próprio sofrimento e uma ideia quase auto motivadora de reforçar que o pior já passou. Mas a incerteza do futuro é latente e devastadora.

Como sempre falo para minha família, quero estar como sempre estivemos. Eu sei que é difícil, não? E obviamente os tempos mudaram, tudo mudou. Mas é o que queremos. Não precisamos que seja na Venezuela, não. Mas pode ser, em algum momento, em qualquer outro país. Isso é, no Chile, aqui no Brasil. (ORQUÍDEA, 2021).

O futuro, para todas as informantes, envolve a família e o trabalho:

Eu não vejo a hora de trazer meus filhos pra cá e ter uma vida normal. Eu nunca tinha ficado mais de uma semana longe deles. Jamais. Mas eu ainda não tenho condições de trazê-los. Eles estão bem, graças a Deus. Eles sentem minha falta, muita falta. Não tem sido fácil. O mais novo tem apenas 4 aninhos. [...] Eu quero estar com meus filhos. Lutar pelos meus filhos. Quero que eles estudem, se esforcem. Quero que eles se esforcem muito aqui no Brasil. O Brasil é um país estável em comparação com os demais. [...] Sou jovem, posso seguir trabalhando, posso sonhar e atingir minhas metas pessoais, para conseguir uma estabilidade. Quero qualidade de vida. Quero que meus filhos estudem aqui e se desenvolvam aqui. Eles vão aprender o idioma muito mais rápido que eu. E eu quero viver no Brasil. Sou jovem, posso seguir trabalhando, posso sonhar e atingir minhas metas pessoais, para conseguir uma estabilidade. Quero qualidade de vida. Quero que meus filhos estudem aqui e se desenvolvam aqui. Eles vão aprender o idioma muito mais rápido que eu. E eu quero viver no Brasil. (MARGARIDA, 2021).

Adotar o Brasil como um lugar próspero e se permitir sonhar é o que Girassol responde quando é questionada sobre o futuro:

Eu imagino tantas coisas do meu futuro, já planejei mil coisas. Não paro de traçar novas metas. E eu tenho sonhos. Eu, sinceramente, daqui cinco anos, antes dos 30, quero estudar. Quero estar numa faculdade, estudando. Em nome de Deus. Quem sabe com uma casa própria, ou já independente com os meus filhos e com as minhas coisas. Eu imagino que estarei com um trabalho bom e estável. Por ora, devo ficar em Pacaraima. Mas a ideia é ficar em família. Minha mãe tem 42 anos. Sempre fomos muito ligadas, a ideia é ficarmos juntas de novo. Espero que ela tenha um trabalho aqui, tenha suas coisas. E sempre seguir mandando dinheiro para as pessoas que estão na Venezuela. Meus familiares. Não está nos meus planos voltar para a Venezuela. Eu gostaria, gostaria sim. Mas não está nos meus planos. Eu tenho metas a cumprir aqui. (GIRASSOL, 2021).

Em relação à última temática, *comunicação e consumo midiático*, os conteúdos não alcançam a maioria das pessoas, ou seja, a retenção é mínima ou inexistente. A comunicação das organizações da/na Operação Acolhida é essencial, mas insuficiente. As mulheres sabem que os materiais existem, mas não lembram de nenhum, não conseguem mencionar os conteúdos ou qualquer aprendizado. Partir da compreensão que as mulheres têm de comunicação, sem limitar ou definir previamente, talvez tenha sido um dos resultados mais potentes da pesquisa. Por mais que o roteiro das entrevistas traga a comunicação de uma forma abrangente, cada entrevistada teve a oportunidade de falar sobre o que entende por comunicação. E, nesse sentido, além de compreenderem a comunicação como um direito humano, que está relacionado à possibilidade de diálogo e participação social e comunitária, as interlocutoras ainda avaliaram a comunicação existente e descreveram propostas de como seria uma ação comunicativa ideal na fronteira.

Em relação ao consumo, Orquídea relata que o excesso de informação é prejudicial à compreensão de questões importantes no momento de chegada.

Tenho uma televisão na minha casa, que é de satélite, e conseguimos ver programas da Venezuela. Mas eu não vejo televisão, pois a televisão é para as crianças. Quase não nos sobra tempo para ver televisão. Eles decidem o que vão ver. [...] Quando chegamos no Brasil, não sabia nada. Não tinha informação alguma. / Precisamos saber utilizar as redes sociais, pois há coisas boas, mas há muitas coisas más. Na Venezuela a internet é muito limitada, nem todos têm. Comprei um telefone aqui e mandei para Venezuela, para me comunicar com minha família. Mas é limitante, às vezes, o governo corta as coisas, às vezes as pessoas ficam dias sem luz. [...] A comunicação é um pouco limitada. Há pessoas que não conhecem ou não sabem o que fazer quando chegam no Brasil. Há um limitante que é o idioma. Ou seja, se não entende o português não há como fazer. Se não fala, tudo bem, mas se não entende. Pelo menos entender. Então a comunicação deveria ser o mais clara possível, porque, às vezes, as pessoas procuram uma lan house e pagam muito caro para fazer documentos que são feitos de graça. Eu vejo muitas pessoas que não são orientadas, que não sabem onde perguntar as coisas. A comunicação é muito limitante. [...] As agências da ONU faziam “charlas”, e explicavam tudo que tínhamos que fazer. Só que assim, há pessoas que não podem reter o que estão dizendo, porque não. Porque faltam nutrientes no seu corpo, faltam tantas coisas para que a pessoa possa entender o que dizem. É preciso ter paciência. Porque é preciso repetir, repetir. Há pessoas que têm problema de saúde, que chegam com fome, às vezes. Quando as pessoas chegam no Pri, é tanta informação das agências. Tanta informação e tantos informativos. Os materiais são bons, mas servem para se abanar, para entreter as crianças. É muito sensível. É preciso ter muito tato. A pessoa chega com muitas expectativas, deprimida por causa da sua família, com cinco filhos, às vezes, mãe solo com três crianças, e precisa de apoio. É muito incômodo. (ORQUÍDEA, 2021).

Para Margarida, o idioma é um ponto central na dificuldade de se comunicar.

O idioma ainda me custa muito, o idioma é bastante difícil. Na Venezuela esse tipo de comunicação estava quase deixando de existir. Aqui, não há nada em Pacaraima. É praticamente pelo telefone que me comunico. Não tenho internet, mas já comprei um chip da Vivo aqui em Pacaraima. Mas toda informação que tenho, vejo pelas redes sociais, pelo Facebook e pelo Instagram. Eu converso muito pelo WhatsApp também. Eu tenho vários grupos da família. Eu não sou muito amante das redes sociais, mas conheço algumas páginas importantes. Mas sem internet também fica difícil, não tenho sinal. Prefiro fazer chamadas com a minha família. Às vezes, deixo um áudio. [...] Não tenho TV aqui no Brasil. Nem lembro a última vez que assisti a um filme. Eu estava lendo um livro em português, pelo telefone. Eu gostei de aprender. E eu também acho importante saber as notícias de Roraima. Visto que as notícias da Venezuela não são verdadeiras, eu não busco saber nada. É tudo mentira, é perda de tempo. Tudo tem interesse político. Há muito tempo não escuto e não leio nada sobre a Venezuela. Eu gosto de saber das notícias de Roraima. Elas parecem mais imparciais, não sei. [...] Não sou muito apegada aos materiais, ao telefone, nem nada assim. Tenho tentado ler o que encontro. Não temos livros aqui também. Mas o que encontro, tento ler. Para aprender e melhorar o português. A leitura é tão importante, sinto falta. Quero retomar. Sem meus filhos aqui, não tenho muito o que fazer. A casa é muito pequena, eu termino de limpar em 20 minutos. Por isso, tenho tempo para ler. (MARGARIDA, 2021).

Cabe ressaltar, que para nenhuma das interlocutoras conceituamos o que compreendemos por comunicação. A proposta do roteiro era exatamente observar a compreensão das migrantes sobre o que é comunicação. Margarida, quando questionada, respondeu: “de qual comunicação? Da interação com as pessoas?”. Perceber que as mulheres tinham concepções de comunicação que transcendem os meios de comunicação foi possivelmente um dos resultados mais potentes da pesquisa. A comunicação do cotidiano, entre as pessoas, ainda pulsa em contextos migratórios. Margarida, nesse sentido, acredita que a centralização da comunicação da Operação Acolhida é uma característica positiva.

Ah! Eu imagino que a Operação Acolhida é algo muito diferenciado, não há nada parecido em nenhum outro país da América Latina. Eu pesquisei, nem na Colômbia há isso. A Operação Acolhida facilita muito. Nós chegamos e todas as informações estão no mesmo lugar, está tudo ali. As pessoas chegam desorientadas, não chegam com uma clara informação do que devem fazer. Elas não sabem o que estão buscando. A informação é muito importante e, aqui, estamos centralizando na Operação Acolhida. Tenho observado as pessoas chegando e percebo isso. A orientação é indispensável. Explicar bem às pessoas já é o suficiente. [...] Há tantas informações. As pessoas não têm ideia de como é importante informar, orientar e explicar. [...] Toda comunicação é com as pessoas. As agências falam todas as informações. Orientar, há que orientar. Muitas pessoas chegam com informações erradas, enganosas. Sempre que falamos com as pessoas, percebemos como estão desorientadas. Algumas pessoas acham que vão chegar no Brasil e ganhar trabalho, ficar abrigado por três meses e não, não é assim. Isso é grave, porque as pessoas chegam muito vulneráveis. Não há como conversar individualmente com todos. E é preciso comunicar para muitos. E às vezes tanta informação nos esgota. Mas acho que poderiam apresentar informações de outra maneira. Às vezes, toda informação se resume em um folheto. Quem sabe se utilizassem outra estratégia de comunicação. Não há uma rede de comunicação. Tudo são relações pessoais. E, às vezes, não dá tempo de informar. Sem dúvidas, a comunicação pode melhorar. (MARGARIDA, 2021).

Margarida é a entrevistada que mais defende a importância da comunicação e deixa claro que apenas os materiais impressos não são efetivos.

A comunicação entre as pessoas é real, acontece. É um ponto fundamental, eu diria. Eu vejo as pessoas que chegaram na semana passada, explicando para as pessoas que chegaram hoje. Isso é bonito. É importante. E no caso da documentação, uma pessoa explica e muda a visão de várias outras. A documentação é tão importante. Ela garante tudo, é o primeiro passo. As pessoas ficam surpresas quando falamos as informações com cuidado, de um jeito personalizado. Há alguns materiais, folhetos, coisas assim. Mas ficam em cima da mesa e a pessoa precisa levantar-se e buscar. É difícil, né? São muitos folhetos. Seria importante entregar esses materiais para as pessoas, deixar nas mesas não é efetivo. Uma comunicação de mão para mão, entende? Mas não é só isso. A comunicação pode ser impressa, verbal, pela fala, pelas conversas, a comunicação pode ser corporal, sabe? É indispensável. (MARGARIDA, 2021).

Em relação às iniciativas solidárias, há um desconhecimento por parte de todas as interlocutoras. Quando falamos em solidariedade, no contexto de Pacaraima, nenhuma instituição ou projeto é mencionado, apenas ações pontuais e individuais:

Não conheço iniciativas, mas tenho vizinhos e amigas que são realmente pessoas solidárias e têm apoiado muito. Eu já tenho vários irmãos migrantes. É assim que chamo essas pessoas. A nossa realidade nos une. Passamos pelas mesmas coisas. E, de verdade, essas pessoas têm sido muito especiais pra mim. A relação que tenho com elas é o que eu entendo de comunicação no Brasil, como migrante. Eu tento manter esse respeito e essa empatia, sabe? Tento conversar com as pessoas, dar conselhos. Tento ser mais tolerante com as pessoas. Tento fazer as coisas bem, para não chamar atenção. Sempre pergunto, consulto, busco as pessoas para saber a melhor decisão a ser tomada. Trato de ajudar as pessoas. Sempre. Estou muito agradecida pelo Brasil e pelos brasileiros. O Brasil tem apoiado muitos venezuelanos e não há acolhida melhor que a daqui, do meu ponto de vista, claro. (MARGARIDA, 2021).

Por fim, Margarida conclui o pensamento sobre comunicação de um jeito quase poético, destacando a necessidade da escuta e a importância de um apoio psicológico para as migrantes:

A comunicação, neste contexto, da Operação Acolhida, é ouvir, abrir o coração para o migrante. Eu agradeço muito o que tenho vivido aqui. Eu entendo que muito do que é feito aqui passa pelo atendimento ao público. As pessoas estão atendendo migrantes o dia inteiro, todo o tempo. As pessoas querem compartilhar suas histórias, sua vida, suas coisas. Falar sobre a experiência migratória é duro, mas as pessoas querem falar disso e é bom ter alguém para ouvir. (MARGARIDA, 2021).

O relato de Girassol é talvez o mais surpreendente de todos. É uma mulher jovem que descreve com certo constrangimento a falta de acesso à comunicação, às tecnologias e às redes sociais. Sem dúvidas, é um relato potente que nos indica que nem todas as pessoas estão conectadas.

Quando eu era adolescente, lembro que queria comprar algumas revistas, mas não tínhamos dinheiro. [...] Eu não tenho celular, mas eu tenho um Facebook. Uso pouco, mas tenho. Eu não sei. Eu cheguei sem saber nada e só consegui porque algumas pessoas me ajudaram. Sempre há alguém com bom coração, com vontade de ajudar. Cheguei aqui, sem compreender o idioma, sem conhecer as pessoas. Mas lembro que, no começo, umas mulheres estavam dando curso de português e eu me inscrevi. Elas ensinavam o idioma com materiais sobre direitos, direitos humanos, direitos das mulheres. Era bom. A Operação Acolhida sempre apoiava com sessões informativas, sempre havia alguma pessoa dando informações ou alguns kits de higiene, coisas assim. (GIRASSOL, 2021).

Por ter vivido num abrigo, Girassol menciona que muitas vezes o acesso à informação ocorria por colaboradoras/es que visitavam o espaço para promover palestras, oficinas e conversas com as migrantes.

Muitas informações importantes sobre documentação, sobre interiorização. Mas eu lembro bastante sobre violência contra mulher, havia um número para ligar. Eu lembro que sempre nos davam informações. Levavam alguns folhetos e nos diziam muitas coisas. Lembro que as meninas da ONU iam lá, falavam o que era violência, que não era apenas bater, não era apenas física. Eu lembro disso. Eu não lembro de ter qualquer comunicação quando cheguei. Não havia informação de nada. Quase nunca se falou algo, eu não lembro. Quando a ONU ia para o abrigo, é a única coisa que eu lembro. Não tenho acesso às notícias do Brasil, nem da Venezuela. Tudo que eu sei é pelas pessoas que comentam e falam. Aqui e lá. Eu sinto falta de saber mais, eu sinto falta. Mas eu também não tenho telefone, então fica difícil. (GIRASSOL, 2021).

Em relação aos projetos solidários, mais uma vez, amigos e vizinhos são lembrados:

Eu tenho amigos e amigas, brasileiros e venezuelanos, são poucos, mas tenho. São pessoas boas, que me ajudam desde que cheguei. Toda comunicação que tenho é com eles. Eles têm me apoiado muito. Estou bem surpresa com o Brasil. É importante ter esse apoio. Mas a pessoa que eu busco, a minha referência quando preciso de algo, quando preciso de alguma liderança, alguma fonte de informação, é a minha mãe. Dou um jeito de entrar em contato com a minha mãe e tento descobrir o que fazer. [...] Sinceramente, eu penso que deveria ter um espaço, bem na fronteira, com pessoas que saibam dar informações, sobre tudo. Sobre documentação, sobre direitos no Brasil, sobre qualquer coisa. Há pessoas que chegam e são roubadas, são abusadas. Elas precisam saber o que fazer, precisam saber o que é certo. Deveria ter um ponto de informação, sabe. As pessoas precisam se nutrir de informações corretas. Há materiais que poderiam ser entregues para quem chega. Para as pessoas saberem mais ou menos, o que estão fazendo. As pessoas não sabem nem o que devem preencher nos documentos. Eu não sabia como colocar meu endereço da Venezuela. Mesmo que sejamos migrantes, há direitos que temos aqui. Mas as pessoas não sabem. Poderiam ser feitas “charlas” melhores, mais fáceis de entender. Quando cheguei, mal falaram comigo, não me entregaram nada. Eu perguntava para os outros venezuelanos o que eu deveria fazer, o que eu deveria preencher. Eram as pessoas que estavam ali, aguardando, que me diziam o que fazer. Eu acho que as coisas devem estar mais avançadas agora, faz muito tempo. Mas há documentos entregues, já vi esses dias. Até agora, eu não sei qual é a diferença do refúgio e da residência. Eu lembro que quando fui tirar a documentação, me encaminharam pra sala da ONU e fiz refúgio. Respondi um questionário e preenchi alguns dados. Foram vários dias esperando. Mas as pessoas iam me ajudando, iam me dizendo o que escrever nas três folhas. Por que estava no Brasil, se estava fugindo, se fui maltratada, as impressões do Brasil, como cheguei, a experiência de trabalho na Venezuela, era esse tipo de pergunta. Mas não lembro exatamente. (GIRASSOL, 2021).

Em relação ao consumo dos meios de comunicação impressos, Orquídea define que não possui, em relação às redes sociais, segue algumas notícias e alguns grupos.

Toda sua comunicação ocorre por meio dessas redes. Possui uma televisão em casa, dedicada quase exclusivamente ao entretenimento dos filhos:

Eles decidem o que vão ver. Assistem canais venezuelanos e brasileiros, pois nós temos alguns programas infantis que são os mesmos da Venezuela, mas em português. E estamos retirando um pouco do espanhol, para que eles já vão falando um pouco mais o novo idioma, para a escola. Então aqui, minha mãe vê notícias e novelas, mas prefere as venezuelanas, pois nessa idade, trocar de idioma é mais complicado. Ela só assiste canais venezuelanos. (ORQUÍDEA,

Em consonância com os tensionamentos que atravessam o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas, as práticas de consumo midiático de todo material que está circulando no contexto da Operação Acolhida, a partir das organizações, é escassa. No contexto pesquisado, com as quatro mulheres migrantes e refugiadas, especificamente, apenas uma mencionou espontaneamente um material de comunicação desenvolvido pelo UNFPA. Esse material consiste em um folder direcionado às mulheres migrantes.

O folder tem tamanho A4 e podemos considerar que apesar do formato especial é grande (especialmente em relação aos demais materiais). Possui cores vibrantes, um papel de excelente qualidade e um formato diferenciado dos retangulares que normalmente são disponibilizados às pessoas. É, ainda, um dos poucos materiais entregues pessoalmente por uma representante do UNFPA. Os demais materiais, normalmente, são disponibilizados em mesas que ficam dentro dos escritórios das Agências. Nesse sentido, é possível afirmar que o material se destaca e chama atenção das migrantes e refugiadas.

O conteúdo do folder é breve, claro e objetivo. Apresenta uma “régua”, uma escala, da violência contra mulheres. De forma concisa, ensina às mulheres a identificarem as diferentes formas de violência para buscar apoio e segurança. O conteúdo está dividido em três: “tenha cuidado”, “reaja” e “sua vida está em perigo”. As cores também auxiliam na representação da gravidade da violência, do laranja mais claro, passando pelo laranja e, por fim, no vermelho.

No primeiro eixo, são apresentadas situações consideradas mais leves, mas em que há violência presente e pode aumentar. São exemplos de violência em que a mulher deve ter cuidado: invadir a privacidade, humilhar, controlar e gritar. O nível de violência aumenta, indicando que é necessário pedir ajuda quando a violência se manifesta da seguinte forma: empurrar, sacudir, isolar, destruir objetos pessoais etc. Por fim, o folder indica que a vida da mulher está em perigo quando a violência alcança os níveis mais

Dos materiais de comunicação que tem acesso, Orquídea recorda dois materiais de comunicação e relata, a seguir, sua percepção sobre o folder “Violentômetro”.

Esse aqui as pessoas usam para se abanar. É de violência. Há alguns documentos para mulheres. Conheço esses dois: a escala de violência e o do Covid-19. Para mim, parece uma ideia excelente. Pois, às vezes, somos agredidas e maltratadas e não sabemos. Uma palavra dói mais que um soco. Há mulheres que quando olham a escala de violência, ainda que tenham sido violentadas, não falam. Mas, ao menos, agora sabem. Então, às vezes, apenas orientar sobre esses temas já é válido. Algumas pessoas nem sabem ler. Poderia ser mais didático. Algumas pessoas não têm a capacidade de compreender o que diz aqui. (ORQUÍDEA, 2021).

Nesse sentido, há detalhes no produto midiático citado pela interlocutora, que indicam características importantes a serem analisadas, especialmente em relação ao formato, à linguagem, ao momento de entrega do material, ao objetivo e ao público a que se destina. O primeiro contato que tivemos com o material, aparece nas anotações do diário de campo, a seguir:

Passando pelo corredor de bancos enfileirados, é possível identificar um material impresso colorido presente nas mãos de algumas mulheres. Chamou a minha atenção. O material tem formato de leque e essas abanam o rosto para espantar o calor. Me peguei pensando na produção desse folder. Será que as pessoas queriam que ele fosse útil e, por isso, optaram por esse formato? Me aproximei e percebi que o material estava em português. Perguntei às meninas se haviam lido e entendido. A resposta era óbvia e única: não. (ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Todas as interlocutoras, em alguma medida, trouxeram o tema da violência de gênero nas falas. É como se a experiência migratória passasse, de alguma maneira, pela violência. O folder é, sem dúvidas, uma resposta aos relatos diários que também observamos ao longo do período. Uma maneira de disponibilizar informações relevantes, em forma de alerta, e um canal de comunicação para denúncias. A efetividade do material, no entanto, é prejudicada por diferentes razões. Todas as interlocutoras atentaram para a dificuldade com o idioma, com a delicadeza do momento de chegada e o excesso de informações. As pessoas que chegam cansadas da viagem, normalmente, focam nas informações sobre regularização migratória e as demais necessidades ficam de lado (inclusive as situações de violência). Além do mais, a comunicação que as migrantes mais confiam e compreendem está relacionada com a experiência pessoal de outras migrantes. O que confirma uma das informações que consta no informativo da

OIM, em que o “Boca a Boca” é uma das principais fontes de informação das populações migrantes desabrigadas.

A importância do folder é inquestionável, visto que a violência contra mulheres é potencializada em contextos de deslocamentos forçados. No entanto, o material que se destina às migrantes que chegam no país de acolhida está em português, o que dificulta a compreensão e prejudica a retenção de informações tão relevantes. O formato do material, por vezes, pode constranger as mulheres, visto que seu agressor pode estar próximo e se incomodar com a situação, visto que ter acesso à informação é empoderar a mulher para buscar ajuda e sair desse ciclo de violência.

A análise do folder nos faz perceber que nem sempre a estética, o design e a qualidade técnica na criação de um material impresso são suficientes para garantir o objetivo principal da peça. Os usos do material, pelo público de interesse, seja para abanar o calor ou para promover o conhecimento, gerando a denúncia da violência sofrida, são muito mais complexos, subjetivos e pertinentes nos contextos migratórios.

Por fim, cabe destacar que a entrevistada, a partir da apropriação do folder, consegue relacioná-lo com sua própria experiência de mulher migrante e com as questões de violência baseada em gênero. A urgência de discussão em relação à temática não é condizente com a comunicação que circula a partir das organizações.

Destacamos, ainda, que no processo da pesquisa de campo havia expectativa em relação à observação de práticas de consumo midiático e de recepção dos materiais de comunicação, que circulam no contexto migratório, na fronteira de Pacaraima. Entretanto, a menção desses materiais por apenas uma das interlocutoras nos parece um dado bastante significativo que demonstra a falta de relevância que essa comunicação tem no cotidiano dessas mulheres migrantes e refugiadas.

Valorizamos muito esse dado, visto que ele aponta para a necessidade de melhores práticas de comunicação, através desses produtos midiáticos, mas consideramos importante manter a premissa de acolher na pesquisa apenas dados de uma relação espontânea das mulheres migrantes e refugiadas com esses produtos, e não induzir à exploração de relatos das mulheres migrantes sobre práticas de recepção, de folders e outros materiais, que sequer chamaram sua atenção ou foram identificados e percebidos no seu cotidiano.

A segunda entrevista, com foco na atuação das organizações em prol da solidariedade e na percepção relacionada à comunicação nesses espaços:

A comunicação é um pouco limitada. Há pessoas que não conhecem ou não sabem o que fazer quando chegam no Brasil. Por exemplo, como revalidar o diploma, como documentar o filho que nasceu aqui, não sabem onde ir. Então as pessoas precisam sempre procurar o Pitrig para tentar entender como funcionam as coisas aqui no Brasil. Há um limitante que é o idioma. Ou seja, se não entende o português não há como fazer. Se não fala, tudo bem, mas se não entende. Pelo menos entender. Então a comunicação deveria ser o mais clara possível, porque, às vezes, as pessoas procuram uma *lan house* e pagam muito caro para fazer documentos que são feitos de graça. Eu vejo muitas pessoas que não são orientadas, que não sabem onde perguntar as coisas. A comunicação é muito limitante. (ORQUÍDEA, 2021).

Os processos de comunicação, na acolhida das migrantes é muito importante. Cada Agência da ONU (ACNUR, OIM, UNICEF, UNFPA) é responsável por abordar temáticas diferentes na acolhida das migrantes. Toda comunicação ocorre pelas pessoas e por materiais impressos (folders, folhetos e cartazes).

[...] é muita informação para uma pessoa que chegou e está há três dias caminhando, algumas pessoas tu vê que a cara está muito queimada do sol. Conheci um menino que ficou três dias pedindo carona, e ele ficou sem tomar banho, sem comer, sem nada. A pessoa chega e não quer saber tanta informação. A pessoa quer entrar no Brasil. Às vezes é tanta informação que a pessoa fica desinformada. E a pessoa precisa estar informada. (ORQUÍDEA, 2021).

A exposição das mulheres à violência também foi mencionada ao longo da entrevista. Quando questionada sobre as questões de gênero, nesse contexto migratório, Orquídea responde:

Eu conheço muitas mulheres venezuelanas que não tem marido, esposo, não têm nada e vem para o Brasil, são situações piores. Há muitas mulheres sozinhas com seus filhos, e de verdade, o salário da Venezuela não é suficiente. As pessoas precisam vir pra cá, num novo país e é difícil, em todos os aspectos. Conseguir trabalho, sustentar os filhos. [...] Sair do teu território, e chegar a outro país, uma mulher sozinha, é bastante difícil, super difícil. Se na Venezuela era difícil, aqui vai ser mais. Porque a Venezuela é teu país, e se pode tentar resolver de outras maneiras, mas aqui é muito difícil. Pois se não consegue alugar uma casa, tem que viver na rua. E quem não tem família, não tem nada. [...] Ser uma mulher migrante é um pouquinho mais difícil, e ainda mais com filhos. Do contrário, o homem sozinho pode fazer algo na rua. E as mulheres não, pois possuem mais riscos na rua. Abusos, muitas coisas. Enquanto os homens se defendem um pouco mais. Sem dúvidas, temos uma barreira aí. (ORQUÍDEA, 2021).

A contribuição da comunicação, nesse contexto, para Orquídea é formativa:

Orientar, há que orientar. Muitas pessoas chegam com informações erradas, enganosas. Sempre que falamos com as pessoas, percebemos como estão desorientadas. Há tráfico de pessoas, exploração laboral. Há muitas pessoas desaparecidas. Algumas pessoas acham que vão chegar no Brasil e ganhar trabalho, ficar abrigado por três meses e não, não é assim. Isso é grave, porque as pessoas chegam muito vulneráveis. Não há como conversar individualmente com todos. E é preciso comunicar para muitos. E às vezes tanta informação nos esgota. Mas acho que poderiam apresentar informações de outra maneira. (ORQUÍDEA, 2021).

A comunicação dos produtos midiáticos que circulam no contexto migratório, a partir dos dados observacionais, não nos parece estratégica. Visto que a produção desses materiais se propõe a desenvolver materiais que não correspondem às expectativas das mulheres, limitando assim a efetividade desses processos comunicacionais. Na visão das mulheres migrantes, a comunicação está vinculada a outras questões, como: dificuldade de acesso a tecnologias, a expectativa de uma comunicação interpessoal, as barreiras de idioma e linguagem.

Destacamos, por fim, uma análise da comunicação que circula nos contextos migratórios, a partir do mapeamento da presença da comunicação nas experiências migratórias de venezuelanas no Brasil, contemplando instituições, agentes, produtos, públicos e apropriações e da apropriação das mulheres migrantes, em relação à comunicação presente no processo de chegada de venezuelanas no Brasil, em Pacaraima/RR. A comunicação institucional da Operação Acolhida não responde às demandas das mulheres migrantes. Nesse sentido, destacamos as redes de comunicação “informais”, ou seja, a comunicação das ruas, dos espaços coletivos, é a mais disponível, efetiva e concreta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE COMUNICAÇÃO, MIGRAÇÃO E GÊNERO

Pensar as mulheres venezuelanas, no Brasil, a partir do campo da comunicação, e articular com as questões de gênero foi um aprendizado que jamais caberia integralmente nas páginas de uma dissertação. O privilégio de desenvolver esta pesquisa, em diálogo total com campo, “vendo” tantas histórias e “andando” por diferentes espaços, possibilitou o exercício do autoconhecimento e da empatia que, de forma geral, não é comum na academia. O desafio de desenvolver uma pesquisa, num prazo relativamente curto (e atravessado pela pandemia), é proporcional à realização pessoal em aprender e experimentar a pesquisa de campo em comunicação. Estar presencialmente em Pacaraima não era uma certeza durante a criação do projeto de pesquisa, apesar de ser um desejo inicial, e não imaginávamos permanecer em campo por tantos meses.

Dentre os principais limites e obstáculos encontrados no desenvolvimento da pesquisa, sem dúvidas, a dificuldade de se distanciar emocionalmente do campo e a falta de estrutura da cidade de Pacaraima são os mais marcantes. Estar imersa no campo nos absorve de diferentes maneiras, o que confunde (por vezes) começo, meio e fim da pesquisa. Observar e escrever, ao mesmo tempo, e seguir observando é um desafio constante, pois não há como não observar. Ademais, nem tudo cabe neste relatório final que se propõe a seguir um rigor científico muito distante da realidade da fronteira. Em dias de chuva, por exemplo, não contamos sequer com energia elétrica na cidade. Os tempos para refletirmos sobre tudo que foi observado não parece suficiente e nos falta espaço para distanciar o olhar e articular teórico e empírico.

Nesse sentido, Angrosino (2009) também nos inspira a pensar outras formas de apresentar experiências de campo, como a que vivemos ao longo da pesquisa. Nos questionamos se o formato acadêmico atual de artigos, dissertações e teses segue sendo o único que registra o conhecimento científico com a qualidade esperada. Não seria mais uma proposta pensada a partir do olhar colonial? A decolonização da ciência também passa por isso. Há tantas formas possíveis de apresentar e descrever histórias de vida, por exemplo. O próprio limite imposto pela academia, muitas vezes, restringe o acesso ao conhecimento por diferentes públicos, especialmente os mais vulneráveis. Por isso, acreditamos que a pesquisa também nos motiva a pensar a democratização do conhecimento científico. Questionar esses formatos também nos coloca num lugar

menos vertical na relação de pesquisadora/pesquisada. Sem dúvidas, a pesquisa qualitativa em comunicação pode contribuir com esse olhar intercultural no próprio campo. Os Estudos Culturais nos permitem experimentar essa vivência.

Outro obstáculo que identificamos como um dos mais desafiadores é a vivência do campo em momentos de caos. Durante as manifestações, em novembro de 2021, em que a segurança e a integridade física das migrantes era uma constante preocupação, a urgência do trabalho e a disposição para atender demandas imprevisíveis impactaram diretamente o desenvolvimento da pesquisa. Por três meses, a observação foi à flor da pele e, muitas vezes, a permanência em Pacaraima foi questionada. Por que se colocar em risco? Optar por estudar temáticas sensíveis, como a das migrações forçadas, é optar por se colocar à disposição e repensar, constantemente, as prioridades de vida.

Cabe, nesse sentido, reconhecer as vulnerabilidades da pesquisa, devido ao processo em que foi desenvolvida, às limitações impostas pelo campo e aos tempos de produção de uma dissertação. A primeira vulnerabilidade está relacionada à dificuldade que encontramos para dialogar e aprofundar o debate teórico, o que repercute na ausência de uma interpretação que poderia ter sido realizada a partir dos dados empíricos. A segunda vulnerabilidade está relacionada à dificuldade de realizar um estudo de consumo midiático e recepção, tendo em vista que não houve a manifestação espontânea da maioria das mulheres em relação aos produtos midiáticos que circulam e que partimos da premissa metodológica de não induzir a discussão de produtos de comunicação que sequer são apropriados ou relevantes no cotidiano das mulheres migrantes e refugiadas.

Diante dessas dificuldades e considerando a riqueza dos dados empíricos, a alternativa que encontramos foi explorar os resultados obtidos em termos do papel da comunicação em outros aspectos, como: a dificuldade de acesso às mídias, a importância das relações interpessoais e sociais, as limitações comunicacionais ocasionadas pelo idioma e pela linguagem, a importância da escuta, o excesso de informação, entre outras questões comunicacionais.

Além disso, compreendemos que a oportunidade de atrelar o conhecimento científico com uma experiência de vida transformadora pode ser considerado um dos aspectos positivos proporcionado no desenvolvimento da pesquisa. Pensar que, em alguma medida, há contribuição para as migrantes e para o campo da comunicação, reforça a importância de pensarmos e aprofundarmos os estudos em comunicação e

cultura. Proporcionar espaços de escuta para as mulheres migrantes que, muitas vezes, são invisibilizadas ou desconsideradas das pesquisas acadêmicas, especialmente num momento pandêmico, em que muitas/os pesquisadoras/es não foram a campo, promover a centralidade das falas das interlocutoras e registrar o protagonismo das suas trajetórias migrantes são características de uma pesquisa que buscou manter a coerência até o final.

Ao nos determos aos objetivos de pesquisa, entendemos que foram contemplados de forma satisfatória. Os resultados da pesquisa nos possibilitaram descrever como as mulheres venezuelanas migrantes e refugiadas compreendem a comunicação no processo de chegada ao Brasil. A comunicação, nesse cenário, é percebida como essencial para a experiência migratória e para a garantia de direitos no novo território.

É nesse contexto inconstante e dinâmico que a comunicação como possibilidade de expressão e arte praticamente não existe, e passa a exercer um papel indispensável pela sobrevivência no país de chegada/acolhida. O próprio questionamento sobre a palavra “acolhida” aparece nesse momento. No novo território, a importância da informação correta e clara é fundamental para garantia de direitos, para compreensão dos processos de regularização migratória (que varia de país para país), para o empoderamento das mulheres no enfrentamento à violência de gênero e para a tentativa de reconstruir uma nova vida. A comunicação, especialmente no período de chegada, com as dificuldades de adaptação, com o choque cultural e com as diferenças de linguagem, se torna vital para permanência no novo território e para promoção da autonomia das migrantes. Cabe destacar, nesse sentido, o protagonismo das mulheres migrantes nas ocupações espontâneas, nas quais atuam liderando e articulando as principais pautas e demandas de cada ocupação.

Em relação ao objetivo geral da pesquisa de compreender o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas no Brasil, identificamos que a situação de extrema vulnerabilidade social das migrantes posiciona a comunicação num outro lugar possível, um lugar de necessidade básica, tal qual alimentação e acesso à saúde, por exemplo. A comunicação nesse contexto migratório de mulheres venezuelanas, no momento de chegada ao Brasil, deveria buscar o desenvolvimento de competências comunicacionais interculturais, sobretudo linguísticas, sociais e pedagógicas, que facilitassem a consciencialização cultural, a luta contra os preconceitos e os estereótipos e, que promovessem atitudes e práticas

interculturalmente competentes e inclusivas, gerando o empoderamento feminino, e profissionais e cidadãos culturalmente sensíveis em relação às vulnerabilidades potencializadas pela migração.

O que percebemos, no entanto, é a uma busca por comunicar a Operação Acolhida para brasileiras e brasileiros num tom de prestação de contas, sem atentar para as informações pertinentes às migrantes. O ACNUR é a Agência que mais produz conteúdos e divulga informações relevantes para as/migrantes. A OIM divulga mensalmente um documento importante e esperado no território, em que apresenta o perfil das pessoas desabrigadas. Ao longo da pesquisa, percebemos que a comunicação que circula nesse espaço é, majoritariamente, a produção de conteúdos digitais e a divulgação de materiais impressos. A partir da observação e das entrevistas, identificamos que as pessoas, por diferentes motivos, não conseguem reter as informações mais importantes.

Nesse contexto, um dos resultados relevantes da pesquisa é o mapeamento do fluxo de acolhimento extraordinário de migrantes em situação de rua, em Pacaraima, (página 99) que traz informações relevantes sobre as etapas e os agentes desse processo de acolhida humanitária. Esse fluxo também serve como referência para serem pensadas as políticas de comunicação nesse contexto migratório e para revisão das práticas comunicacionais no território.

Pensar as especificidades da comunicação no momento de chegada no Brasil, pelo viés da mulher migrante e refugiada, especificamente nos processos de solidariedade e de resposta humanitária, nos provoca a deslocar a concepção de comunicação e cultura para além do âmbito da reprodução de um conjunto de normas e valores compartilhados e aceitos coletivamente, para uma posição na qual a ação social é uma dinâmica de transformação do meio social. A comunicação em interface com as práticas socioculturais de mulheres venezuelanas migrantes e refugiadas no Brasil está intrinsecamente relacionada a estratégias de sobrevivência no novo território, compreendendo a comunicação como um direito humano, que está relacionado à possibilidade de diálogo e participação social e comunitária.

Sobre os objetivos específicos da pesquisa, foi possível mapear o processo de chegada de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, na fronteira de Pacaraima/RR, a partir dos recursos documentais e observacionais. O momento de chegada é muito importante para as migrantes, pois configura o período mais delicado e complexo, em que a comunicação é mais relevante. No entanto, entendemos que as

estratégias de comunicação das organizações envolvidas na Operação Acolhida não são efetivas.

Destacamos, ainda, algumas temáticas transversais às mulheres venezuelanas, em experiência de migração, que contribuem como compreensão desse processo de chegada no Brasil: laços familiares e afetivos; dimensão do trabalho; contexto da Venezuela; migração forçada; saúde mental, violência e discriminação; futuro e comunicação e consumo midiático. Apenas duas temáticas específicas foram identificadas: fé e religião e perseguição política. Essas temáticas foram definidas a partir das transcrições das entrevistas com as interlocutoras, através da leitura das falas e da aproximação dos conteúdos. Compreendemos que as temáticas não esgotam os conteúdos das entrevistas, mas contribuem para uma sistematização das principais informações.

O segundo objetivo específico, em que identificamos a presença da comunicação nas experiências migratórias de venezuelanas, no momento de chegada no Brasil, priorizando as organizações da Operação Acolhida, nos permite comparar as informações disponibilizadas com as realidades de Pacaraima. Exemplo disso são os materiais impressos para gestantes, que indicam a importância do acompanhamento pré-natal, em uma cidade que não há sequer médicos generalistas. Promover conteúdos dissociados da realidade possui, na maioria das vezes, resultados negativos.

Por isso, defendemos que a perspectiva da comunicação, no contexto de Pacaraima, é a única imaginável e possível para contribuir de forma positiva com a acolhida das migrantes. Num território de fronteira, é somente um olhar que reconhece as mulheres como sujeitos de direitos, que legitima suas trajetórias de vida e acolhe suas fragilidades, que uma comunicação emancipadora e igualitária é possível. Mas, além de tudo, a comunicação deve estar em sintonia com as realidades e os contextos. Sem uma perspectiva que contemple as diversidades e diferenças dos sujeitos, não há contribuição autêntica que vise a autonomia e as soluções duradouras para construção de uma vida digna.

Conforme exposto, são inúmeros os processos comunicativos presentes nas práticas socioculturais de migrantes e refugiadas venezuelanas, desde a saída do país de origem e durante o deslocamento. O processo migratório não é simplesmente sinônimo de encontro cultural, já que implica uma adaptação social e psicológica à cultura de acolhimento, a um meio novo, desconhecido ou hostil. Portanto, as práticas socioculturais das migrantes estão em constante movimento e transformação.

A dificuldade de acesso aos meios de comunicação e às mídias, de modo geral, coloca as migrantes em certa dependência aos produtos midiáticos desenvolvidos e disponibilizados pela Operação Acolhida, especialmente no momento de chegada ao Brasil. O que significa que as informações proporcionadas pelas Agências da ONU têm grande relevância para as migrantes, mas fica evidente que o excesso de informações acaba, por vezes, prejudicando a compreensão dos processos migratórios. A falta de alinhamento entre as Agências e a descentralização dos processos de comunicação da Operação Acolhida também são nítidos, na participação observante e nas entrevistas realizadas. São centenas de materiais impressos distribuídos no Pitrig, todos os dias, no entanto, as mulheres venezuelanas migrantes e refugiadas não conseguem reter as informações e tampouco lembrar da maioria dos documentos que teve acesso.

Por fim, analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR, é uma contribuição para o campo da comunicação, pois vimos no estado da arte que poucos estudos abordam a migração venezuelana. Além disso, esta pesquisa pode ser mais uma inspiração para acadêmicos optarem por experiências de campo. Para as organizações que atuam na Operação Acolhida ou em outros contextos de resposta humanitária, há pistas de estratégias de comunicação que podem ser articuladas e ajustadas de acordo com cada contexto. É partir desse repensar as práticas comunicacionais, em contextos migratórios, que podemos imaginar uma sociedade em que todas as pessoas têm acesso a direitos.

Um resultado que não esperávamos, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foi a urgência de considerar as pessoas que não possuem acesso às tecnologias digitais. A dificuldade de acesso à internet, às tecnologias e às redes sociais, nos causou certa surpresa. De dezembro a dezembro, o estado de Roraima ficou incontáveis horas e dias sem acesso à internet ou com grande instabilidade. As operadoras telefônicas também oferecem serviços de péssima qualidade. Um estado inteiro do país com instabilidade de acesso à internet, gerando problemas diversos nos sistemas públicos de saúde, educação e segurança, prejuízos às organizações privadas e diversos transtornos no dia a dia da população das cidades. O que aconteceria se algo semelhante ocorresse num estado do sul do país? Por vezes, as pesquisas no campo da comunicação demonstram o potencial da convergência digital no mundo, sem atentar para as desigualdades sociais que invisibilizam as vidas de milhares de pessoas vulneráveis em deslocamentos forçados.

Como discutir o acesso à internet em uma cidade sem saneamento básico? Precisamos, urgentemente, entender que nem todas as pessoas têm acesso às tecnologias digitais.

Nesse sentido, é preciso ressaltar que muitas pessoas atravessam a fronteira sem pertences pessoais básicos, como escova de dentes, documentos e roupas. Como supor que as pessoas teriam acesso para fazer ligações ou acessar o Facebook? Em contramão à realidade fronteiriça, as organizações seguem produzindo mídias digitais, seguem criando conteúdos audiovisuais sem qualquer relação direta com as necessidades dos sujeitos. É verdade que a comunicação institucional das organizações envolvidas na Operação Acolhida é essencial, mas é preciso reconhecer que essa comunicação não alcança a maioria das pessoas, especialmente as migrantes.

Dentre as temáticas que destacamos nas entrevistas, a saúde mental das migrantes é outro fator que precisa ser pontuado. A vida cotidiana das mulheres migrantes é muito complexa, instável e pesada. A responsabilidade de cuidar da família; a dificuldade de encontrar trabalho e meios dignos para garantir o sustento; o estresse de viajar dias caminhando com as dores físicas pela má alimentação e condições de higiene; a saúde debilitada pela exposição ao sol e à chuva, ao frio e ao calor; as emoções à flor da pele por deixar familiares e amigos queridos; o desvínculo com as raízes, com a cultura e com os costumes; a dificuldade com o idioma do país de acolhida; a violência da chegada, com a xenofobia, o machismo e tantas outras situações que desestabilizam as mulheres num contexto migratório, de deslocamentos forçados pela situação econômica, política e social da Venezuela, colocam as mulheres migrantes expostas a um nível de estresse muito profundo.

A dificuldade do idioma merece destaque nesse contexto. Nem todas as pessoas que atuam na Operação Acolhida compreendem o espanhol e garantem a compreensão das migrantes. A violência dos processos para abrigamento, por exemplo, em que é preciso explicar a obrigatoriedade de uma série de vacinas e do teste do Covid-19, além dos cadastros longos com a necessidade de inúmeros dados de cada pessoa, criam, muitas vezes, um ambiente hostil e inseguro de acolhida. A comunicação nesses processos ocorre, normalmente, por falas individuais e em grupo, por profissionais que nem sempre dominam o espanhol, e alguns cartazes pendurados pelos espaços de forma desordenada e sem estratégia conceitual/visual. Os idiomas português e espanhol são diferentes, bem como os sotaques de cada região de cada país. Supor que as pessoas se

entendem facilmente é um erro que apesar de comum pode gerar inúmeras situações de violência.

A partir da compreensão que a temática migratória é abrangente e complexa, podemos descrever algumas pistas para pesquisas futuras e possíveis aprofundamentos, dentre eles: a compreensão da migração como um processo de comunicação, a violência baseada em questões de gênero no contexto migratório, as relações entre etnia e raça, as especificidades da população indígena, as pessoas em situação de rua, a invisibilidade da vulnerabilidade dos homens adultos, a atuação das forças armadas, a militarização da Operação Acolhida, a atuação das agências da ONU e da Polícia Federal, o perfil das/os comunicólogas/os humanitárias/os no Brasil etc.

A partir da experiência desta pesquisa, muitas condutas de comunicação poderiam ser problematizadas, como por exemplo: como orientar uma mulher, em situação migratória irregular, que busque a delegacia para fazer uma denúncia de assédio, abuso ou exploração sexual, sendo que ela corre o risco de ser deportada?; como orientar que gestantes iniciem o acompanhamento gestacional numa cidade em que não há médicos?; por que criar materiais de comunicação com foco em migrantes e manter todo o conteúdo em português?

Há, sem dúvidas, inúmeras práticas comunicacionais que poderiam/deveriam ser repensadas no contexto de Pacaraima. Os dados observados ao longo da pesquisa nos indicam que a tradução de todos os materiais seria uma boa prática eficiente, além da relação das informações disponíveis nos materiais de comunicação com os serviços públicos ofertados na cidade de Pacaraima, especialmente referentes à saúde, à segurança e à educação.

6 REFERÊNCIAS

AÇÃO de agências da ONU pretende empoderar refugiadas venezuelanas. **Agência Brasil**, Brasília, 29 nov. 2021. Direitos Humanos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-11/rr-acao-de-agencias-da-onu-pretende-empoderar-refugiadas-venezuelanas>. Acesso em: 19 abr. 2022.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. **Global Trends**. Forced displacement in 2019. Genebra: ACNUR, 2019. Disponível em: https://www.unhcr.org/5ee200e37/#_ga=2.90975514.1805306770.1624987974-1254900308.1623942497. Acesso em: 30 jun. 2021.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. **Plataforma Help!** [S.l.: s.n.]. Disponível em: https://help.unhcr.org/brazil/#_ga=2.157960634.1805306770.1624987974-1254900308.1623942497. Acesso em: 30 jun. 2021.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. **4 dados para entender a situação da Venezuela**. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/11/28/4-dados-para-entender-a-situacao-da-venezuela/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. **Brasil é o país da América Latina com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos**. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-e-pais-da-america-latina-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. Venezuela. **Milhares de famílias venezuelanas deixaram suas casas. Sua doação mensal é mais importante do que nunca!** [S.l.], 2020. Disponível em: <https://doar.acnur.org/acnur/venezuela.html>. Acesso em: 17 jun. 2021.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. Brasil. **Ajuda para refugiados e solicitantes de refúgio**. [S.l.], 2021. Disponível em: https://help.unhcr.org/brazil/#_ga=2.194104623.386922351.1605794303-97676982.1603979040. Acesso em: 09 jun. 2021.

AGUIAR, Lisiane Machado; ALMEIDA, Tainá Aragão de. O uso da câmera de vídeo na observação-ação-participativa: por uma ressignificação comunitária de refugiados venezuelanos em situação de abrigo em Boa Vista/Roraima. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2018.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALLES, Natália Ledur; COGO, Denise. Mulheres imigrantes haitianas, usos de TICs e experiências de ativismo. *In: ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO - COMUNICON*, 7., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ESPM, 2018.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. Rádio Web e Migrações: protagonismos, dilemas e provocações. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2019, 42., Belém. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2019.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; SANT'ANA, Vitória; MONTALVÃO, Beatriz; NASCIMENTO, Luís Felipe do. Imigrantes Haitianos no Brasil e o Consumo de Mídia. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 39. 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2016.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; COGO, Denise Maria. Imigração haitiana na cidade de São Paulo: comunicação e consumo de mídias no mundo do trabalho. **Comunicação Midiática**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 94-109, jan./abr. 2018.

ALVARENGA, Darlan; SILVEIRA, Daniel. Desemprego no brasil sobe para 144% em agosto, diz IBGE. 2020. **G1**, [S.l.], 30 out. 2020. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/30/desemprego-no-brasil-sobe-para-144percent-em-agosto-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 09 jun. 2021.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trab. educ. saúde** [online], Rio de Janeiro, v.11, n. 2, p. 271-298, maio/ago. 2013.

ANDREOLA, Balduino Antonio. A universidade e o colonialismo denunciado por Fanon, Freire e Sartre. **Cadernos de Educação**, Pelotas, 2007, n. 29, p. 45-72, jul./dez. 2007.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAUJO, Beatriz Pozzobon; REZENDE, Sarah Hiratsuka. A Interface Comunicação e Educação como Resposta Social sobre a Mídia: Olhares sobre o Projeto "Fala, Haiti". *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 40., 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Positivo, 2017.

ARAÚJO, Fabrício. Relatório da ONU aponta que 40% das mulheres que vivem em abrigos em RR já sofreram insultos. **G1**, Boa Vista, 14 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/10/14/relatorio-da-onu-analisa-violencia-contra-brasileiras-e-venezuelanas-em-duas-cidades-de-rr.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2021.

ÁVILA, Otávio Cezarini. **O Haiti em Curitiba: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

ÁVILA, Otávio Cezarini; LIMA, Myrian Del Vecchio de. Uma análise interpretativa sobre as práticas comunicacionais nas construções identitárias dos migrantes haitianos em Curitiba-PR. **Intexto**, Porto Alegre, 2018, n. 41, p. 152-172, jan./abr. 2018.

BABIÉ, B. Migrações Sul-Sul. *In*: CAVALCANTI et al. **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Editora UnB, 2017.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, 2013, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013.

BARREIROS, Isabela. ONU informa que 140 migrantes morreram afogados tentando chegar à Europa. **UOL**, [S.l.], 29 out 2020. Aventuras na História. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/onu-informa-que-140-migrantes-morreram-tentando-chegar-europa.phtml>. Acesso em: 09 jun. 2021.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2005.

BENAZZI, João Renato de Souza Coelho. Consumo de Comida de Migrantes e Identidade: Um Debate a Partir da Perspectiva Multicultural. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., Curitiba. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.

BODENMÜLLER, Luiza da Silva. Venezuelanos em Roraima: Uma Análise Sobre o Perfil da Cobertura da Questão Migratória em Dois Jornais Locais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., Belém. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2019.

BRAGA, José Luiz. A constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 58, 62-77, 2011.

BRASIL. Operação Acolhida. **Histórico**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/historico/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

BRASIL. Portaria nº 630, de 17 de dezembro de 2020. Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa. **Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, edição 241-B, seção 1 - Extra B, p. 1, 17 dez. 2020.

BRIGNOL, Liliane D. Diáspora latino-americana e redes sociais da internet: a vivência de experiências transnacionais. *In*: COGO, D.; ELHAJJI, Mohammed.; HUERTAS, Amparo. (ed.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de Comunicació, Universidad Autònoma de Barcelona, 2012. p. 123-140.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, 2018.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Usos sociais das TICs em dinâmicas de transnacionalismo e comunicação migrante em rede: uma aproximação à diáspora senegalesa no Sul do Brasil. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. v. 12, n. 35, 2015.

BUZZONI, Rachel De Rosso. Vidas deslocadas: dimensões culturais vivenciadas por migrantes no Brasil. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Joinville. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2018.

CÁCERES, Jesús Galindo (Coord.). **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación**. Cidade do México: Pearson Educación, 1998.

CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **La mirada em el centro**. Vida urbana en movimiento. Huella. Cuadernos de divulgación científica, n. 19. Guadalajara: ITESO, 1990.

CALIL, Carlos Augusto. [Entrevista concedida a] Maria Eduarda Nogueira. **Entre viés ideológico e pandemia: cultura no Brasil enfrenta mais um desafio**. ECA USP, São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/noticias/entre-vi-s-ideol-gico-e-pandemia-cultura-no-brasil-enfrenta-mais-um-desafio-0>. Acesso em 09 jun. 2021.

CARDOSO, Fernando Henrique. A reconstrução da política externa brasileira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08 mai. 2020. Opinião. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/a-reconstrucao-da-politica-externa-brasileira.shtml>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CÁRITAS BRASILEIRA. **PROGRAMA PANA PARA ATUAÇÃO COM MIGRANTES E REFUGIADOS**. [s.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <http://caritas.org.br/projeto/3>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CARRO de som incentiva vacinação contra Covid de migrantes em situação de rua em Roraima. **G1**, Boa Vista, 05 nov. 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/11/05/carro-de-som-incentiva-vacinacao-contracovid-de-migrantes-em-situacao-de-rua-em-roraima.gh.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CHAVES, Alan; OLIVEIRA, Valéria; COSTA, Emily. Venezuela fecha fronteira com o Brasil. **G1**, Pacaraima, 21 fev. 2019. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/02/21/venezuela-fecha-fronteira-com-o-brasil.gh.html>. Acesso em: 09 jun. 2021.

COELHO, Larissa. Refugiados e migrantes no Brasil têm menos acesso a políticas de inclusão, diz pesquisa. **CNN Brasil**, São Paulo, 26 ago. 2021. Nacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/refugiados-e-migrantes-no-brasil-tem-menos-acesso-a-politicas-de-inclusao-diz-pesquisa/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a “Fuga” e a “Invasão” - alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, RS, v. 23, n. 1, jan./abr. 2016.

COGO, Denise; BADET, Maria. **Guia das migrações e diversidade cultural para comunicadores migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto de la Comunicación de la UAB/Instituto Humanitas Unisinos, 2013.

COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: Brasília, 2006.

COGO, Denise. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos. *In: Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*. COGO, Denise.; ELHAJJI, Mohammed.; HUERTAS, Amparo. (ed.). Bellaterra: Institut de Comunicació, Universidad Autònoma de Barcelona, 2012. p. 43-65.

COGO, Denise. Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICS. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom**, São Paulo, v. 40, n. 1, 2017.

COGO, Denise. Los Estudios de Recepción en América Latina: perspectivas teóricometodológicas. **Portal de la Comunicación do Institut de la Comunicació (Incom/UAB)**, [s.n.], Barcelona, 10 fev. 2009. Disponível em: http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48_esp.pdf. Acesso em: 19 set. 2020.

COGO, Denise. **Migração é um fenômeno da experiência humana**. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, n. 159, dez. 2018. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585292-migracao-e-um-fenomeno-da-experiencia-humana-entrevista-especial-com-denise-cogo>. Acesso em 14 jun. 2021.

COGO, Denise; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. Imigração Haitiana na cidade de São Paulo - Comunicação e Consumo de mídias no mundo do trabalho. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 40., Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2017.

‘COIOTES’ são presos por cobrar por travessia ilegal de migrantes na fronteira do Brasil com a Venezuela. **G1**, Boa Vista, 11 dez. 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/12/11/coiotes-sao-presos-por-cobrar-por-travessia-ilegal-de-migrantes-na-fronteira-do-brasil-com-a-venezuela.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

COSTA, Nathália Drey; BRIGNOL, Liliane Dutra. Comunicação em rede e webdiáspora: uma aproximação às redes sociais online de migrantes senegaleses no Rio Grande do Sul. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO*, 5., São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ESPM, 2015.

COSTA, Debora; BOHNENBERGER, Pedro. Em meio a pandemia e fronteiras fechadas, o Brasil recebeu 10 mil refugiados por rotas ilegais. **CBN**, [S.l.], 19 jun. 2021. País. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/344525/mesmo-com-fronteiras-fechadas-ha-mais-de-um-ano-pe.htm>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CURIEL, Ochy. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. *In: MENDIA AZKUE, Irantzu; LUXÁN, Marta; LEGARRETA, Matxalen; GUZMÁN, Gloria; ZIRION, Iker; CARBALLO, Jokin (ed.). **Otras formas de (re)conocer**. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación Feminista. Bilbao: Hegoa, 2014. p. 45-60.*

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. **Nómadas**, Bogotá, n. 26, p. 92-101, abr. 2007.

CURIEL, Ochy. Identidades Esencialistas o Construcción de Identidades Políticas. El dilema de las Feministas Negras. **Otras Miradas**, Mérida, v. 2, n. 2, p. 96-113, dez. 2002.

CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre practicas y discursos descolonizadores. 1. ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DA SILVA, Juarez Alexandre. **Comunicação Intercultural, Memória e Identidade: A gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, classe e raça**. Introdução. Boitempo, 2016. Disponível em: <https://we.riseup.net/radfem/mulheres-ra%C3%A7a-e-classeangela-davis+223460>. Acesso em: 09 jun. 2021.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação***. São Paulo: Atlas, 2005. p.62-83.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. Webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva. *In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO (COMPÓS)*, 24., 2015, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Compós, 2015.

ENTRADA de venezuelanos no Brasil em novembro supera total do ano todo. **Folha BV**, Boa Vista, 20 dez. 2021. Cidades. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Entrada-de-venezuelanos-no-Brasil-em-novembro-supera-total-do-ano-todo/82576>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ESCUDERO, Camila. **Comunidades em festa**: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.

ESCUDERO, Camila. Discurso e comunicação de um processo transnacional: a imigração venezuelana para o Brasil. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019.

ESPAÑA, Luis Pedro; PONCE, Maria G. **Encuesta sobre Condiciones de Vida em Venezuela**. Relatório. 2017. Caracas: UCAB, 2018. Disponível em: <https://www.ucab.edu.ve/wp-content/uploads/sites/2/2018/02/ENCOVI-2017-presentaci%C3%B3n-para-difundir-.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

EVARISTO, Conceição. "Vozes-Mulheres". In: EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2008. p. 10-11.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017: Introdução (pp. 23); parte do Capítulo 2 (pp. 167 a 234); e parte do Capítulo 5 (pp. 380 a 407).

FERNANDES, Patrícia Pimenta. **Diáspora na rede: redes sociais e questões identitárias de migrantes haitianos no Brasil**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense.

FERRARI, Maria Aparecida. Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios. In: MOURA, C. P.; FERRARI, M. A. (org.). **Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015.

FERRAZ, Adriana. Serviço ao imigrante em SP ganha reconhecimento da ONU ao recolher refugiados. **Estadão**, [S.l.], 16 nov. 2021. Política. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,servico-ao-imigrante-em-sp-ganha-reconhecimento-da-onu-ao-acolher-refugiados,70003899640>. Acesso em: 10 abr. 2022.

FIGUEIREDO, Janaína. Acuados pela fome, venezuelanos burlam fronteira fechada e engrossam fila de imigrantes sem documentos no Brasil. **O Globo**, [S.l.], 27 fev. 2021. Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/acuados-pela-fome-venezuelanos-burlam-fronteira-fechada-engrossam-fila-de-imigrantes-sem-documentos-no-brasil-24901917>. Acesso em: 19 abr. 2022.

FLECK, Paloma. Polícia resgata três venezuelanos em situação análoga ao trabalho escravo no RS. **GaúchaZH**, [s.l.], 29 out. 2020. Segurança. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/10/policia-resgata-tres-venezuelanos-em-situacao-analoga-ao-trabalho-escravo-no-rs-ckguw554d000l012tyv2v48yh.html>. Acesso em: 09 jun. 2021.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009.

FOME obriga mães a darem os próprios filhos na Venezuela. **BBC**, [S.l.], 17 out. 2018. Internacional. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45888900>. Acesso em: 19 abr. 2022.

FOTO chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. **G1**, São Paulo, 02 set. 2015. Mundo. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>. Acesso em: 09 jun. 2021.

FOTÓGRAFO documenta a entrada de refugiados da Venezuela no Brasil. **EBC**, [S.l.], 11 out. 2021. Espaço Arte. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/espaco-arte/2021/10/fotografo-documenta-entrada-de-refugiados-da-venezuela-no-brasil>. Acesso em: 19 abr. 2022.

GONZALEZ, Amelia. Pesquisa mostra importância do setor de transportes para crescimento das cidades. **G1**, [S.l.], 29 maio 2019. Natureza. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/amelia-gonzalez/post/2019/05/29/pesquisamostra-importancia-do-setor-de-transportes-para-crescimento-das-cidades.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2019

FREIRE, Ana Isabel. **#TeamRefugees** - A midiaticização da questão dos refugiados nos Jogos Rio. 2016: um estudo de caso sobre o “Refugee Olympic Team”. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

GADELHA, Alcinete. Número de imigrantes volta a crescer no interior do Acre e prefeito pede ajuda ao governo: 'Cidade exausta'. **G1**, Rio Branco, 27 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/10/27/numero-de-imigrantes-volta-a-crescer-no-interior-do-acre-e-prefeito-pede-ajuda-ao-governo-cidade-exausta.ghtml>. Acesso em 09 de jun. de 2021.

GIL, Carmen Gregorio. La categoría de género a la luz del parentesco em el análisis de las migraciones transnacionales. **Anuario Americanista Europeo**, Madrid, n.11, p. 11-29, 2013.

GIL, Carmen Gregorio. Mujeres inmigrantes: Colonizando sus cuerpos mediante fronteras procreativas, étnico-culturales, sexuales y reproductivas. **Viento Sur**, Espanha, n.104, p.42-54, jul. 2009.

GLOBO divulga detalhes de novela sobre refugiados sírios, 'Orfãos da Terra'. **Emais Estadão**, São Paulo, 21 jan. 2019. TV. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/tv,globo-divulga-detalhes-de-novela-sobre-refugiados-sirios-orfaos-da-terra,70002688648>. Acesso em 09 jun. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas* [online], vol. 18, n. 1, p. 65-82 jan./abr. 2018.

GOMES, Luiz Henrique. Uma em cada três venezuelanas no Brasil não conseguem emprego, diz estudo da ONU. **Estadão**, [S.l.], 08 dez. 2021. Brasil. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,uma-em-cada-tres-venezuelanas-no-brasil-nao-consegue-emprego-diz-estudo-da-onu,70003920045>. Acesso em: 10 abr. 2022.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. La Plata: Universidad Nacional de la Plata/IMDEC, 2000.

GOVERNO italiano flexibiliza rígidas medidas anti-imigração de Salvini. **Veja**, [S.l.], 06 out. 2020. Mundo. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/governo-italiano-flexibiliza-rigiditas-medidas-anti-imigracao-de-salvini/>. Acesso em 09 jun. 2021.

GOVERNO inaugura espaço para atendimento a refugiados e migrantes em Belém. **G1**, Belém, 27 maio 2021. Pará. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/05/27/governo-inaugura-espaco-para-atendimento-a-refugiados-e-migrantes-em-belem.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

GRISA, Jairo Ângelo. **Histórias de ouvintes**. A audiência popular no rádio. Itajaí: Univali, 2003.

HAFIZ, Mariana; BRAVIN, Mateus. Crise atual de refugiados é a maior desde 1949. **Comciência**, [S.l.], n. 16, 08 abr. 2020. Reportagem. Disponível em: <https://www.comciencia.br/crise-atual-de-refugiados-e-a-maior-desde-1949/>. Acesso em 09 jun. 2021.

HALL, Stuart. **O Ocidente e o Resto**: Discurso e Poder. Tradução: Carla D'Elia. In: Projeto História, São Paulo, n. 56, p. 314-361, maio/ago. 2016. Título original: The West and the Rest: Discourse and Power. *Modernity: An Introduction to Modern Societies*.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio/Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T. da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007.

HELENE, Diana. Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 21, n. 46, p. 951-974, dez. 2019.

HONÓRIO, Gustavo. Brasil tem mais de 57 mil pessoas reconhecidas como refugiadas, aponta relatório do Conare. **G1**, São Paulo, 19 ago. 2021. São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/19/brasil-tem-mais-de-57-mil-pessoas-reconhecidas-como-refugiadas-aponta-relatorio-do-conare.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. **Cidades e Estados**: Roraima/Boa Vista, 2020, [S.l.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/.html?>. Acesso em 09 jun. 2021.

IMIGRAÇÃO haitiana no Brasil. **Mundo Educação**, [S.l.], 2020. Geografia. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/imigracao-haitiana-no-brasil.htm#:~:text=A%20imigra%C3%A7%C3%A3o%20haitiana%20no%20Brasil,e%20econ%C3%B4mica%20vvida%20no%20Haiti.&text=Esse%20terremoto%20devastou%20o%20pa%C3%ADs>. Acesso em 09 jun. 2021.

IMIGRANTES buscam formas de regularizar residência no país. **Folha BV**, Boa Vista, 30 jul. 2021. Cidades. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Imigrantes-buscam-formas-de-regularizar-residencia-no-pais/78394>. Acesso em: 19 abr. 2022.

IMIGRANTES indígenas começam a ser vacinados contra a covid. **Folha BV**, Boa Vista, 19 jun. 2021. Cidades. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Imigrantes-indigenas-comecam-a-ser-vacinados-contr-a-covid/77112>. Acesso em: 19 abr. 2022.

INFLAÇÃO da Venezuela supera 1.000.000% ao mês. **G1**, [S.l.], 10 dez. 2018. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/10/inflacao-em-12-meses-da-venezuela-supera-1000000.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2022.

INICIATIVA da Acnur estimula empresas a contratar refugiados no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, 23 jun. 2021. Direitos Humanos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-06/iniciativa-da-acnur-estimula-empresas-contratar-refugiados-no-brasil>. Acesso em: 19 abr. 2022.

JANONE, Lucas. Refugiados venezuelanos ganham até quatro vezes menos que brasileiros. **CNN Brasil**, [S.l.], 08 dez. 2021. Business. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/refugiados-venezuelanos-ganham-ate-quatro-vezes-menos-que-brasileiros/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

JANSEN, Roberta. Metade dos venezuelanos que vivem no Brasil perdeu emprego ou renda na pandemia, diz estudo. **Estadão**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2021. Saúde. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,metade-dos-venezuelanos-no-brasil-perdeu-emprego-durante-pandemia,70003697451>. Acesso em: 10 abr. 2022.

JESUS, Sidney de. Refugiados venezuelanos chegam no RS em busca de uma nova vida. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 19 jan. 2021. Geral. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/refugiados-venezuelanos-chegam-no-rs-em-busca-de-uma-nova-vida-1.557204>. Acesso em: 19 abr. 2022.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli *et al.* (org.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAGE, Nilson; COSTA, Edwaldo. A Crise dos Migrantes e Refugiados Venezuelanos na Imprensa Brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., Belém, 2019. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2019.

LAGO, C.; MARTINS, F.; NONATO, C. A alteridade na Educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 54-65, 30 dez. 2019.

LAGO, Cláudia. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2. ed., 2007. p. 48-66

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. *In*: LANDER, Edgardo. (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de; SILVA, Andrea Rosendo da; ÁVILA, Otávio Cezarini. Aspectos da representação dos imigrantes haitianos no jornal Gazeta do Povo, de Curitiba/PR. **Intexto**, Porto Alegre, n. 35, p. 51-75, jan./abr. 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. *In*: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Ed. 6. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

LUGONES, Maria. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

LUIZA Brunet visita refugiados venezuelanos em Roraima. **G1**, Boa Vista, 05 jun. 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/06/05/luiza-brunet-visita-refugiados-venezuelanos-em-roraima.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MADURO anuncia aumento de 300% no salário mínimo na Venezuela. **G1**, [S.l.], 14 jan. 2019. Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/01/14/maduro-anuncia-aumento-de-300-no-salario-minimo-na-venezuela.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MAIS de 19 mil venezuelanos receberam novas oportunidades de vida no Brasil. **Governo do Brasil**, [S.l.], 15 jan. 2021. Cidadania e Assistência Social. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/01/mais-de-19-mil-venezuelanos-receberam-novas-oportunidades-de-vida-no-brasil>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Braziliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os Exercício do Ver**: Hegemonia Audiovisual, FicçãoTelevisiva. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. [Entrevista cedida a] Mariluce Moura. **Revista Fapesp**, São Paulo, ed. 163, set. 2009a. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009b.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Thays. Fome, desemprego e medo: as dificuldades enfrentadas por refugiados no Brasil. **Correio Braziliense**, [S.l.], 11 jul. 2021. Brasil. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2021/07/4936347-fome-desemprego-e-medo-as-dificuldades-enfrentadas-por-refugiados-no-brasil.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MATO, Daniel. Más allá de la Academia: estudios culturales y prácticas interculturales. **Educación & Realidade**, Porto Alegre, v.44, n.4, p. 1-13, 2019.

MATOS, Gabriela de (org.) **Arquitetas Negras**. Vol. 1. Manifesto. Belo Horizonte, 2019.

MÉDICOS se voluntariam para ajudar imigrantes em situação de rua. **Folha BV**, Boa Vista, 21 out. 2021. Cidades. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Medicos-se-voluntariam-para-ajudar-imigrantes-em-situacao-de-rua/80846>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MELLO, Patrícia Campos. Polícia invade abrigo de refugiados e detém freira em Roraima. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 mar. 2021. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/policia-invade-abrigo-de-refugiados-e-detem-freira-em-roraima.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MELLO, Patricia Campos. Número de refugiados venezuelanos desabrigados explode na fronteira brasileira. **Folha de São Paulo**, Pacaraima, 12 set. 2021. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/numero-de-refugiados-venezuelanos-desabrigados-explode-na-fronteira-brasileira.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MIGRAÇÃO venezuelana em Roraima é tema de documentário produzido pela Cáritas. **G1**, Boa Vista, 16 set. 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/09/16/migracao-venezuelana-em-roraima-e-tema-de-documentario-produzido-pela-caritas.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MIGRAMUNDO. **Conheça ONGs que apoiam migrantes e refugiados no Brasil e aceitam voluntários**. [S.l.], 28 ago. 2019. Disponível em: <https://migramundo.com/conheca-ongs-que-apoiam-migrantes-e-refugiados-no-brasil-e-aceitam-voluntarios/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MIGRANTES mais ativos no mercado de trabalho em Portugal do que população nativa. **Observador**, Portugal, 19 out. 2020. Sociedade. Disponível em: <https://observador.pt/2020/10/19/migrantes-mais-ativos-no-mercado-de-trabalho-em-portugal-do-que-populacao-nativa/>. Acesso em 09 jun. 2021.

MIGRANTES provocam aglomeração em Pacaraima. **Folha BV**, Pacaraima, 02 set. 2021. Cidades. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Interior/Migrantes-provocam-aglomeracao-em-Pacaraima/79444>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MIGRANTES venezuelanos são vacinados contra a Covid-19 em Roraima. **G1**, Boa Vista, 05 ago. 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/08/05/migrantes-venezuelanos-sao-vacinados-contra-a-covid-19-em-roraima.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MODA, Ana Beatriz. 'Não quero ter que pedir dinheiro': o drama das indígenas venezuelanas refugiadas em Belém. **O Globo**, Belém, 26 jul. 2021. Celina. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/nao-quer-que-pedir-dinheiro-drama-das-indigenas-venezuelanas-refugiadas-em-belem-25100494>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MOHOR, Daniela. Crise migratória sem precedentes dispara na América Latina. **CNN Brasil**, [S.l.], 15 out. 2021. Internacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/crise-migratoria-sem-precedentes-dispara-na-america-latina/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MONTEL, Ana Lucia. Imigrantes dormem na rua em Boa Vista, capital de Roraima, por falta de abrigos. **Brasil de Fato**, [S.l.], 09 ago. 2021. Direitos Humanos. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/09/imigrantes-dormem-na-rua-em-boavista-capital-de-roraima-por-falta-de-abrigos>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOREIRA, Sônia Virgínia; SOUSA, Monica C. P.; FORTUNA, Vânia. Imigrantes sem voz: A produção de silêncio na cobertura jornalística das manifestações anti-imigração. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 38, n. 2, p. 23-35, ago./nov. 2019.

MOTA, Camilla Veras. POR QUE O REAL É A MOEDA QUE MAIS SE DESVALORIZOU EM 2020. **BBC**, São Paulo, 15 out. 2020. Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54549137>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MULLER, Karla Maria; RADDATZ, Vera Lúcia Spacil; STRASSBURGER, Tabita. Mídia e fronteiras: primeiras discussões sobre a cartografia desses estudos no Brasil. **Revista Intexto**, Porto Alegre, Edição Especial 20 anos do PPGCOM-UFRGS, n. 34, p. 385-400, set./dez. 2015.

MUXI, Zaida. **Mujeres, casas y ciudades** – Más allá del umbral. Barcelona: DPR, 2018.

NETTO, Sylvestre Luiz Thomaz Gonçalves. **Mediações comunicativas de empatia e resiliência no senso de pertencimento dos imigrantes bolivianos de São Paulo**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, 2019.

NOVO abrigo de imigrantes venezuelanos irá acolher 800 pessoas. **Folha BV**, Boa Vista, 12 jul. 2021. Cidades. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Novo-abrigo-de-imigrantes-venezuelanos-ira-acolher-800-pessoas/77863>. Acesso em: 19 abr. 2022.

NUNES, Carlos Eduardo. BORGES, Gabriela. A telenovela como terreno fértil para entender a atualidade: a representação dos refugiados em Órfãos da Terra. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019.

O QUE levou a Venezuela ao colapso econômico e à maior crise de sua história. **G1**, [S.l.], 22 out. 2018. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/22/o-que-levou-a-venezuela-ao-colapso-economico-e-a-maior-crise-de-sua-historia.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ÓDIO a imigrantes venezuelanos se espalha pela América Latina. **Correio Braziliense**, Caracas, 15 maio 2021. Mundo. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/mundo/2021/05/4924747-odio-a-imigrantes-venezuelanos-se-espalha-pela-america-latina.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

OIM – ORGANIZAÇÃO INTERACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Informe desabrigados de Pacaraima**. [S.l.], OIM, 2020. Disponível em:

<https://brazil.iom.int/sites/default/files/Publications/OIM-1020-informe-desabrigados-pacaraima-reduzido.pdf?fbclid=IwAR3JzXbh0eOQ94zZvUcspaef2GG1cTSBuOjmGs1DjykTBLq5CaA7v-d2qtg>. Acesso em: 20 dez. 2020.

OIM – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **O propósito da OIM (A propósito de la OIM)**. [S.l.], OIM, 2020. Documento eletrônico. Disponível em:

<https://www.iom.int/es/proposito-de-la-oim>. Acesso em: 09 jun. 2021.

OIM BRASIL – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Informe da migração venezuelana**. Disponível em:

https://brazil.iom.int/sites/default/files/Publications/OIM-informe-migracao-venezuelana-2017-2020.pdf?fbclid=IwAR1o-VbIPLBBNppzRp2QwVExu_FqMTs1bLa3I7GAgGulMfnJ6c7-g_MJRTs. Acesso em 20 dez. 2020.

OLIVEIRA, Priscilla Silva de. **Comunicação, representações e migração feminina: um estudo de caso do grupo de rappers bolivianas Santa Mala**. São Paulo, 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2018.

OLIVEIRA, Valéria; RAMALHO, Yara. Impulsionado pela migração de venezuelanos, Roraima tem maior crescimento populacional do país. **G1**, Boa Vista, 27 ago. 2021. Roraima. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/08/27/impulsionado-pela-migracao-de-venezuelanos-roraima-tem-maior-crescimento-populacional-do-pais.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

OLIVEIRA, Suzanne. Migrantes venezuelanos lotam ruas de Pacaraima, em RR, após flexibilização na fronteira. **G1**, Boa Vista, 14 jul. 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/07/14/migrantes-venezuelanos-lotam-ruas-de-pacaraima-em-rr-apos-flexibilizacao-na-fronteira-video.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ONG faz atendimento a refugiados e migrantes venezuelanos. **Folha BV**, Boa Vista, 07 abr. 2021. Cidades. Disponível em:

<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Ong-faz-atendimento-a-refugiados-e-migrantes-venezuelanos/74789>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ONU informa que 2,7 milhões de venezuelanos já deixaram seu país desde 2015. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 22 fev. 2019. Internacional. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/02/22/interna_internacional,1032816/onu-informa-que-2-7-milhoes-de-venezuelanos-ja-deixaram-seu-pais-desde.shtml. Acesso em: 20 abr. 2022.

ONU MULHERES. **SOBRE A ONU MULHERES**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

OPERAÇÃO Acolhida já interiorizou mais de 56 mil venezuelanos refugiados. CNN Brasil, [S.l.], 21 ago. 2021. Nacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/operacao-acolhida-ja-interiorizou-mais-de-56-mil-venezuelanos-refugiados/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

OPERAÇÃO Acolhida nega restrição de entrada de migrantes na fronteira. **Folha BV**, Pacaraima, 11 jul. 2021. Cidades. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Interior/Operacao-Acolhida-nega-restricao-de-entrada-de-migrantes-na-fronteira/77814>. Acesso em: 19 abr. 2022.

OPERAÇÃO da PF investiga esquema de migração ilegal para os Estados Unidos. **G1**, Espírito Santo, 28 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/10/28/operacao-da-pf-investiga-esquema-de-migracao-ilegal-para-os-estados-unidos.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2021.

ORTIZ, Brenda. Pandemia de Covid-19 dificulta acolhida de refugiados venezuelanos em Brasília. **G1**, [S.l.], 11 jan. 2021. Distrito Federal. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/01/11/pandemia-de-covid-19-dificulta-acolhida-de-refugiados-venezuelanos-em-brasil.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

PACARAIMA (RR) tem protestos contra a entrada de venezuelanos. **G1**, [S.l.], 10 fev. 2020. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/02/10/pacaraima-rr-tem-protestos-contra-a-entrada-de-venezuelanos.ghtml>. Acesso: 09 jun. 2021.

PARAGUASSU, Fernanda. Interculturalidade e Invisibilidade: a Criança Refugiada no Contexto Intercultural. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2019.

PASSARO, Matheus Alves. **Retratos da migração transnacional na cidade de São Paulo**: um estudo sobre o consumo imagético da exposição fotográfica "Somos Todos Imigrantes". 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2017.

PEREIRA, Gabriela Leandro. O exercício de atravessar a cidade pela narrativa de Carolina Maria de Jesus. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL: ESPAÇO, PLANEJAMENTO E INSURGÊNCIA, 16., 2015, Belo Horizonte. **Anais** [...]. [S.l.], 2015.

PERES, Edis Henrique. Exposição fotográfica traz a história de refugiados venezuelanos no Brasil. **Correio Braziliense**, [S.l.], 28 set. 2021. Cidades. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2021/09/4952184-exposicao-fotografica-traz-a-historia-de-refugiados-venezuelanos-no-brasil.html>. Acesso em: 19 abr. 2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

PINUSA, Samuel. Grupo de venezuelanos refugiados no Ceará se abriga em Itapipoca, após passar por Iguatu. **G1**, [S.l.], 09 abr. 2021. Ceará. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/04/09/grupo-de-venezuelanos-refugiados-no-ceara-se-abriga-em-itapipoca-apos-passar-por-iguatu.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

PRAZERES, Leandro. Justiça Federal proíbe deportação de imigrantes venezuelanos vulneráveis em Roraima. **O Globo**, Brasília, 22 mar. 2021. Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/justica-federal-proibe-deportacao-de-imigrantes-venezuelanos-vulneraveis-em-roraima-24936321>. Acesso em: 19 abr. 2022.

PROGRAMA da ONU ajuda venezuelanas a refazer a vida no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, 07 mar. 2021. Internacional. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-03/programa-da-onu-ajuda-venezuelanas-refazer-vida-no-brasil>. Acesso em: 19 abr. 2022.

PROJETO Orinoco já ofertou 1,5 milhão de litros de água tratada a migrantes em situação de rua em Roraima. **G1**, Boa Vista, 05 maio 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/05/projeto-orinoco-ja-ofertou-15-milhao-de-litros-de-agua-tratada-a-migrantes-em-situacao-de-rua-em-roraima.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

QUASE 650 mil venezuelanos migraram para o Brasil desde 2017. **Folha BV**, Boa Vista, 26 out. 2021. Cidades. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Quase-650-mil-venezuelanos-migraram-para-o-Brasil-desde-2017/80970>. Acesso em: 19 abr. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.

R4V. **PLATAFORMA DE COORDINACIÓN INTERAGENCIAL PARA REFUGIADOS Y MIGRANTES**. PLATAFORMA REGIONAL DE COORDENAÇÃO, [s.l.]. Disponível em: <https://r4v.info/es/situations/platform/location/7509>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica** - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

ROCHA, Camilo. O impacto do coronavírus na cultura. E o papel dos governos. **Nexo**, [S.l.], 21 mar. 2020. Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/21/O-impacto-do-coronav%C3%ADrus-na-cultura.-E-o-papel-dos-governos>. Acesso em 09 jun. 2021.

REBOUÇAS, Aline. Um mapeamento da pesquisa sobre migração e comunicação no Brasil. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 42., 2019, Belém. **Anais** [...] São Paulo: Intercom, 2019.

REFUGIADOS venezuelanos no Ceará recebem documentação para serviços de saúde e educação. **G1**, [S.l.], 04 jun. 2021. Ceará. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/06/04/refugiados-venezuelanos-no-ceara-recebem-documentacao-para-servicos-de-saude-e-educacao.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

REUNIÃO decide que não haverá carnaval de rua no Rio em 2021. **G1**, [S.l.], 29 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2021/noticia/2020/10/29/reuniao-decide-que-nao-havera-carnaval-de-rua-no-rio-em-2021.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017. E-book. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2019/08/ribeiro-o-que-ecc81-lugar-de-fala.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

RODRIGUES, Caíque. Venezuelanos passam noite nas ruas e enfrentam longas filas por regularização no Brasil. **G1**, Boa Vista, 25 jul. 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/07/25/venezuelanos-passam-noite-nas-ruas-e-enfrentam-longas-filas-por-regularizacao-no-brasil-desastroso.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2022.

RODRIGUES, Caíque. Venezuelanos que emigram para o Brasil passam fome e vivem nas ruas em Roraima. **G1**, Boa Vista, 29 ago. 2021. Roraima. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/08/29/nao-temos-um-real-sequer-temos-fome-venezuelanos-que-tentam-vida-melhor-no-brasil-sofrem-para-encontrar-o-que-comer.ghtml>. Acesso em:

RODRIGUES, Léo. Interiorização é esperança para mais de 50 mil venezuelanos no Brasil. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2021. Direitos Humanos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-04/interiorizacao-e-esperanca-para-mais-de-50-mil-venezuelanos-no-brasil>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROSAS, Carolina. Discusiones, voces y silencios em torno a las migraciones de mujeres y varones latinoamericanos. Notas para una agenda analítica y política. *Anuario Americanista Europeu*, Madrid, n.11, p.127-148, 2013.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**. Bauru: EDUSC, 2001.

SCORCE, Carol. Brasil abandona Pacto Internacional de Migração na ONU. **Carta Capital**, [S.l.], 09 jan. 2019. Diversidade. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/brasil-abandona-pacto-internacional-de-migracao-na-onu/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SHIVA, Vandana. Abrazar la vida. **Mujer, ecología y desarrollo**. Cuadernos Inacabados. Madrid: Editorial Horas y Horas, 1995.

SILVA, Daniel Neves. Crise na Venezuela. **Mundo Educação**, [S.l.], 2020. História da América. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/crise-na-venezuela.htm>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SILVA, Edna Fátima Pereira da. Um ano de interiorização dos venezuelanos no Brasil: xenofobia e fake news enquanto batalhas invisíveis dos refugiados. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2019.

SILVA, Hélio R. S. A Situação Etnográfica: Andar e Ver. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, 2009.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Daniel. Fome no Brasil: em 5 anos, cresce em 3 milhões o nº de pessoas em situação de insegurança alimentar grave, diz IBGE. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/09/17/fome-no-brasil-em-5-anos-cresce-em-3-milhoes-o-no-de-pessoas-em-situacao-de-inseguranca-alimentar-grave-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 09 jun. 2021.

SILVEIRA, Daniel. Preço da cesta básica tem alta em setembro em todas as 17 capitais pesquisadas pelo Dieese. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/06/preco-da-cesta-basica-tem-alta-em-setembro-em-todas-as-17-capitais-pesquisadas-pelo-dieese.ghtml>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SOUZA, Sirlei de. **Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016)**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, Sirlei de. Uma análise da construção da multiterritorialidade: os imigrantes haitianos em Joinville (SC). **Revista Comunicação & Sociedade**. v. 41, n. 2, p. 29-59, maio/ago. 2019.

SOUZA, Sirlei de; BARBOSA, Marialva Carlos. Imigração haitiana em Joinville (SC): uma análise das construções discursivas da imprensa. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Revista Estudos Feministas** [online], v. 14, n.1, p.15-42, 2006.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge.; BARROS, Antônio. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

THEODORO, Hadriel Geovani da Silva; COGO, Denise. DA DIÁSPORA QUEER: entre (in)visibilidades sociocomunicacionais e o exercício de cidadania. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 17., 2018, Minas Gerais. **Anais** [...]. Brasília: Compós, 2018.

THEODORO, Hadriel; COGO, Denise. Fluxos migratórios, comunicação e cidadania: vivências de imigrantes LGBT na cidade de São Paulo. **Revista Intexto**, Porto Alegre, n. 44, p. 57-73, jan./abr. 2019.

TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda. Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 22., 2013, Salvador. **Anais** [...]. Brasília: Compós, 2013.

UNICEF – FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Crise migratória venezuelana no Brasil**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 09 jun. 2021.

UNICEF – FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **O QUE FAZEMOS?**, [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/o-que-fazemos>. Acesso em: 16 jun. 2021.

VALDIVIA, Blanca. Del urbanismo androcéntrico a la ciudad cuidadora. **Hábitat y Sociedad**, Sevilla, n. 11, p. 65-84, 2018.

VEÍCULOS estrangeiros retratam postura de Bolsonaro em charges. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 maio 2020. Poder. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/veiculos-estrangeiros-retratam-postura-de-bolsonaro-em-charges.shtml>. Acesso em: 09 jun. 2021.

VENEZUELANOS sofrem discriminação em diferentes países da América Latina. **Estadão**, Bogotá, 22 maio 2021. Internacional. Disponível em: <https://internacional.estado.com.br/noticias/geral,venezuelanos-sofrem-discriminacao-em-diferentes-paises-da-america-latina,70003717956>. Acesso em: 10 abr. 2022.

VERDÉLIO, Andreia. Governo libera R\$ 6,5 milhões para acolher imigrantes e refugiados. **Agência Brasil**, Brasília, 12 jul. 2021. Geral. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-07/governo-libera-r-65-milhoes-para-acolher-imigrantes-e-refugiados>. Acesso em: 19 abr. 2022.

VILELA, Rosário Sanchez. Técnica, método e teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção. *In*: JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa; VILELA, Rosário. (org.). **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

VILELA, Pedro Rafael. Em Roraima, presidente visita abrigo de imigrantes venezuelanos. **Agência Brasil**, Brasília, 26 out. 2021. Política. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-10/em-roraima-presidente-visita-abrigo-de-imigrantes-venezuelanos>. Acesso em: 19 abr. 2022.

VOLUME de migrantes aumenta na fronteira de Pacaraima. **Folha BV**, Boa Vista, 10 jul. 2021. Cidades. Disponível em:

<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Interior/Volume-de-migrantes-aumenta-na-fronteira-de-Pacaraima/77787>. Acesso em: 19 abr. 2022.

ZANFORLIN, Sofia. COGO, Denise. Mídia, migrações e cidadania possível: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi. Trabalho apresentado ao Grupo de Comunicação e Cidadania do **XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero**, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017.

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti. #meuamigorefugiado: Experiências de Cosmopolitismo e Mobilização Midiática da Empatia. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 1, p. 30-48, abr./jul. 2018.

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti; COGO, Denise Maria. Mídia, mobilidade e cidadania no contexto do capitalismo global: reflexões a partir da trajetória de um refugiado sírio. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 17, n. 1, p. 7-28, jan./abr. 2019.

ZANINI, Fabio. Candidatos a prefeito em Boa Vista usam retórica anti-venezuelanos em campanha. **Folha de S. Paulo**, [S.l.], 14 out. 2020. Mundo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/candidato-a-prefeito-em-boa-vista-promete-fim-de-privilegios-de-venezuelanos.shtml>. Acesso em: 09 jun. 2021.

APÊNDICE A - PORTARIAS BRASILEIRAS (A PARTIR DE MARÇO DE 2020)

Portaria	Data de Publicação	Ementa	Observações
Portaria 120/2020	18/3/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros oriundos da República Bolivariana da Venezuela, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	Específica para a Venezuela.
Portaria 149/2020	26/3/2020	Dispõe sobre restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 152/2020).
Portaria 152/2020	27/3/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 203/2020).
Portaria 158/2020	31/3/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros provenientes da República Bolivariana da Venezuela, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	Específica para a Venezuela. (Revogada pela Portaria 204/2020).
Portaria 203/2020	28/4/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, por via aérea, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 255/2020).
Portaria 204/2020	29/4/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, por via terrestre, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 255/2020).
Portaria 255/2020	22/5/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 340/2020).
Portaria 319/2020	20/6/2020	Prorroga, pelo prazo de quinze dias, a restrição excepcional e temporária de entrada no País, nos termos do disposto no parágrafo único do art. 2º da Portaria Interministerial nº 255, de 22 de maio de 2020	(Revogada pela Portaria 340/2020).

Portaria 340/2020	30/6/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 1/2020).
Portaria 1/2020	29/7/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 419/2020).
Portaria 419/2020	26/8/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 456/2020).
Portaria 456/2020	24/9/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 470/2020).
Portaria 470/2020	10/5/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 478/2020).
Portaria 518/2020	11/12/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 615/2020).
Portaria 615/2020	12/11/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 630/2020).
Portaria 630/2020	17/12/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 648/2020).
Portaria 648/2020	23/12/2020	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	(Revogada pela Portaria 651/2021).
Portaria 652/2021	25/1/2021	Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa.	Possibilidade de acolhida e documentação, a partir de autorização.

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE B - APRESENTAÇÃO DO CORPUS DO ESTADO DA ARTE

TIPO TEMA	TÍTULO FONTE	AUTOR/A ANO
Dissertação Representação midiática e consumo de mídia	Comunicação, representações e migração feminina: um estudo de caso do grupo de rappers bolivianas Santa Mala <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP)</i>	OLIVEIRA, Priscilla Silva de, 2018
Dissertação Consumo de mídia e representação midiática	Retratos da migração transnacional na cidade de São Paulo: um estudo sobre o consumo imagético da exposição fotográfica "Somos Todos Imigrantes" <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP)</i>	PASSARO, Matheus Alves, 2017
Tese Identidades culturais e representação midiática	Narrativas imigrantes: tramas comunicacionais e tensões da imigração haitiana em Joinville/SC (2010-2016) <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)</i>	SOUZA, Sirlei de, 2019
Tese Identidades culturais	Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)</i>	ESCUADERO, Camila, 2017
Dissertação Representação midiática	#TeamRefugees - A midiaticização da questão dos refugiados nos Jogos Rio 2016: um estudo de caso sobre o "Refugee Olympic Team" <i>Universidade Federal do Piauí (UFPI)</i>	FREIRE, Ana Isabel, 2018
Dissertação Identidades culturais	Diáspora na rede: redes sociais e questões identitárias de migrantes haitianos no Brasil <i>Universidade Federal Fluminense (UFF)</i>	FERNANDES, Patrícia Pimenta, 2017
Dissertação Identidades culturais	Comunicação Intercultural, Memória e Identidade: a gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista <i>Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)</i>	DA SILVA, Juarez Alexandre, 2019
Dissertação Identidades culturais e representação midiática	Mediações comunicativas de empatia e resiliência no senso de pertencimento dos imigrantes bolivianos de São Paulo <i>Universidade Paulista (UNIP)</i>	NETTO, Sylvestre Luiz Thomaz Gonçalves, 2019
Dissertação Identidades culturais	O Haiti em Curitiba: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território <i>Universidade Federal do Paraná (UFPR)</i>	ÁVILA, Otávio Cezarini, 2016
Artigo de Periódico Consumo de mídia	Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICS <i>Revista Intercom</i>	COGO, Denise, 2017

TIPO TEMA	TÍTULO FONTE	AUTOR/A ANO
Artigo de Periódico Consumo de mídia	Usos sociais das TICs em dinâmicas de transnacionalismo e comunicação migrante em rede: uma aproximação à diáspora senegalesa no Sul do Brasil Revista Comunicação, Mídia e Consumo	BRIGNOL, Liliane Dutra, 2015
Artigo de Periódico Identidades culturais e representação midiática	Uma análise da construção da multiterritorialidade: os imigrantes haitianos em Joinville (SC) Revista Comunicação e Sociedade	SOUZA, Sirlei de, 2019
Artigo de Periódico Consumo de mídia	Imigração haitiana na cidade de São Paulo: comunicação e consumo de mídias no mundo do trabalho Revista Comunicação Midiática	ALMEIDA, Cristovão Domingos; COGO, Denise, 2018
Artigo de Periódico Representação midiática	Imigrantes sem voz: A produção de silêncio na cobertura jornalística das manifestações anti-imigração Revista Contracampo	MOREIRA, Sônia Virgínia; SOUSA, Monica C. P.; FORTUNA, Vânia, 2019
Artigo de Periódico Identidades culturais e representação midiática	#meuamigorefugiado: Experiências de Cosmopolitismo e Mobilização Midiática da Empatia Revista Contracampo	ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti, 2018
Artigo de Periódico Comunicação e cidadania	Mídia, mobilidade e cidadania no contexto do capitalismo global: reflexões a partir da trajetória de um refugiado sírio Contemporânea	ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti; COGO, Denise Maria, 2019
Artigo de Periódico Identidades culturais	Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias Revista Intexto	BRIGNOL, Liliane Dutra, 2018
Artigo de Periódico Identidades culturais e consumo de mídia	Mídia e fronteiras: primeiras discussões sobre a cartografia desses estudos no Brasil Revista Intexto	MULLER, Karla Maria; RADDATZ, Vera Lúcia Spacil; STRASSBURGER, Tabita, 2015
Artigo de Periódico Identidades culturais e comunicação e cidadania	Uma análise interpretativa sobre as práticas comunicacionais nas construções identitárias dos migrantes haitianos em Curitiba-PR Revista Intexto	ÁVILA, Otávio Cezarini; LIMA, Myrian Del Vecchio de, 2018
Artigo de Periódico Representação midiática	Aspectos da representação dos imigrantes haitianos no jornal Gazeta do Povo, de Curitiba/PR Revista Intexto	LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de; SILVA, Andrea Rosendo da; ÁVILA, Otávio Cezarini, 2016

TIPO TEMA	TÍTULO FONTE	AUTOR/A ANO
Artigo de Periódico Comunicação e cidadania	Fluxos migratórios, comunicação e cidadania: vivências de imigrantes LGBT na cidade de São Paulo Revista Intexto	THEODORO, Hadriel; COGO, Denise, 2019
Artigo de Evento Comunicação e cidadania	Da Diáspora Queer: entre (in)visibilidades sociocomunicacionais e o exercício de cidadania Compós	THEODORO, Hadriel Geovani da Silva; COGO, Denise, 2018
Artigo de Evento Comunicação e cidadania	Mídia, alteridade e cidadania da imigração haitiana no Brasil Compós	COGO, Denise; SILVA, Terezinha, 2015
Artigo de Evento Consumo de mídia	Webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva Compós	ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila, 2015
Artigo de Evento Representação midiática	Discurso e comunicação de um processo transnacional: a imigração venezuelana para o Brasil Intercom	ESCUDERO, Camila, 2019
Artigo de Evento Identidades culturais	Interculturalidade e Invisibilidade: a Criança Refugiada no Contexto Intercultural Intercom	PARAGUASSU, Fernanda, 2019
Artigo de Evento Representação midiática	Um ano de interiorização dos venezuelanos no Brasil: xenofobia e fake news enquanto batalhas invisíveis dos refugiados Intercom	SILVA, Edna Fátima Pereira da, 2019
Artigo de Evento Representação midiática	A Crise dos Migrantes e Refugiados Venezuelanos na Imprensa Brasileira Intercom	LAGE, Nilson; COSTA, Edwaldo, 2019
Artigo de Evento Consumo de mídia e representação midiática	Rádio Web e Migrações: protagonismos, dilemas e provocações Intercom	ALMEIDA, Cristóvão Domingos de, 2019
Artigo de Evento Comunicação e migração	Um mapeamento da pesquisa sobre migração e comunicação no Brasil Intercom	REBOUÇAS, Aline, 2019
Artigo de Evento Representação midiática	A telenovela como terreno fértil para entender a atualidade: a representação dos refugiados em Órfãos da Terra Intercom	NUNES, Carlos Eduardo; BORGES, Gabriela, 2019
Artigo de Evento Representação midiática	Venezuelanos em Roraima: Uma Análise Sobre o Perfil da Cobertura da Questão Migratória em Dois Jornais Locais Intercom	BODENMÜLLER, Luiza da Silva, 2019

TIPO TEMA	TÍTULO FONTE	AUTOR/A ANO
Artigo de Evento Identidades culturais	Vidas deslocadas: dimensões culturais vivenciadas por migrantes no Brasil Intercom	BUZZONI, Rachel De Rosso, 2018
Artigo de Evento Identidades culturais e representação midiática	O uso da câmera de vídeo na observação-ação-participativa: por uma ressignificação comunitária de refugiados venezuelanos em situação de abrigo em Boa Vista/Roraima Intercom	AGUIAR, Lisiane Machado; ALMEIDA, Tainá Aragão de, 2018
Artigo de Evento Identidades culturais	Consumo de Comida de Migrantes e Identidade: Um Debate a Partir da Perspectiva Multicultural Intercom	BENZAZZI, João Renato de Souza Coelho, 2017
Artigo de Evento Identidades culturais e representação midiática	A Interface Comunicação e Educação como Resposta Social sobre a Mídia: Olhares sobre o Projeto “Fala, Haiti” Intercom	ARAUJO, Beatriz Pozzobon; REZENDE, Sarah Hiratsuka, 2017
Artigo de Evento Consumo de mídia	Imigração Haitiana na cidade de São Paulo - Comunicação e Consumo de mídias no mundo do trabalho Intercom	ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; COGO, Denise, 2017
Artigo de Evento Consumo de Mídia	Imigrantes Haitianos no Brasil e o Consumo de Mídia Intercom	ALMEIDA, Cristóvão Domingos de et al., 2016
Artigo de Evento Comunicação e cidadania	A imigração haitiana em Joinville (SC) e as estratégias de inserção em busca da cidadania Intercom	SOUZA, Sirlei de; BOING, Eliziane Meurer, 2017
Artigo de Evento Consumo de mídia	Mulheres imigrantes haitianas, usos de TICs e experiências de ativismo Comunicon	ALLES, Natália Ledur; COGO, Denise, 2018
Artigo de Evento Consumo de mídia	Comunicação em rede e webdiáspora: uma aproximação às redes sociais online de migrantes senegaleses no Rio Grande do Sul Comunicon	BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathália Drey, 2015

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: VENEZUELANAS NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE COMUNICAÇÃO E GÊNERO EM EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS

Nome da Pesquisadora Responsável: Brenda Pereira Menine

Nome professora orientadora: Dr^a. Elisa Reinhardt Piedras

Tema da pesquisa: A pesquisa faz parte da dissertação de mestrado da discente Brenda Pereira Menine, realizada no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa tem como tema a comunicação em contextos migratórios.

Objetivo: compreender o papel da comunicação nas experiências migratórias de mulheres venezuelanas no Brasil, bem como, (I) mapear o processo de chegada de migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil, na fronteira de Pacaraima/RR; (II) identificar a presença da comunicação nas experiências migratórias de venezuelanas, no momento de chegada no Brasil, priorizando as organizações da Operação Acolhida e (III) analisar a produção de sentidos das mulheres venezuelanas em relação à comunicação presente no processo de chegada no Brasil, em Pacaraima/RR.

Envolvimento na pesquisa: ao participar desta pesquisa você autoriza o uso das informações fornecidas a partir das entrevistas realizadas pela pesquisadora. Em qualquer momento até a publicação desta pesquisa você pode desistir da participação dela.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo poderão ser utilizadas durante a pesquisa, sendo, ao final, parte da dissertação de mestrado. Você autoriza o uso do seu nome na pesquisa? () Sim () Não, prefiro que ele seja omitido.

Benefícios: esperamos que este estudo traga resultados relevantes sobre os processos de comunicação em contexto migratórios, especialmente na fronteira do Brasil com a Venezuela (Pacaraima/RR).

Contatos: por meio do e-mail da pesquisadora *meninepbrenda@gmail.com*.

Consentimento Livre e Esclarecido | Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa/aula.

Nome: _____ RNM: _____

Assinatura da entrevistada

Assinatura da pesquisadora

___ de _____ de ____, Pacaraima – RR.